

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

RESPOSTA

DO

GENERAL J. I. DE ABREU E LIMA

AO

CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA

OU

Analyse do primeiro juizo de Francisco Adolpho Varnhagen

ACERCA DO

COMPENDIO DA HISTORIA DO BRAZIL.



PERNAMBUCO

NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA,
Rua das Cruzes N. 34.

1844.



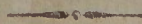
AO PUBLICO.

Devo antes de tudo declarar, que eu não responderia a este insulto, que tem tanto de torpe como de estúpido, senão houvesse occorrido uma circumstancia na publicação do meu Compendio, a qual me obriga a quebrar o proposito de não responder a nenhuma censura, que não fosse feita conforme as regras da hermeneutica, e sobretudo com a devida eortezia, como he costume entre a gente de mediana educação. Aconteceu que S. M. o Imperador tivesse lido uma brochura do meu Compendio antes da sua publicação, e constou-me que agradara ao Mesmo Augusto Senhor; então tomei a deliberação de ir pedir o Seu Consentimento para dedicar-Lhe o meu trabalho, e levei a S. M. I. uma copia da Dedicatoria. Recebeu-

me immediatamente com todo o agasalho , e Lendo o authographo , que eu Lhe apresentára , sem nenhuma outra formalidade das que se usão em taes casos, Disse-me com toda a urbanidade e Imperial benevolencia , que a Acceitava, e que eu podia mandal-a imprimir. Beijei-Lhe a Mão , e o Nome Augusto do Sr. D. Pedro 2.º sahiu á frente da minha obra.

Ora , para quem conhece o Padre Januario e o Instituto de hoje , o libello famoso contra o meu Compendio não faria senão realçar o seu merecimento ; porém para os incautos , para os habitantes das outras provincias , a cousa muda muito de figura ; e quem visse o Nome Excelso do Imperador , cobrindo e protegendo uma Obra tão miseravel , como se inculca , teria para si que eu havia sorprendido a Boa Fé do Mesmo Augusto Senhor , obtendo antes a licença de servir-me de tão Sagrada Egide para encobrir as mazellas do meu trabalho. Portanto julguei necessario prescindir da minha resolução anterior , e provar á toda a luz , que o meu Compendio não he indigno da Alta Protecção Imperial , e que S. M. não foi enganado por mim , nem podia sel-o , tendo lido , antes de Acceitar a minha Dedicatoria, a obra que Lhe fôra consagrada.

Um respeito, acima de tudo quanto o merece de telhas abaixo , me obrigou a emprehender esta tarefa como uma oblação devida ao Excelso Nome de S. M. I. , e tambem para que se veja que o Mesmo Augusto Senhor se não Enganára no Juizo que , n'aquella época , Formou da minha Obra.



RESPOSTA

DO GENERAL JOSÉ IGNACIO DE ABREU E LIMA

ao Conego Januario da Cunha Barboza,

ou analyse do primeiro *juizo* de Francisco Adolpho Varnhagen
acerca do

COMPENDIO DA HISTORIA DO BRAZIL.

No numero 21 (tomo 6.º) da Revista trimensal, ou Journal do Instituto historico e geographico brasileiro, lê-se seguinte Parecer: « A Commissão de redacção da Revista trimensal do Instituto historico e geographico do Brazil examinou o primeiro *juizo*, que acerca do novo Compendio da historia do Brazil publicou o Sr. J. I. de Abreu e Lima; e achando *ordadas* as considerações feitas pelo nosso socio o Sr. Francisco Adolpho Varnhagen, *especialmente contra o plagio tomado do insignificante escriptor Francêz Beauchamp*: he de parecer que o Instituto deve adoptar e publical-o na Revista, para que possa chegar ao conhecimento dos possuidores do dito Compendio; visto que para a instrucção elementar he *menos recommendavel* que o do Sr. Bellegarde. Rio de Janeiro 14 de Janeiro de 1844. *J. da Cunha Barboza.*—Antonio José de Paiva Guedes de Andrade. »

Esta sentença iniqua e infame contra a minha reputação e contra a minha honra, como escriptor publico, foi proferida, e appareceu sanccionada pelo Instituto, sem o menor conhecimento da minha parte. Eu tinha sido ferido no que o homem de pundonor tem de mais delicado, sem ser ouvido nem convencido, contra todos os estylos das associações litterarias, e até contra uma resolução tomada pelo mesmo Instituto, em virtude de uma indicação do Sr. Dr. Bivar, um dos seus socios mais respeitaveis. He verdade que eu esperava o couce, porque conheço a besta de quem partiu, mas nunca tão grosseira e brutalmente como foi dado, e menos reforçado pelo Instituto, em cujo cathalogo figuram mais de 300 nomes de Brasileiros distinctos como seus membros, entre os quaes apparecem os nomes mais respeitaveis do Brazil.

He tambem muita verdade, que nenhum desses homens distinctos vai ao Instituto, nem sabe o que nelle se passa: que o tal Instituto he apenas a reunião de uma meia duzia de individuos sem credito litterario, nem reputação do menor quilate; e que esses oradores de Commissões, que apparecem tão frequentemente em dias de jubilo nacional, são pessoas respeitaveis, que nunca vão ás reuniões, e que recebem esta incumbencia por um recado ou carta, e a aceitam tão sómente pela honra de dirigir a palavra ao Imperador. Isto mesmo he apenas uma especulação do *Secretario perpetuo* para que se diga, que taes individuos comparecem nas reuniões. Assim pois devo declarar, em abono da verdade, e para que conste a todo o Brazil, e onde convier, que o tal Instituto, em cujo nome me calumniou o Padre Januario, he apenas a reunião de meia duzia de parasytas insignificantes, commandados, disciplinados e inspirados pelo intitulado *Secretario perpetuo*, ou, por outra, he a taverna onde bebe e folga o Padre Januario; he o seu *escritorio de agencias*, ou casa de cambio, onde troca Diplomas honorarios por Commendas, habitos, e outros titulos honorificos, &c. O Instituto historico, quando foi creado, poderia servir de muita utilidade ao paiz, porém eu prognos-

quei a sua márchã futura , logo que vi inscripto como Secretario perpetuo o asqueroso redactor da *Mutuca Picante* , adirão de gloria litteraria do Padre Januario.

Deliberada a creação do Instituto , veiu a minha casa o nado Marechal Cunha Mattos, que nutria commigo boas relações de amizade , a pedir-me com muita instancia , que eu fosse um dos Socios instituidores; a cujo pedido me neguei dizendo-lhe , que tinha adoptado por norma de minha conducta não pertencer á nenhuma sociedade no Brazil, quér publica quér secreta. Varios de meus amigos muito se empenharam commigo para que os acompanhasse nesse , que elles chamavam patriotico empenho; porém a um delles, que ainda existe , e a cujos esforços deve talvez o Instituto o seu brilhante começo , disse eu que , ainda quando não houvesse outro motivo de arredar-me de semelhante sociedade , bastaria entrar nella o Padre Januario para que eu repellisse todo e qualquer convite para seu membro : appello hoje para sua memoria. Desgraçadamente algum tempo depois enrou outro amigo em minha casa, n'um desses dias, em que o homem mais escrupuloso e constante esquece por seus peccallos o que a si mesmo promettêra , e tirando da algibeira uma carta, me disse, que era o Diploma de *Membro honorario* do Instituto historico , que me enviava , de parte do mesmo Instituto , o intitulado Secretario perpetuo , e que esperava que eu o acceitasse.

A minha primeira idéa foi repellir tão inesperada graça , porém este amigo me ponderou , que eu o ia comprometter para com uma porção de homens honestos , que então (em 1839) frequentavam o Instituto , visto que elle me havia proposto em uma reunião de mais de 20 pessoas , as quaes approvaram a sua lembrança ; disse igualmente que o titulo honorario não me impunha deveres para o Instituto , e que eu não era obrigado a comparecer; e demais que era uma distincção mui particular , que de mim fazia o Instituto , porque era honra , que só se tinha conferido , até então , a Brasileiros mui illustres , entre os quaes figurava o Marquez de Itanhaem como Tutor , que era de S. M. o Imperador.

Não de certo por esta honraria , mas por considerações a este e a outros amigos meus , que então concorriam ao Instituto , e que hoje lá não vão , respondi ao tal Secretario *ad perpetuam rei memoriam* nos seguintes termos : « Illustrissimo Senhor Conego = Tenho a honra de accusar a recepção da carta de V. S. de 6 do actual , acompanhando o Diploma de Sócio honorario , com que o Instituto historico e geographico Brasileiro teve a bem honrar-me ; he pois de meu dever significar a V. S. que acceito o favor do Instituto , afim de que se sirva assim fazê-lo sciente na primeira occasião.—Deos Guarde a V. S. — Rio de Janeiro 11 de Novembro de 1839 — (assignado) *J. I. de A. e Lima.*

Por esta resposta vê-se claramente, que eu nem se quer agradei ao Instituto o seu favor, e que acceita-lo foi já um sacrificio. Enganar-me-hia então ? Pois bem , he o proprio homem , á cuja casa se lhe mandou um dos primeiros Diplomas de socio honorario , como uma distincção de alto merecimento , a quem esse mesmo Instituto (digo mal, he outro muito differente) cospe na cara uma injuria atroz , envolta n'uma calumnia. Eu li na noite de 22 de Abril o parecer da commissão , que me calumniava , e no dia immediato dirigi ao Secretario do Instituto a seguinte carta: — « Ill.^{mo} Sr.—Em vista do Parecer da Commissão de Redacção da Revista Trimensal do Instituto historico , exarado na Sessão de 19 de Janeiro ultimo , e que vem impresso á pagina 124 do n. 21 da mesma Revista , ácerca do *primeiro juizo* do Sr. Francisco Adolpho Varnhagen sobre o meu Compendio da Historia do Brazil , não me he licito nem decoroso continuar a pertencer á semelhante assosiação ; portanto devolvo a V. S. o Diploma de Membro honorario , que me foi conferido pelo mesmo Instituto em 6 de Novembro de 1839 , esperando que com esta devolução seja o meu nome riscado da lista dos seus Socios. Deos Guarde a V. S. Rio de Janeiro 23 de Abril de 1844.—(assignado) *J. I. de A. e Lima.*

Eu mesmo levei em pessoa esta carta á casa do 2.^o Secretario , e creio que qualquer homem honesto teria feito outro tanto; eu não podia ser membro do Instituto do Padre Janua-

rio, visto que, por nosso natural deleixo, abandonamos tudo
os especuladores e velhacos de profissão. Tal he hoje o Ins-
tituto historico, no qual não tem a menor parte activa ne-
hum homem honesto, nenhum homem intelligente do paiz,
com quanto figurem nelle os nomes mais respeitaveis. Já não
sou membro desse Instituto; nenhuma consideração terei
por um Corpo, que tão mal se houve commigo. Eis-ahi a
consequencia de abandonar-se á um homem de tão baixos
sentimentos, como o Padre Januario, a direcção de uma so-
ciedade litteraria de tanta valia: eis-ahi o resultado de um
procedimento inaudito, que só um homem tão ignorante e
immoral como o tal Secretario *ad perpetuam* poderia ter, in-
damando, calumniando a um membro do Instituto em nome
do mesmo Instituto. Em nenhuma corporação litteraria succe-
deu nunca semelhante compromettimento, porque he costu-
me não publicar nenhuma censura contra os seus membros
sem ouvir primeiro o autor censurado; e só depois de um exa-
me muito profundo e meditado sobre a censura e a defeza, só
depois de convencido o autor de faltas, á que não póde sa-
tisfazer, he que apparece (nem sempre) a censura, nunca em
nome da Sociedade, mas do censor. Aqui porém foi o proprio
Instituto quem me injuriou, porque foi em seu nome que se
me desfechou o golpe, sem eu ser ouvido, e no maior segredo;
só quem vive no Rio de Janeiro he que sabe, que o Instituto
hoje simbolisa o Padre Januario, ou que o Padre Januario
e o Instituto encarnado.

Mas, que interesse tinha esse miseravel, perguntará al-
guem, de calumniar-me? O mesmo, responderei, que tinha
em 1834, quando redigia o *Correio Official* e a *Mutuca Pican-*
meie, quando não me conhecia, nem talvez me tivésse visto,
por esse odio que consagra a tudo quanto he honesto e pro-
prio no paiz. Lançai as vistas sobre a nossa Sociedade, vêde
nos nossos mais distinctos concidadãos, e entre todos não
achareis um só, começando pelo inclito fundador do Impe-
rio, o nosso 1.º Imperador, que não tenha no coração
uma seta lançada pela mão arteira do Padre Januario; libel-
lista de profissão, até do Instituto historico quiz fazer sen-

tina de suas nojentas injurias, e houve homem tão infame como elle, que se lhe assossiou. Pois bem, então (1834 e 1835) o Padre Januario me insultava debaixo do anonimo, hoje assigna o seu nome; sei portanto a quem devo dirigir-me, e a besta não me escapará; já agora creia o Padre Januario, que me terá nas ancas com botas e esporas até o dia do *requiem in aeternum* de um dos dois.

Vamos pois ao tal parecer da Commissão de Redacção. Diz o Padre Januario que o meu Compendio da Historia do Brazil *he um plagio tomado do insignificante escriptor Francez Beauchamp*, e por isso *he menos recommendavel* que o do Sr. Bellegarde. Um plagio *tomado* he phrase, que só occorreria ao Padre Januario, mas emfim vamos ao que importa. *Plagio*, como define o nosso Moraes, quer dizer — *a fraude ou vicio do plagiario* — e Plagiario — *o que usa de pensamentos ou expressões alheias como suas, e sem as referir a seu autor*—Tachar pois a minha Obra de *plagio* he attribuir-me a *fraude* de usar de expressões alheias sem as referir ao seu autor. Poderá proval-o o Padre Januario ou alguem por elle? Poderá dizel-o a alguem sem a mais revoltante impudencia? O parecer portanto se funda em uma grosseira calumnia, e da calumnia me resulta a mais grave injuria, que se póde fazer ao homem de letras, e sobre tudo ao homem honesto, que presa a honra de ser tido como tal, e cuja moralidade está acima da comprehensão do Padre Januario.

Felizmente tive tanta prevenção no meu Prefacio, que fui até minucioso de mais: talvez tivesse nisso parte a lembrança das boas qualidades do Secretario *ad perpetuam*. Depois de haver exposto os motivos, que me induziram a redigir o Compendio da Historia do Brazil, prosegui desta maneira —
« Resta-me agora dizer os meios, que empreguei na redacção
« deste Compendio, que *muito pouco tem de propria lavra*
« Servi-me em grande parte do *trabalho alheio*. . . . » (como só me accusam por ora de *plagiario* por ter copiado a Beau champ, fallarei tão sómente deste; eis-ahi pois o que disse a este respeito): « Do segundo capitulo por diante, até
« quinto inclusive, *seguí a recopilação de Southey por Beau*

champ, e a de Fernando Denis por Bellegarde, com as correções de outros escriptores, principalmente sobre a guerra dos Hollandezes, &c. ». (continuando) « A variedade pois do estylo, que se encontra no meu Compendio, não he um defeito como se poderia suppôr, mas tão pouco he filha da arte, pois que, como já disse, muito pouco ha de *propria redacção*; extractando ou *copiando* conservei *muito de proposito* o estylo dos autores, de que me servi, alterando *poucas vezes* uma ou outra palavra, uma que outra phrase. »

Disse pois que havia extractado e *copiado* varios autores, conservando *muito de proposito* (note-se bem) os estylos de cada um, alterando *poucas vezes* uma ou outra palavra, uma que outra phrase; disse mais que do 2.^o capitulo até o 5.^o inclusive tinha següido a Beauchamp, e usei até da phrase — *compilação de Southey* — para que se visse que eu lhe não attribuia a originalidade. Onde está pois, Sr. Padre Januario, a *fraude*, o roubo de alheias expressões *sem declarar o autor*? Onde o *plagio*, que me attribuis? Para que, com que fim levantastes uma calumnia, desmentida pelas minhas proprias palavras, que não podereis negar, porque estão impressas no meu Prefacio? Oh! a cousa he bem simples: queirais lançar-me uma injuria, e o carvão, quando não queima, tisma. Para os incautos, para os desapercebidos eu passaria por um fraudulento, pedante e charlatão, não he assim? Mas enganaste-vos miseravelmente, e cahistes na mesma cilada, que me tinheis armado; sou eu agora que vos tenho debaixo dos pés para esmagar-vos.

O Padre Januario, para tornar-me ainda mais ridiculo, não se contentou com accusar-me de *plagiario*, e aggravou a calumnia por ser o plagio feito (tomado, diz o pedante) *especialmente do insignificante escriptor francez Beauchamp*. Não me de admirar que assim se expresse aquelle miseravel, quando não só ignora o que passa fóra, como tambem o que se tem escripto no proprio paiz. O Padre Januario he tão ignorante que nem ao menos sabia, que, lançando uma injuria tão grave a Beauchamp, ia escarrar sobre o tumulo do Visconde de

Cayrú de honrada memoria. Veja-se agora o que diz o finado Visconde daquelle, a quem o Padre Januario chama *insignificante*. Na primeira parte da historia dos principaes successos politicos do Imperio do Brazil, pag. 19, lê-se : « Em 1815 se publicou em Pariz uma historia do Brazil « (em 3 volumes oitavo) na lingua franceza de *Mr. Affonso de* « *Beauchamp*, que logo foi traduzida em Lisboa e no Rio de Ja- « neiro. Não posso deixar de dizer, que, *supposto seja de me-* « *recimento por mais concisa*, comtudo não emparelha com « a do referido Roberto Southey. »

Um pouco adiante, na mesma pagina, ainda se exprime o Visconde de Cayrú pela seguinte maneira : « Posteriormente « o dito *Mr. Beauchamp* deu a luz em 1824 outra Obra com o « titulo de — *Independencia do Imperio do Brazil*, apresen- « tada aos Monarchas da Europa — *Supposto se valesse de* « *algumas idéas daquelle seu predecessor (Mr. La Beaumelle)*, « comtudo, em obsequio da verdade devo dizer, que aos « *Brazileiros cumpre confessar o serem com especialidade obri-* « *gados ao mesmo Beauchamp*, por ser não só *estrenuo e elo-* « *quente advogado da causa do Brazil*, mas tambem por ter « feito justiça ao seu *heroico Libertador* (*). » Em uma nota á mesma pagina accrescenta o Visconde, que *Mr. Beauchamp tambem adquirira credito* por outra obra menor, em refutação a um folheto impresso em Londres, sahido de uma legação estrangeira, e que desta e da precedente publicára (o mesmo Visconde) *extractos com varias notas em 1824*. *Mr. Beauchamp* por estes serviços mereceu ser condecorado com a Imperial Ordem do Cruzeiro, e obteve do governo do Brazil sinceros agradecimentos.

O homem, pois, que escreveu uma historia do Brazil ;

(*) Eis-ahi toda a birra do Padre Januario contra *Beauchamp* : este escriptor elogiou ao Sr. D. Pedro 1.^o, de gloriosa memoria, quando elle o encheu de calumnias, de torpes invectivas e de injurias ; talvez seja esta tambem a causa, que o tornou meu detractor gratuito.

que mereceu logo duas traducções na lingua portugueza , e cujo *merecimento* confessa o Visconde de Cayrú; o *estrenuo e eloquente advogado da causa do Imperio*; o que adquirio *ainda mais credito* por outra obra em defeza da mesma causa; he aquelle mesmo a quem o Padre Januario chama *insignificante escriptor francez*!! Note-se porém a differença entre as opiniões do Padre Januario e as do Visconde de Cayrú; ella he tão grande quanto a distancia , que separava , em vida do segundo, estes dois homens : a baixeza , a duplicidade e a calumnia de parte do Padre Januario ; a nobreza d'alma , a franqueza e a honra immaculada de parte do Visconde : a infamia e a traição de parte do primeiro ; a lealdade , e até um cavalheirismo exemplar de parte do segundo : a ignorancia crassa , a pedantaria , e o charlatanismo litterario de parte do primeiro ; a instrucção solida , e as opiniões mais firmes e orthodoxas de parte do segundo. Eis-ahi a differença, que existe entre o calumniador ignorante e o sabio encomiasta de Beauchamp: decida o publico.

O Padre Januario tinha vontade , de accordo talvez com mais alguém , de emporcalhar o meu Compendio ; porém he tão ignorante da historia do Brazil, tão superficial em tudo, que não sabia o que dizer , nem por onde lhe tocasse ; lembrou-se então desse pobre moço (Varnhagen) seu cliente e mais alguma cousa, cuja historia irá em resumo mais adiante, e lhe encarregou com a possivel brevidade uma *solemne descompostura*. O pobre diabo, sem conhecer-me , e pelas simples informações do insigne Secretario *ad perpetuam*, que (já se sabe) seriam as mais frisantes , pegou da penna, e não heuve insolencia , sandice , calumnia e disparate , que não assoalhasse em um monturo de papel sujo. Todavia , o que ha de mais importante nesta alhada he , que o Instituto havia nomeado uma Comissão, composta dos Srs. Dr. Bivar e Conselheiro Bento da Silva Lisboa, para darem um parecer sobre o mesmo Compendio , e estes Senhores apresentaram-no , dizendo , que não convinha por ora emittir opinião acerca da obra ; porque, contendo muitos factos, em que erão envolvidas pessoas de elevada posição social , era prudente

não aventurar um juizo sobre taes factos e pessoas , e deixar isto para tempo mais remoto.

Entretanto já possuia o Padre Januario o libello injurioso do seu cliente Varnhagen ; e como a approvação do Parecer dos Srs. Bivar e Lisboa ia inutilisar esta obra prima da calunnia e da injuria mais revoltante, que era a menina dos seus olhos , taes artes fez , taes voltas deu , que o referido Parecer não foi approvedo ; e na ausencia dos dois respeitaveis socios Lisboa e Bivar o substituiu pelo *juizo* do Sr. Varnhagen , que não he melhor que o juizo do Padre Januario , nem dos que se acham reclusos na Santa Casa da Misericordia. De sorte que , antes de approvar-se ou rejeitar-se o Parecer de uma Commissão do Instituto , nomeada expressamente para dar a sua opinião sobre o Compendio , he posto de parte este parecer , como cousa tão insignificante , sendo substituido por uma simples carta de um socio correspondente , sem missão do Instituto para isso. Acredita o Padre Januario que o *juizo* do Sr. Varnhagen val muito mais para o Instituto e para o Brazil do que o parecer dos Srs. Lisboa e Bivar ? E estes Senhores terão a coragem , o denodo de acceitar daqui em diante outra commissão do Instituto ? Então ! tenho eu outro não motivo para dizer , que o tal Instituto he do Padre Januario , e não do Brazil ? Foi acaso o Instituto quem preferio ao Parecer razoavel e cordato destes dois membros effectivos , o libello torpe e estúpido do Sr. Varnhagen , ou foi o Padre Januario ? Negue-o alguém se tiver coragem para tanto.

Ainda mais occorre outra circumstancia muito notavel e vem a ser , que o mesmo Instituto , em virtude de uma proposta do Sr. Doutor Bivar , tomou a resolução de não publicar na sua Revista nenhum Parecer contra as obras de seus membros ; á vista de cuja resolução deviam ser taes pareceres *archivados em manuscrito* ; e citarei entre outros o do Sr. Machado de Oliveira contra as Corographias do Pará escriptas pelos Srs. Baena e Accioli , e o do Sr. Bivar contra as Memorias historicas do Sr. Fernandes Gama de Pernambuco. Que motivo pois havia para quebrantar-se a meu res-

e locito semelhante resolução , fazendo-se imprimir na Revista, não um Parecer ordenado pelo Instituto , mas um artigo communicado , sem nenhuma regra de critica litteraria , e só dirigido a injuriar-me ? O Padre Januario que responda , e elle bem sabe o porque. O Instituto , quando era do Brazil , tomou aquella resolução , mas o Instituto do Padre Januario pensa hoje de diverso modo , e eu fui calumniado e injuriado torpemente.

O Padre Januario , para apadrinhar 'o seu nome , associou o de outro individuo como membro da Commissão de redacção ; felizmente escolheu o mais insignificante entre todos os socios do Instituto. O Sr. Paiva Guedes , verdadeiramente o colosso de materia , *et præterea nihil* , he uma completa nullidade em qualquer ramo dos conhecimentos humanos. Nome obscuro até a época do diluvio das *graças* , só he hoje conhecido como o feliz morgado das commendas e habitos , a quem se póde applicar o—*beatus venter qui te portavit , et ubera quæ sugitis*. — Que motivo teria este homem para tambem lançar-me em rosto uma injuria , sellando com seu nome uma calumnia torpe e esfarrapada ? O Sr. Paiva Guedes já esqueceu , que veiu da sua terra nú e faminto , e agora que já tem uma casaca , pretende celebrar-se á minha custa , sem comprehender o abysmo , que nos separa ! Pois bem , Sr. Paiva Guedes , reparaí que os tempos mudam , e que este abysmo vos póde tragar um dia. Perdõo-vos entretanto , porque ainda sois mais ignorante do que o Padre Januario , e he possivel sel-o mais ; e sobretudo menos perverso sem uvida alguma.

O Padre Januario conhece bem , que toda a comparação e odiosa , e por isso a estabeleceu no seu Parecer entre o meu Compendio e o do Sr. Bellegarde ; porém enganou-se a meu respeito , se acreditou com isto ferir o meu amor proprio ou o meu interesse : a edição do Compendio não me pertence , porque he propriedade dos Editores , portanto já vê que me não apanha pelo lado do ganho. Emquanto ao amor proprio , não he o meu tão fatuo , que vá ferir as conveniencias sociaes , a as regras de uma boa educação , só porque

um mentecapto se lembrou de cuspir-me uma injuria ; não isso não , graças a Deos. Respeito muito as cinzas do autor do Compendio , que me he preferido , assim como as boas qualidades de seu irmão para entrar em comparações , cuja odiosidade deixo á alma vil do Padre Januario , se he que elle tem uma alma. Para que o meu Compendio seja bom não he mister que o do Sr. Bellegarde seja máo , ou vice-versa. O que eu repillo , como uma affronta ao senso commum e a intelligencia dos Brasileiros , he o juizo do Padre Januario a este respeito.

O Padre Januario não he litterato , nem possue nenhuma sciencia *ex professo* ; tão pouco he conhecido como escriptor porque nenhuma Obra existe , sobre qualquer ramo dos conhecimentos humanos , escripta por elle. Além do *Correio Official* nos annos de 1833 e 1834 , de aziaga recordação , e da *Mutuca Picante* , apenas tem publicadô algumas poesias fugitivas de pessimo gosto , entre as quaes apparecem algumas *Odes* (*Odres* lhes chamam alguns) no genero daquella de que falla Nicoláo Tolentino. —

« Aos novos Ursos todo o povo acode ,
« O estylo he sybillino , o nome he Ode. »

Todo o saber portanto , toda a erudição , toda a litteratura do Padre Januario consiste nos seus *admiraveis* Relatorios , como Secretario do Instituto , em que a sua *modesta e pudibunda* pessoa tem sempre grande parte. Se ha uma injuria flagrante contra a intelligencia do paiz he sem duvida essa enxurrada de mentiras e disparates , sahindo do alvedo do Instituto para expraiar-se pelo mundo civilizado , com mingoa do nosso credito litterario. Linguagem pedantesca inchada , incorrecta : estylo gongorico , de um ranço nauseabundo , sem typo nos classicos portuguezes , e fóra do gosto moderno : periodos de legoa e meia , sem nexos e regras de bem dizer ; eis-ahi o que são os relatorios do Padre Januario ; nem ao menos lê esse pedante os Discursos aca-

amicos , que todos os annos se repetem em todas as Sociedades litterarias e scientificas da Europa , para modelar por elles as suas desconchavadas arengas. Se os Ingleses fossem mais atilados ou menos cabeçudos , em lugar de fazerem a guerra a China pelo contrabando do opio , o teriam substituido pelos Relatorios do Padre Januario , que causariam o mesmo effeito do extracto da papoula sem necessidade de achimbo , o que já era uma grande economia.

Todas as vezes que se separa de lugares communs , mil vezes repetidos , e se lança na historia ou na geographia , commette erros crassos , ou então he o plagiario mais ridiculo de todo o mundo. No seu cerebrino Relatorio de 1841 dá-se o seguinte periodo : « Ainda bem proximo de nós se aponta um facto (quem o apontou ?) , que parece fazer-nos crer , que não fôra Cabral o primeiro descobridor da Terra de Santa Cruz. O testamento de João Ramalho , transcripto nas notas da Villa de S. Paulo pelo Tabellião Lourenço Vaz , em 3 de Maio de 1580 , perante o Juiz Ordinario Pedro Dias , e mais quatro testemunhas , com elle assignadas , diz que tinha 90 annos de assistencia na terra ; e porque então ainda não erão passados 50 annos da chegada de Martim Affonso de Souza ás plagas de S. Vicente em 17 de Agosto de 1532 , (erro grosseiro , Sr. Padre Januario , porque foi a 22 de Janeiro do mesmo anno) , segue-se que Ramalho ahi aportára no anno de 1490 , isto he , *oito annos* , pouco mais ou menos , *antes de saber-se na Europa , que existia a America.* » O que diz , Sr. Padre Januario ? pois America só foi descoberta em 1498 ? Dá-se um pedante contra este ? pois o descobrimento da America he facto controverso ? Como contaes os vossos oito annos entre a era de 1490 e a do descobrimento da America ? *oito annos antes de saber-se na Europa que existia a America* , quando seria apenas pouco mais de dois , se tal facto não fosse inteiramente falso , visto que Colombo , de volta da America pela primeira vez , chegou a Lisboa no dia 6 de Março de 1493 ? Deos te perdoe , alma damnada ! emfim prosigamos.

Ora bem , todo este periodo , que deixo copiado , he um

plagio feito a Fr. Gaspar da Madre de Deos ; e com quanto Padre Januario o nomêe mais adiante, he só para provar que Martin Affonso encontrára em S. Vicente a João Ramalho em 1532, e delle recebêra grandes serviços como genro de *Tabyreçá* (*). Porém isto ainda he nada á vista da logração, em que cahiu o reverendo plagiario, porque todo esse conto

(*) Para mais confundir a esse plagiario, copiarei aqui o trecho da — *Noticia do anno em que se descobriu o Brazil* — por Fr. Gaspar da Madre de Deos, que elle furtou, inverteu, adulterou, torceu, e viciou a ponto de tornal-o quasi uma blasphemia na bocca do seu verdadeiro autor, eil-o: «Eu tenho, diz Fr. Gaspar, uma copia do testamento original de João Ramalho, escripto nas notas da villa de S. Paulo pelo Tabellião Lourenço Vaz, aos 3 de Maio de 1580. A' factura do dito testamento, além do referido Tabellião, assistiram o Juiz Ordinario Pedro Dias e quatro testemunhas, os quaes todos ouviram as disposições do testador. Elle duas vezes repetiu, que tinha alguns 90 annos de assistencia nesta terra, sem que algum dos circumstantes lhe advertisse que se enganava, o que certamente fariam, se o velho, por caduco, errasse a conta; porque bem sabiam todos que em 1580 ainda não chegava a 50 annos a assistencia dos Portuguezes (veja-se como o plagiario deslocou e transtornou este argumentum) na Capitania de S. Vicente, aonde entrára Martin Affonso de Souza com a sua armada em dia de S. Vicente, 22 de Janeiro de 1532 (note-se como o plagiario viciou esta data substituindo-a erradamente pela de 17 de Agosto)..... Se pois, continha Fr. Gaspar, na era de 1580 contava João Ramalho alguns 90 annos de residencia no Brazil, segue-se que aqui entrou em 1490, pouco mais ou menos; e como a America pela parte do Norte foi descoberta em 1492, resulta que no Brazil assistiam Portuguezes oito annos pouco mais ou menos, antes de saber-se na Europa que existia o mundo novo.... » Ora, o computo de oito annos aqui não podia deixar de ser lapso de penna do autor ou erro de copia, porque salta aos olhos a differença entre 1490 e 1492, que he apenas de dois annos; a subtracção he tão pequena, que exclue qualquer calculo, e basta a simples vista para determinar-a; pois ninguem diria, estando em seu perfeito juizo, que de 1490 a 1492 vão oito annos. Longe, porém, de corrigir este erro ou engano, que deveria sel-o até mesmo na impressão da *Noticia* de Fr. Gaspar na Rev. do Instituto, foi ainda por diante o estúpido plagiario, porque não só o conservou lá, como o reproduziu no seu Relatorio; mas ficou-lhe ao menos a gloria de ter feito uma emenda *essencial*, uma correcção de *mestre*, que foi pôr a palavra — *America* — em lugar de — *mundo novo* — como tinha escripto Fr. Gaspar. Deos te dê juizo, alma de escaravêlho!!

da residencia de Ramalho, desde 1490, em S. Vicente, he um erro grosseiro de historia, he um absurdo, que eu desfiz em uma nota á pagina 13 do 1.º vol. do meu Compendio da Historia do Brazil; e tanto mais reprehensivel he esse erro, reproduzido pelo Padre Januario, quanto que já existia nesta Corte, e o Instituto possuia, o Diario de Pero Lopes de Souza, que desmente formalmente toda esta invenção. Aqui está pois a maneira como se porta o *sapientissimo* Secretario *ad perpetuam*: um plagio e plagio de um erro grosseiro de historia, recheado de muitos outros erros da sua reverenda cachola.

Todavia em materia de *gosto*, de *estyllo*, e de *erudição* nada he comparavel ao seu famoso Relatorio do anno de 1842; que peça de eloquencia! Pobre padre Islas, onde metterias o teu Fr. Gerundio, se chegasses a ler este relatorio!! Eu deffio ao pedante mais consummado a que accumule mais engrimação do que contém esta peça de retalhos; cada periodo he uma asneira, cada palavra um erro. E como não me seja possível analysal-o todo, copiarei aqui sómente parte de um pequeno periodo, para provar com elle o que deixo dito: «Ravardiere pretende segurar-se no Maranhão, *na mesma ilha* em que Ayres da Cunha escapára de ser engolido pelas ondas na sua derrota com os filhos de João de Barros para a *Capitania da Parahyba*. Porém marcha contra elle, armado por Gaspar de Souza, o brioso Jeronymo de Albuquerque Coelho, que, quebrando as furias desse soberbo Francez, *occupado em empolygar no Atlantico as ricas náos da India*, parecia resistir aos defensores desta interessante parte do Brazil, &c. »

Ora, Ravardiere desembarcou, fortificou-se, e *permaneceu até o seu rendimento* na grande ilha chamada do Maranhão, segundo diz Berredo, Liv. 2. de n. 149 a 159, e Ayres da Cunha salvou-se a nado, depois do seu naufragio, na pequena ilha do Queirão (chamada tambem do Medo), como assevera Magalhães Severim de Faria na vida, que escreveu, de João de Barros, citado pelo mesmo Berredo. Por tanto são duas ilhas,

e não a mesma ilha, como assevera o Padre Januario; duas ilhas diversas e separadas, pois que a do Medo dista da do Maranhão para o O. 550 braças. Porém o que ha de mais singular he a derrota de Ayres da Cunha e dos filhos de João de Barros para a *Capitania da Parahyba*!! Deos eterno! este padre está doido!! Já em outro periodo anterior do mesmo relatorio disse elle, que os filhos de João de Barros naufragaram com a expedição, que devêra estabelecer a sua colonia na *donataria da Parahyba*. Onde pois encontrou o Padre Januario semelhante noticia? Ah! bom Varnhagen, porque não voltas tuas iras contra este inventor de donatarias? Vamos ao serio.

Pero Lopes de Souza teve doação de 80 legoas de terra na costa do Brazil, sendo 50 legoas no Sul, e 30, que começariam no rio de Santa Cruz, *que cerca em redondo a ilha de Itamaracá*, e acabariam na bahia da Traição. Aqui tendes Sr. Padre Januario, absorvido quasi todo o litoral da que foi Capitania da Parahyba; e se acreditais no vosso cliente Varnhagen, João de Barros e Ayres da Cunha tiveram duas capitánias, uma de cem legoas de costa, *que hoje se comprehendem nas provincias do Rio Grande e Ceará*, e outra de 50 desde Cabo de Leste até a Bahia de Gurupy, &c. Ora, dizei-me agora onde descobristes, desde o Rio Grande do Norte até a Bahia de Gurupy, uma *donataria da Parahyba* para os filhos de João de Barros? Todavia, no que este charlatão se mostra não falso como ridiculo, he quando descreve o pobre Daniel La Touche, senhor de la Ravardiere, *occupado em empolgar no Atlantico as ricas náos da India!* (*) pobre La Touche não só vencido mas tambem pirata!

(*) O Padre Januario he capaz de dizer o maior disparate do mundo, com tanto que possa encaixar uma phrase campanuda e como lhe pareceu bonito— empolgar no atlantico náos da India foi escrevendo sem saber o que dizia. *Empolgados* tem esse pante osmiolos, ha muito tempo.

Veja-se agora a *verdade* historica do Padre Januario no seguinte espelho. Pelas informações, que levou a Henrique 4.^o o Sr. des Vaux, encarregou este Monarcha a La Ravardiere o exame ocular do paiz; partiu este para o Maranhão, e depois de sérias observações voltou a Pariz, quando já Henrique 4.^o não existia. Persuadido Ravardiere da vantagem de colonisar aquella interessante parte do nosso Continente, fez uma Sociedade com mais dois cavalheiros de illustre nascimento e fortuna (Racilly e Harlay), e com patentes Reaes, em nome da Rainha Regente, e não como piratas, vieram com tres navios, 500 homens, e uma missão de 4 Religiosos estabelecer-se na ilha do Maranhão. La Ravardiere nem ao menos era homem de mar. Tanto não era sua missão *empolgar* *navios da India*, que, encontrando na sua derrota tres grandes navios da Asia, e reconhecendo-os, deixou-os passar sem a menor intenção de os *empolgar*; e para desmentir ao Padre Januario basta o seguinte trecho de Berredo, Livro 2.^o n.^o 137: « Em 13 de Junho se acharam debaixo da Equinoxial (as *navios de la Ravardiere*), que passaram sem calmas, felicidade pouco ordinaria na navegação, e em 17, na altura já de 4 grãos ao Sul, encontraram *tres grandes navios portuguezes, que vinham da India oriental*; mas, reconhecendo-se uns e outros, na ordem naval, *continuaram todos as suas derrotas, sem outra alguma acção.* » Onde achou pois o Padre Januario fundamento para a calumnia, ou para a mentira, que improvisou? Ahi tendes, leitores, a *grande* erudição deste pedante, vestido com as galas de homem de letras, verdadeira gralha ataviada com pennas de pavão.

Em quanto a dizer o Padre Januario no mesmo Relatorio, (quando já existiam nesta Côrte as *profundas* Reflexões do *eruditissimo* Sr. Varnhagen), que Christovão Jacques fôra o Capitão da segunda armada, que veiu explorar as costas do Brazil em 1503, o mesmo Sr. Varnhagen lhe pedirá contas, como m'as pediu no seu *Juizo*, cujas *considerações* achou o reverendo Secretario *ad perpetuam* mui *cordatas*; o que prova quanto pesão os miolos do Padre Januario, e quanto val o seu criterio em materia de *juizo*. Tambem omitte fallar de

Americo Vespuccio nas duas primeiras explorações, contra o voto do mesmissimo Sr. Varnhagen, sem temer outro juizo, como o que me cahiu em casa; mas bem sabe elle porque o não receia, e he porque o tal Varnhagen não faz essas cousas senão por seu mandado, e o Padre Januario não se mandaria descompôr — tão estúpido não he elle; isso não.

Em quanto ás bellezas do estylo deste novo Gerundio de Campaças peço aos meus leitores que, por desconto dos seus peccados, leiam os Relatorios do Instituto, em cujas soporiferas paginas encontrarão o ente, que sonhou o Padre Islas; e para aquelles que não quizerem passar por essa prova de dura penitencia, já salvos da quaresma, lhes apontarei apenas como *specimen* o seguinte retalho do Relatorio *monstro* de 1842. Eil-o: « *O Genio da Independencia* (irra!) observa, nau-
« fragando nas aguas do Maranhão, os filhos deste illustre va-
« rão (João de Barros), que a tanto custo, e de sociedade
« com outros (o Sr. Varnhagen diz que he mentira) apresenta-
« ra a expedição com que devêra estabelecer a sua colonia no
« *donataria da Parahyba.* » Veja-se pois por este bocadinho de
ouro, e por tudo o mais que lá se acha, se tenho razão para
dizer, que este mentecapto he uma injuria viva, um argu-
mento *ad verecundiam*, contra a intelligencia dos Brasileiros.
Eu poderia reproduzir aqui a analyse de todos os Relatorios
desse pedante, que está feita por partes, porém são tantos
os erros crassos, as miserias do seu estylo, que não bastariam
resmas de papel para classificar-os devidamente. A' muita
gente porém os tenho dito e lembrado, até mesmo a muitos
membros do Instituto; os quaes, concordando commigo,
sentem com tudo que a desgraça do nosso paiz seja tal, que
convém não divulgar tantas mazellas. Eu nunca quiz pul-
verisar a esse gafanhoto; mas hoje, já que lhe poupo a
cabeça, quero ao menos cortar-lhe as azas para que não es-
voace.

Se me permittissem a estreiteza deste artigo, e o tempo,
pois que desejo acabar esta nojenta tarefa quanto antes,
publicaria as gentilezas do Padre Januario na Bibliotheca pu-

lica, pois que possuo todas as provas da sua supina ignorância, e *algo mas*; (*) porém ainda não he tarde, e por ora só recordarei ao charlatão bibliothecario que até hoje, além do que foi feito por *outram*, ainda não deu um passo no cathalogo da Bibliotheca, sem embargo do immenso trabalho, que lhe cou feito. Para elle a Bibliotheca he uma verdadeira *sine-cura*, como tudo mais quanto lhe cai nas mãos. Parece que para elle, e só para elle, foi copiada na *Minerva* do 1.º do corrente Jaio a seguinte anecdota, talvez por algum apreciador da *vasta erudição*: « Um fidalgo francez, que visitava a Bibliotheca do Escorial, aonde então se achava El-Rei, vendo a *muita ignorancia do Bibliothecario*, voltou-se para o Monarcha, dizendo-lhe: Aqui está, Senhor, um homem bem digno de lhe entregardes a administração da vossa fazenda, pois se vê que não toca no deposito, que se lhe confia. » Cito anecdota, porém desde já declaro, que me não conformo com a conclusão. Em quanto a entregar ao Padre Januario a fazenda publica! Deos eterno! semelhante blasphemia não sahiria da minha bocca! Que tal iria o theouro publico com o malversador do pequeno peculio do Instituto?

Finalmente sou obrigado, em descargo da minha consciencia, a confessar que o Padre Januario tem uma qualidade inimitavel, que excede toda a humana comprehensão: he o seu grande talento, a sua vocação. Ninguem ainda o igualou na arte de defamar, e de encher de torpes convicios a qualquer pessoa por honesta, por virtuosa, por moderada que seja, *e não está no poder*; para isto tem elle um estylo, que he todo seu. Quereis um exemplo? ahi o tendes:

(*) O Padre Januario he um impostor tão descarado, que teve a audacia de offerecer ao Governo, como feito por elle, (ainda em vida do seu verdadeiro autor) o Relatorio dos manuscritos, que vieram do Gabinete do Marquez de Santo Amaro, quando este Relatorio fôra feito em uma das salas da Bibliotheca, e á vista de varios empregados, pelo Conselheiro Julio Wallenstein.

Discurso recitado no dia de S. João de 1833 pelo Conego JANUARIO DA CUNHA BARBOZA, Veneravel da L.: Comercio e Artes, no Templo da rua do Passeio; impresso na typographia Americana como a melhor recommendação para os Eleitores do Rio de Janeiro, afim de o elegerem Deputado naquelle anno. (Creio que não teve um voto)

« He agora¹, meus charos Irmãos, permitti que vos diga, embora já o saibais, he agora o tempo, em que mais e mais devemos apertar os anneis da sagrada cadeia, que nos liga, para que não seja como outr'ora, em 1822, quebrada por *esse vil traidor, por esse fratrecida abominavel e perjuro*, (quem he esse monstro? Deos de misericordia! bagatella, apenas se trata aqui do Sr. D. Pedro 1.^o de gloriosa memoria, para o Brazil, bem entendido, que não para o Padre Januario, autor deste libello), que, zombando das promessas e juramentos mais sagrados, que havia prestado, perseguio por todos os meios a Sub.: e RR.: Ord.: Maç.: sua Augusta Mãi! Sepultou nas mais profundas masmorras seus dignos e virtuosos II.: !! Deportou-os para fóra do Brazil, arrancando-os do seio de suas familias! e, para cumulo de todas as maldades, levou ao patibulo mais infame o respeitavel Cavalleiro R.: C.: João Guilherme Ratecklif!!! Basta, meus charos II.:, basta de recordar feitos horrorosos de UM MONSTRO, (ainda he o mesmo Sr. D. Pedro 1.^o) que pelos seus fingimentos chegou a merecer da Augusta e Sublime Ordem Maçonica a sua poderosa cooperação para possuir a COROA do Brazil; notai unicamente, que he este o *heroe*, por que suspirão *incautos Brasileiros*, illudidos por inimigos natos de nossa prosperidade que o *desejão ver no throno*, de que O DERRIBAMOS COM TODA A JUSTIÇA NO SEMPRE MEMORAVEL 7 DE ABRIL DE 1831 Despontou emfim o memoravel dia 7 de Abril de 1831, *fazendo contraste ao 9 de Janeiro de 1822* (he o dia do sempre glorioso FICO ainda hoje de grande gala), *em que nossa boa fé foi illudida por apparencias pomposas*; e sem temer a nota de

exagerados, podemos dizer, charíssimos II.°, que a nossa regeneração politica então se fez com a nossa regeneração maçónica; tanto he certo que os progressos da liberdade acompanham os da maçonaria em beneficio do genero humano»

« *Inda vai por diante o monstro horrendo*
Co' o sermão, que ninguem lhe encommendara »
&c. &c. &c.

Este discurso he longo, como todos os libellos do Padre Januario; mas o que fica copiado dá bastante idéa da qualidade inimitavel, que tem esse sevandija para infamar a tudo quanto ha de sagrado sobre a terra. Pois bem, leitores, quando elle publicava essa torpe tirada contra o fundador do Imperio, contra o Augusto Pai do nosso actual Imperador, eu oppunha pela Imprensa uma Representação contra o monstruoso *projecto de banimento*, opprobrio da Camara dos Deputados de 1834; e esta representação foi tida e havida por tudo quanto ha de illustrado no paiz, como uma brilhante dissertação de direito publico constitucional, e como um desaggravo do Povo Brasileiro contra a injuria de ingratição, que lhe irrogavam os *Januarios* daquelle tempo.

Fui eu tambem o primeiro, que, em 1832, ao voltar á minha patria, horrorisado pelo cynismo, pela impudencia, com que se calumniava torpemente o Sr. D. Pedro 1.º de gloriosa memoria, alcei a voz, e oppuz uma barreira de bronze contra semelhante torrente de iniquidade. Sim, Sr. Padre Januario, eu fui o redactor da TORRE DE BABEL; eu fui o primeiro que, depois do que chamais *o vosso glorioso 7 de Abril*, gritei á uma facção immoral e corrompida — *parai* — e ella parou: eu fui o primeiro que gritei — *ingratição* — *infamia* — e o Povo me ouviu, porque o povo era sincero e agradecido, e os *Januarios* recuaram.

Tres annos depois, em 1835, ainda fui eu o unico, que alcei a voz, que me lancei na arena da Imprensa para defender o Sr. D. Pedro 2.º, ameaçado de uma nova proscrip-

ção ;ahi estão os *Mensageiros de Nitheroy* e o *Bosquejo historico , politico e litterario do Brazil*. Vêde pois , Sr. Padre Januario , se entre mim e vós pôde haver um unico ponto de contacto , nem semelhança , nem apparencia. Com tudo não vos odeio , mas vos desprezo como o bandido , que tem na frente o stigma da justiça nacional , como o perverso , que , acossado por seus remorsos , espera a cada instante o castigo do Céu , como o miseravel , a quem não he possivel encarar-se sem cuspir de nojo — entendeis , Sr. Padre Januario ?

que
do
sua
gue
mos
Bra
pur
elle
de
ca d
vers
se a
resu

ami
sear
tam
que
deu
eng
nas
esse
ra
zil,
edu

ANALYSE

DO PRIMEIRO JUÍZO

do Sr. Francisco Adolpho Varnhagen ácerca do meu Compendio da

HISTORIA DO BRAZIL.

Antes de começar a minha tarefa litteraria he preciso que se conheça este Sr. Varnhagen, cujo nome vai apparecendo nas nossas cousas, sem que ninguem saiba quem seja a sua pessoa, nem d'onde nos veio, pois que póde pensar alguém, que cahira do Céu por descuido. O seu appellido bem mostra, que não pertence á nenhuma familia conhecida no Brazil, entretanto que elle se intitula *Brazileiro* e Brazileiro puro. Nada diria a respeito da pessoa do Sr. Varnhagen, se elle, estribando-se no seu *brazileirismo*, não tivesse o arrojo de attribuir-me *reprehensivel maldade*, porque referi ácerca dos Mamelucos de S. Paulo um facto historico incontravel. Isto he um pouco duro, ou muito duro para tragar-se a sangue frio; portanto culpe a si mesmo do mal, que lhe resulte por sua louca temeridade.

Disse-me, haverá dois annos pouco mais ou menos, um amigo, que se achava muito empenhado em metamorphosar um moço portuguez em cidadão brazileiro, negocio que tambem tomára a peito o Padre Januario. Perguntei-lhe quem era esse moço, e a razão desse empenho, e me respondeu que se chamava Varnhagen; que seu pai (Alleão) fôra engajado em tempo do Sr. D. João 6.º para trabalhar nas minas de Ipanema, na provincia de S. Paulo, e que alli nascêra esse moço durante o engajamento de seu pai, o qual se retirára para Portugal com El-Rei antes da Independencia do Brazil, levando comsigo a seu filho: que este alli se criára e educára como subdito de Portugal, e ultimamente assentára

praça no exercito portuguez, em cujas filas occupava o posto de 2.º Tenente de Artilharia.

Lembro-me que lhe fiz então algumas reflexões, entre outras as seguintes: que eu não concebia como fosse possível declarar Brasileiro a um homem, filho de um estrangeiro, que nem ao menos cidadão portuguez era, e cuja mãe tão pouco era Brasileira, segundo elle me dizia, e que apenas tinha nascido *per accidens* em S. Paulo, como teria nascido na China, se em lugar de seu pai ter sido engajado para trabalhar em S. Paulo, o houvesse sido para Macão, que era uma colonia portugueza; havendo, além disso, ido para Portugal antes da Independencia, permanecido constantemente alli, e aceitado emprego como subdito daquelle governo; quando outros muitos nascidos no Brazil, de pais brasileiros, e de familias mui conhecidas, só porque não tinham concorrido ao chamamento do Imperador, depois do acto da Independencia, nenhuma administração se tinha atrevido a declarar os cidadãos brasileiros, sem um acto expresso do Poder Legislativo.

Depois de ouvir-me, disse aquelle amigo em resposta: que eu não conhecia as nossas cousas, que tudo se arranjaría do melhor modo sem bulha nem matizada, que o *homem* seria empregado fóra do paiz como brasileiro, e ninguem diria nada, porque elle não seria tão tolo, que fizesse ostentação desta estrangeirinha, denunciando assim os seus protectores, visto que de certo modo estes compromettiam o governo com semelhante passo. Com effeito, dahi a pouco tempo soube, que o Sr. Francisco Adolpho Varnhagen tinha sido despachado Addido de 1.ª classe para a Legação brasileira em Portugal, com um conto de réis, moeda forte, de ordenado; e por indemnisação do posto de 2.º Tenente de Artilharia em Portugal, se lhe havia conferido a mesma patente no Imperial Corpo de Engenheiros do Brazil, creio que com a data de 6 de Junho de 1842. Então, he bico ou cabeça?

Mas, quem trouxe o Sr. Varnhagen ás nossas plagas para felicitar-nos com a aquisição do seu genio transcendente? Ninguem; foi elle mesmo quem se trouxe para amostra, em ar

le *pacotilha*; veio negociar-se, ou por outra, veio chaveco portuguez, e achando comprador no Rio de Janeiro, vendeu e arvorou bandeira brasileira, com direito salvo de voltar o que era, quando isto lhe faça conta, porque emfim o caso he portuguez. Como esta historia he um pouco curiosa, penso de continual-a, ainda que a pezar meu. O Instituto historico tinha pedido ao governo, que autorisasse um Addido da legação brasileira em Lisboa para extrahir algumas copias de antigos documentos existentes na Torre do Tombo, e o governo accedeu a este pedido, escolhendo para tal fim o Sr. Dr. José Maria do Amaral, que logo se dedicou a este trabalho. Creio que nos exames, que empreheudeu para a descoberta de cousas mais uteis, se encontrou com o Sr. Varnhagen, que tambem andava á cata de novos thesouros, porque emfim de tudo se póde fazer especulação; e se não ha minas de ouro por toda a parte, ouro he o que ouro vale. Já o Diario de Pero Lopes lhe tinha rendido alguma cousa, outro lhe renderia mais, assim como o seu *juizo* acaba de *render-lhe o habito de Christo*.

Neste ensejo o Sr. Varnhagen teve uma feliz inspiração: vamos ao Brazil, disse, e lançou-se no oceano. Veiu portuguez e voltou brasileiro, e então!! Chegou ao Rio de Janeiro, e foi hospede do Padre Januario; como! em sua casa? não, tão tolo não era o padre: mas deu-lhe um quarto na Bibliotheca publica (*) até achar pousada. Depois foi *crismar-se* a S. Paulo, e voltou chamando-se *Paulista!* (hum!) Que

(*) Os empregados da Bibliotheca contam muitas anedotas desta hospedagem. O Varnhagen dormia em um quarto por cima da Bibliotheca, por onde trepava para o telhado, e alli fazia todas as suas necessidades; porém um Portuguez, que lhe servia de criado, dormia em um canapé na sala das *sciencias* (de que o Padre Januario faz muito pouco caso, porque dellas nada entende) ao pé da mesa do bibliothecario; uma noite, em que o tal criado estava bebado, pegou no somno, deixando uma vela accesa sobre uma cadeira; a vela consumiu-se, prendeu o fogo a cadeira, e a Bibliotheca teria sido devorada pelas chammas, se não fosse um dos empregados, morador na mesma Bibliotheca, que chegou a tempo de evitar o incendio.

ha nisso de admirar? Addido de 1.^a classe, 2.^o Tenente de Engenheiros, um conto de réis de moeda forte, e os achegos *pro labore*, tudo isto val a pena de frequentar os sacramentos; portanto o Sr. Varnhagen crismou-se Brasileiro, e está dito. He verdade, que elle he tão Brasileiro como eu sou Portuguez; porém em quanto venta, molha-se a vela, e Deos proverá no futuro. Como isto se fez ignora-o muita gente, e até o Corpo Legislativo, mas fez-se, e está feito.

Ainda neste anno pende da decisão do Senado uma resolução da Camara dos Deputados, com o fim de declarar cidadão brasileiro ao Sr. José Maria da Silva Freitas, nascido no Rio de Janeiro, filho do Conselheiro Freitas, natural da provincia de Minas, e neto de outro Mineiro; cuja familia alli existe ainda mui ramificada. O Sr. José Maria foi ainda menino para Portugal com seu pai, e alli se conservou durante a sua menoridade, mas logo que se emancipou, *sem ter occupado cargo algum em Portugal*, voltou á sua patria; e sem embargo, nenhum Ministerio se atreveu a considerá-lo cidadão brasileiro — Isto he um facto de hoje, de toda a evidencia, e de que tem todo este Imperio conhecimento pelas ultimas discussões do Senado.

Até de mim se duvidou, e foi necessario que uma resolução do Poder Legislativo me declarasse no gozo dos direitos de cidadão brasileiro, a mim, que sou a sexta geração nascida nesta terra, a mim fugitivo e proscripto pelo governo portuguez, cinco annos antes da Independencia. Como pois será o Sr. Varnhagen de melhor condição que eu? quem fez cidadão brasileiro, elle nascido *per accidens* em S. Paulo de pais estrangeiros, que nem subditos portuguezes erão, elle criado e educado em Portugal, e até Official de Artilharia do Exercito portuguez? Já vê o Sr. Varnhagen que o governo do Brazil não o pôde conservar nos empregos que occupa, porque não he nem pôde ser cidadão brasileiro, e o governo não está autorisado a engajar estrangeiros para o Exercito, e muito menos para o corpo diplomatico.

Todavia, eu nada tinha dito até hoje, e mesmo até certo ponto tolerava essa violação expressa da Constituição,

porque suppunha que o Sr. Varnhagen não fosse tão estúpido que se denunciasse a si mesmo ; porém hoje, força he dizel-o, não ha remedio senão gritar contra semelhante abuso , porque nem ao menos elle o justifica por sua intelligencia, ou pela sua probidade ; porque o homem, que, depois de haver-se vendido , se prostitue a ponto de servir de instrumento de uma aggressão torpe e não provocada, he indigno de toda e qualquer confiança publica ou particular. A especulação, a que se tinha dado, de revolver archivos e cartorios, e a publicação do Diario de Pero Lopes de Souza, se me antolharam de proveito no começo da nossa emancipação litteraria , porque alguns documentos poderiam ser uteis, e até necessarios para nossa historia ; porém algumas notas do Sr. Varnhagen me pareceram logo de muito máo agouro , porque revelavam pouca instrucção , pouco criterio , pouco ou nenhum talento. Sem embargo, um architecto não he pedreiro , e o que esboça e planeja um edificio tem necessidade de pedreiros e carpinteiros para construil-o ; ora, eu suppuz neste caso que Sr. Varnhagen podia servir de pedreiro ou de caboqueiro para o architecto , que viesse por fim a levantar o monumento historico do Brazil , e por isso não só lhe prodigalizei elogios, como até o tratei com uma urbanidade de cavalheiro (e que elle mesmo se tornou indigno), ainda não admitindo as suas absurdas opiniões ácerca de Christovão Jacques, de Americo Vespuccio , de Fernão de Noronha , &c.

Eu esperava contra o meu Compendio alguma critica litteraria , e tanto assim que na minha carta , dirigida ao Instituto, carta que o padre Januario chama *mui polida* , eu dizia e a minha Obra era apenas um *ensaio* para dar lugar á justas correccões , *quando fossem feitas com criterio e bom senso*; e muitos de meus amigos disse tambem , que não responde a nenhum ataque descomedido para não tornar odioso objecto de tanta consideração ; e que estava resolvido a aceitar toda e qualquer observação cordata , e a desprezar a ignorancia presumida de algum zoilo encapotado , porque tambem contava com isto. Mas uma intriga tão infame constituiu a do Padre Januario contra mim , encarregando a esse

moço Varnhagen um libello famoso, obra da mais rematada loucura, e publicando-o no Jornal do Instituto com uma sentença de confirmação; isto, sim, excede a tudo quanto eu me podia figurar. Felizmente a obra não podia ser encarregada a peor artista; o Sr. Varnhagen tem um tino admiravel para descobrir papeis velhos e sepulturas (diz elle que já descobrira a de Pedro Alvares Cabral, e não sei quantas mais), e eu sou o primeiro a confessal-o; isto he, tem em grão eminentemente o instincto da *Traça e do Chakal*; porém talento, intelligencia, ou instrucção solida, perdoe-me que lhe diga que está muito longe de possuir estas qualidades essenciaes á critica litteraria.

Para mostrar que o Sr. Varnhagen era incapaz de fazer espontaneamente um exame critico do meu Compendio, basta ler o seu apontuado de rodilhas, a que chama *primeiro juizo*, talvez em contraposição ao *juizo final* ou fim do mundo, porque nelle começa um mundo de asneiras e disparates, que não tem fim; obrigaram-no a isso por um mandado expresso, e elle, que tudo deve ao Padre Januario, fez o que este lhe ordenou. Sou portanto forçado a responder não á uma critica litteraria ou a um exame consciencioso e polido, mas a um tecido de falsidades, de sandices, de erros grosseiros, e até de torpes calumnias. Declaro francamente que renuncio qualquer gloria, que me possa caber pela completa derrota do meu antagonista, porque he tal a sua ignorancia nas cousas do meu paiz, que não ha proporção entre as nossas forças.

Eu não posso fazer uma resposta como desejaria, porque sou obrigado a seguir *pari passu* ao Sr. Varnhagen; e se elle peccou na materia, calumniando até as minhas intenções, tambem peccou na fórma, porque não observa ordem e nexo na sua critica, tocando aqui e allí, onde lhe fez conta, desprezando as regras da hermeneutica. Tão pouco copiarei senão uma ou outra vez, a censura quando tiver de responder porque, quem considerar que o *primeiro juizo* do Sr. Varnhagen occupa 24 paginas da Revista do Instituto, em typo ás vezes microscopico, verá que para copiar tudo isto, e dar a re-

posta em seguimento, seria mister compôr um livro *in folio* com 800 paginas pelo menos, castigo que não estou muito disposto a soffrer; quanto mais que o Sr. Varnhagen quasi sempre me *esmaga e me confunde* com a sua propria autoridade, e eu sou obrigado a defender-me com a autoridade dos outros, fazendo repetidas citações, e até copiando periodos inteiros de outras obras. Portanto peço aos meus leitores que, para bem entenderem a minha defeza, tenham aberta diante de si a Revista do Instituto n. 21, tom. 6., pag. 60 e seguintes: comecemos pois.

Passarei por alto as primeiras phrases do Sr. Varnhagen, que tão pouco servem de instrucção como de adorno ás suas perlongas, e principiarei copiando o seguinte trecho do seu aranzel: « Embora os retratos *inventados*, como o do Chefe indio Camarão (aliás Poty), e o de *Henrique Dias*, que só desejamos para nossa instrucção saber onde o Sr. Abreu e Lima descobriu, que fôra comprovinciano natural de Pernambuco, como diz á pag. 142, desagradem á opinião dos mais severos, que, crendo com fé viva na importancia do passado reduzido á escripta (que se chama historia), assentam se não deve assim *despoetisar a crença* com taes fantasias, preferindo antes o uso de bustos cegos, quando o fim que se pretende é o de *substancialisar ou materialisar a memoria dos homens celebres.*» A' exepção da duvida sobre a naturalidade de Henrique Dias, pergunto a qualquer pessoa de mediano senso commum, se entende o que o Sr. Varnhagen quiz dizer nesse amontuado de palavras; pois a não ser um verdadeiro enigma, proposto á comprehensão dos leitores, não atino com a balburdia da sua phraseologia. Sem embargo, pelas primeiras palavras, creio, que quiz significar, que não admite retratos senão *d'apres nature*, quando se trata da importancia do passado, que elle chama historia, porque assim se *despoetisa a crença.*

Ora, pois, vamos por partes: O Sr. Varnhagen he muito ignorante da nossa historia, e, ou não leu cousa alguma e só conhece os livros pelos titulos, ou, se leu, está esquecido, cousa bem natural em quem só se occupa no

officio maquinal de copista. Essa ignorancia está palpavelmente demonstrada em cada pagina, em cada linha deste *seu juizo*, e de tudo quanto tem escripto de propria lavra; porém o que não tem desculpa, o que mostra que o tal moço he um pedante sem remissão, he esquecer-se ou não ter lido aquillo que existe nas paginas da Revista do Instituto. O Sr. Varnhagen quer saber, *para sua instrucção*, onde descobri que Henrique Dias era natural de Pernambuco, e tão facil me he proval-o quanto que não citarei o dito de pessoa estranha, mas o simples testemunho do proprio Henrique Dias. No tomo 3.^o da Revista do Instituto (livro que o Sr. Varnhagen deve ter lido) pag. 258, vem copiada uma carta do mesmo Henrique Dias, dirigida aos Hollandezes, e extrahida do Valeroso Lucideno (pag. 334) de Fr. Manoel Calado, na qual o meu bravo compatriota se exprime da seguinte maneira: « Meus Srs. Hollandezes, « meu camarada, o Camarão, não está aqui, porém eu res- « pondo por ambos. Vossas mercês saibam que PERNAM- « BUCO he sua patria e MINHA, e que já não podemos soff- « rer tanta ausencia della: aqui havemos de perder a vi- « da, &c. » Já sabe, Sr. Varnhagen? E se ainda não está satisfeito, recorra ás paginas de Fr. Raphael de Jezuz, e alli encontrará corroborada em muitos lugares esta prova da naturalidade do governador Henrique Dias, meu comprovínciano.

E porém, se o Sr. Varnhagen se mostra nisso ignorante, torna-se ridiculo, quando não admite os retratos inventados para a historia, porque assim se *despoetisa a creença*. Muito bem, mas sempre lhe perguntarei: serão *originaes* todos aquelles retratos dos Marechaes de França, que ornam a sala, chamada dos Marechaes, no palacio das Tullherias, e a outra dos Invalidos? Pois sabei, que muitos daquelles retratos foram alli collocados, annos depois de mortos os que elles representam, e alguns só depois da revolução de Julho; sabei mais que foram encarregados habéis artistas de os fazerem, observando as feições caracteristicas da familia, e por informações de pessoas, que tinham

conhecido em suas vidas aquelles Generaes. Seria pois com o objecto de *despoetisar a crença* de suas virtudes e de suas victorias, que taes retratos se fizeram, ou antes para *materalisar a memoria* desses homens? Entrai em um ou em muitos desses Castellos em França e na Inglaterra, restos decrepitos da feodalidade, e vereis, nessas longas galerias de quadros de familia, o anachronismo revelado pela pintura; muitas vezes os ascendentes de 4 ou de 5 seculos foram retratados por um só pincel, e os traços da escola moderna estão matando ou apagando a verosimilhança. E comtudo, será para despoetisar a crença da gerarchia nobiliaria da familia, que se inventaram taes retratos, ou antes para perpetual-a? Vamos ainda á outra prova: eu vi em Monte Vernon, na propria casa de Washington, em poder de sua sobrinha M.^{ss} Lewis, o seu retrato original, que me ficou gravado na memoria; conheci pessoalmente, e mui de perto, ao Sr. D. Pedro 1.^o e ao Libertador Bolivar; de todos elles tenho visto centenaes de retratos na Europa e na America, e vos juro que não ha dois, que se pareçam com os originaes, e pela maior parte sabeí que foram inventados. Pergunto-vos agora, daqui a um ou dois seculos qual será o verdadeiro? Quem se atreverá a discriminar, entre esta multidão de copias, aquella que não foi inventada?

Entretanto se em negocio profano a crença não deve despoetisar-se, muito mais em materia de Religião, porque a crença he a fé, e a fé he a Religião. Dizei-me, serão muito semelhantes aos originaes todos esses registros e paineis de Santo Antonio, S. Francisco, S. Bernardo, S. Bento, S. Domingos, &c., &c., que andam por mãos de todos, e que a Igreja permite que se multipliquem ao infinito? ou será para *despoetisar a crença* que taes retratos se inventam e se toleram? Dizei-me ainda, seria com o fim de *despoetisar a crença* que o famoso Rubens inventou o seu quadro do Descendimento da Cruz, ou para tornal-a mais robusta e mais firme depois de tantos seculos? ou parecem-vos, Sr. Varnhagen, mui semelhantes os retra-

tos de José de Arimathea e de Nicodemos, figuras que ornem aquelle quadro? Tambem vos parecerão ao pintar as tres Marias, não ho assim? E que dizeis do bello quadro do Americano West, representando a Jesuz acolhendo as crianças? achais tambem muita verosimilhança n'aquelles grupos de discipulos, de meninos e de espectadores? E os bellos quadros de Raphael, e tão multiplicados, representando a Santissima Virgem e o menino? tambem achais n'elles muita veracidade na imitação, ou julgais que taes retratos *inventados* despoetizam a crença, a unica crença que não he dado profanar?

O Sr. Varnhagen prefere o *uso de bustos cegos* (creio que falla aqui de bustos com os olhos fechados, mas ao que vem isto?) aos retratos inventados para não despoetisar a crença. Ora, um busto conviria mais para uma galeria ou para um museo; porém para as paginas de uma historia a que vem um busto cego? E se a invenção do retrato he o que despoetisa a crença, como fazer acreditar a existencia de um busto *d'apres nature* de Henrique Dias ou de Camarão, quando não me consta, que haja nenhum busto contemporaneo em Portugal, ao passo que existem alguns retratos d'aquella época, entre os quaes o de Salvador Correia de Sá e de João Fernandes Vieira? Bem se vê, pelo que acabo de expôr, que o Sr. Varnhagen em todo aquelle sarapatel de palavras não disse senão um montão de disparates, mostrando muita ignorancia e muita pedantaria. A lembrança dos retratos não foi minha, foi dos Editores, mas eu a aprovei, e só senti que no vestuario se não tivesse guardado a verosimilhança pelo d'aquella época, e não de um seculo depois; anachronismo que a ignorancia do Sr. Varnhagen não lhe permittiu observar — graças á minha fortuna! senão, caro me teria custado.

Prosegue o Sr. Varnhagen na sua algaravia, copian-do pedaços do meu Prefacio, que elle chama *bem elaborado*, (elogio que eu repillo como sahido da sua penna, porque semelhante louvor he uma affronta) e depois de identificar-se com as minhas palavras, que tanto lhe cahiram no

gogo, apesar da minha declaração — de que escrevêra o meu Compendio a rogo de outrem — conclue que mal do escripto, cuja iniciativa não he *o seu enthusiasmo intimo e subtilissimo do autor*, &c. Perdoe o Sr. Varnhagen que divirjamos acerca do *seu enthusiasmo intimo e subtilissimo* para escrever a historia. A historia he a gravura dos factos, cujo buril he a penna; mal do historiador, que abandonando-se ao enthusiasmo dêsse de mão à verdade, a reflexão profunda, ao recolhimento intimo, alheio de toda a *exaltação do espirito a favor de pessoas ou de cousas*, que he isto o que quer dizer *enthusiasmo*; mas o Sr. Varnhagen he tão ignorante da lingua portugueza, tão pedante, que a cada passo usa de termos improprios, e até contrarios ao seu pensamento. O enthusiasmo só he necessario para a poesia e para a oratoria, onde o poeta e o orador tem necessidade de inspiração, d'aquillo que em bom portuguez se chama -- furor poetico -- Porém a historia não he poesia, nem nunca foi; a historia não tem invenção, porque os factos não se inventam, nem se alteram, nem os transportes do enthusiasmo podem servir senão para adulterar a verdade. A historia só tem necessidade de talento, de erudição, e de uma vontade firme para escrevel-a; e no cabedal da erudição, que se requer, entra como essencial condição o saber escrever a lingua, em que se quer historiar; porém de tudo isto he o Sr. Varnhagen juiz muito incompetente.

Tambem não tolera o Sr. Varnhagen que eu fizesse uma compilação, e cita a Voltaire contra os que compilam tres vezes. De certo mais a elle do que a mim cabe a censura de Voltaire, pois que he a primeira vez que compilo, ao passo que o Sr. Varnhagen até hoje nada tem feito de propria lavra, além de algumas *notas e reflexões*, que só para dar má nota de si se empenhára em estampar. Porém sempre lhe direi que, á excepção da historia contemporanea, porque são factos presenciaes, não conheço historiador algum que não fosse compilador. Oíça bem, Sr. Varnhagen, pois já lh'o disse: os factos não se inventam; estão consignados na historia já escripta por outrem, ou em docu-

mentos e registros authenticos; servir-se pois da historia antiga ou de documentos , ou de uma e outra cousa , e vertel-os em linguagem nova , se assim se quizer , ou copial-os, eis-ahi o que se chama compilar; isto he, reunir em um corpo ou livro cousas ou materias extrahidas de varios autores. Já vê o Sr. Varnhagen, que disse um grande disparate só porque ignora a sua lingua.

Alguns preferem traduzir esses factos , ou materias extrahidas , em linguagem propria , porém eu preferi conserval-os na phrase alheia *muito de proposito* (entende , Sr. Varnhagen ?), como disse no meu Prefacio ; quiz deixar a cada autor a responsabilidade dos seus erros , porque eu só fiz um ensaio , mas ensaio muito util , porque hoje possuo um thesouro de documentos , que nunca teriam vindo ás minhas mãos sem este primeiro esforço. Se o Sr. Varnhagen soubesse , que desde Francisco da Cunha ou Gabriel Soares (que pelo nome não perca) até sua *eruditissima* pessoa, não ha um só escriptor , que não tenha erros , e erros muito graves , não só sobre a historia como sobre a geographia do Brazil , veria que não me era possivel sahir desse labyrintho sem grande adjutorio , que não tive ; mas hoje que o meu trabalho tem merecido geral approvação , *excepto do Instituto*, tenho tido a fortuna de que os meus amigos , e muitas outras pessoas , que eu antes não conhecia , me tenham franqueado manuscriptos preciosos , esclarecimentos importantes , e até documentos , cuja existencia era geralmente ignorada. Saiba mais o Sr. Varnhagen , que desde a Introduçãõ corographica ou descripção do paiz até o fim do meu Compendio , tenho já corrigido mais de vinte erros , que não foram meus , nem os comprehende o mesmo Sr. Varnhagen , porque de nenhum d'elles fez menção , tanta he a sua ignorancia nas cousas do Brazil. Já vêem os leitores , que por este andar terei de fazer um livro *in folio* em lugar de uma resposta ; mas que remedio ?

Sem embargo direi ao Sr. Varnhagen o como , e a razão que tive para escrever o meu Compendio. Depois de haver lido—o Quadro das revoluções do systema politico da Euro-

pa, por Ancillon— e a Historia das doutrinas moraes e politicas dos tres ultimos seculos, por Matter— e de ter feito, como costume, o quadro synoptico destas duas obras, assentei que ellas continham o melhor methodo de escrever a historia, pela maneira por que se achavam concebidos os seus planos. Com effeito, á primeira vista, e por uma simples observação, se notam as phases dos tres ultimos seculos, e as modificações que a politica, as artes, e as sciencias tem experimentado em differentes épocas e periodos, assim como que, sem a perfeita divisão dessas épocas, não se poderá nunca escrever a historia, segundo as regras da chronologia. Concebi então a idéa de applicar este grande plano á historia do Brazil, e comecei a estudar e a rever o que me pôde cahir nas mãos. O unico corpo de historia completo, que encontrei, foi a obra de Southey, mas notei logo tantos defeitos, tantos vicios de conformação, que preferi antes ir beber á fonte pura, porque o que eu procurava erão os grandes factos, os acontecimentos mais notaveis, como pontos cardiaes do meu plano. Achei pois a minha primeira época perfeitamente concebida pelo Padre Cazal, e as outras em Rocha Pitta, Brito Freire, Simão de Vasconcellos, Fr. Raphael de Jesuz, Berredo, Fr. Gaspar, Monsenhor Pizarro, Armitage, &c. &c., porque eu só queria os grandes acontecimentos, que me servissem de balisa para demarcar as épocas, como disse na minha Carta^a ao Instituto, impressa á pag. 369 do tom. 5.º da Revista.

Já eu havia communicado antes esta mesma idéa a varios de meus amigos, membros do Instituto, e não sei se foi ella aproveitada para o programma, que alli se deu, a respeito das épocas da historia do Brazil. Achava-se portanto feito o meu quadro synoptico das differentes épocas da nossa historia, quando alguem me suggeriu o projecto de um Compendio. Ora, este primeiro esboço, pela maneira que estava feito, tanto poderia convir para uma historia em grande como para um resumo ou Compendio; pois que só faltava preencher os periodos de cada época, collocando os factos secundarios na ordem chronologica, e fazendo-os entrar no lugar e tempo correspondente por meio de uma narração

adequada ; isto he , obrar do mesmo modo que se tivesse de levantar uma Carta sobre um terreno perfeitamente triangulado. Adiante darei a razão por que preferi o corpo de historia de Beauchamp para encher os periodos das 4 épocas (2.^a, 3.^a, 4.^a e 5.^a) do meu Compendio ; preferencia que mereceu do Sr. Varnhagen excommunhão maior, sem ao menos convocação por editos para que eu comparecesse perante o tribunal do seu *juizo*. Paciencia ! não he o primeiro couce que tenho levado em minha vida, e Deos lh'o pagará ! Eis-ahi pois como nasceu o meu Compendio, *sem enthusiasmo intimo e subtilissimo*, mas com a convicção de fazer um importante serviço á nascente litteratura do meu paiz. Este serviço, Sr. Varnhagen, está feito, e não será a vossa penna que horrará a impressão , que elle tem causado , nem a gratidão dos homens honestos ; e o vosso *juizo* ou a vossa *condescendencia* só servirá para realçar mais o merecimento do meu trabalho ; porque, emfim, eu fui o primeiro Brasileiro, que offereci ao meu paiz um corpo de historia, senão perfeito como era de desejar, ao menos escripto conforme as regras da chronologia , e o mais completo de quantos existiam até hoje.

Todavia o que *mais magoou* ao Sr. Varnhagen foi ver, que eu me servisse do texto da traducção portugueza de uma *chamada* historia do Brazil, que corre como *trabalhada* por Affonso de Beauchamp, *pelas falsidades, que iam ser communicadas aos nossos jovens* por uma pessoa de boa fé (sou eu), e *provavelmente* com desejos de acertar (muito obrigado !). Por este introito, e nas 4 paginas seguintes, não houve injuria, não houve apodo, que não vomitasse sobre a memoria do que elle appellida *insignificante escriptor francez* (oh ! muito atrevida he a ignorancia !); e com quanto me pedisse *venia* para tudo isto, a cada passo, e a cada instante sou eu o alvo dos seus asquerosos convicios, a ponto de fazer entrever, que sente profundo *desprezo*, não por mim, mas sim pelo *meu plagio*. Muito mais christão, digo eu agora, não sinto desprezo por elle, nem pela sua ignorancia, senão dó, o mais concentrado dó, não por elle, mas pelas cousas do meu paiz !! Somos nós

os culpados, nós os Brasileiros, sempre generosos, e apresados em darmos importancia a qualquer aventureiro, que se apresenta; sou eu o primeiro a confessar-me réo de tanta generosidade, tratando a esse pedante no meu Compendio com uma urbanidade e gentileza de cavalheiro, quando mostrei o absurdo de suas erroneas opiniões com tanta moderação e respeito. Vamos agora ao que elle diz de Beauchamp.

Nas cinco paginas, em que trata deste escriptor, não diz uma só cousa de sua casa senão as injurias; o mais tudo he furtado dos dois Prefacios de Southey, do 1.º e 2.º volume da sua historia do Brazil. O Sr. Varnhagen he tão ignorante que não sabe quem seja Beauchamp, nem ao menos se goza de reputação litteraria. Tudo quanto diz ácerca da obra de Southey foi um plagio feito ao Prefacio deste autor, que vem na 2.ª edição do 1.º volume, acrescentando algumas sandices de sua casa, entre as quaes a de pôr a Southey, como historiador, em reputação immediata a Lord Byron e a W. Scott, primeiros nomes, que lhe occorreram para encher o *phraseado* de pedantes. (*) Acerca de Beauchamp foi o gatuno ainda mais mise-

(*) Southey, apesar de poeta laureado, não tem essa reputação, que lhe empresta o Sr. Varnhagen; o immediato em reputação a Lord Byron (se pôde haver termo de comparação) seria neste caso seu intimo amigo Moore, o poeta nacional, autor das Melodias Irlandezas, das Odes anacreonticas, dos amores dos Anjos, de Lalla Roukh, &c., &c. Southey não tem a menor paridade com Lord Byron, homem ainda mais celebre por uma cadeia de circumstancias extraordinarias de sua vida, e mais conhecido como poeta erotico e romancista. W. Scott, além de poeta, e romancista historico, tambem foi historiador, mas esta ultima reputação não foi nada invejavel; ninguem soffreu mais dos seus proprios compatriotas do que elle pelas suas celebres — *Cartas de Paulo a um seu parente* — e pela *Vida de Napoleão*. A mesma historia da Escocia, contada por um Avô a seus netos, passa por um romance historico, bem seja porque a existencia da Escocia, desde o seu berço, tenha sido um verdadeiro romance por suas crueis vicissitudes, e transtornos de todo o genero, de guerras civis e religiosas, &c.; ou porque Sir. W. Scott a escreveu com todo o seu *enthusiasmo intimo e subtilissimo*, isto he, com toda a exaltação do espirito a favor de suas idéas politicas e religiosas. O certo he que a grande reputação de Sir Walter he como romancista historico, e não me consta que Southey escrevêra romances. Muito pôde a ignorancia presumida!!

ravel, porque nada mais disse senão o que encontrou no Prefacio do 2.º volume do proprio Southey. Desejaria poder copiar aqui estes dois Prefacios, assim como o plagio do Sr. Varnhagen, para que se visse até onde chega a petulancia desse bilhastre; porém, pelo amor de Deos! não me he possivel compôr um livro *in folio*. Peço portanto encarecidamente aos meus leitores, que comparem os dois citados Prefacios de Southey com as 5 paginas do *juizo* do Sr. Varnhagen, (desde 63 a 67), e ver-se-ha a exactidão do que acabo de dizer.

Beauchamp não he um nome inglorioso como escriptor; he mister ser tão ignorante como o Sr. Varnhagen, ou como o Padre Januario, para dizel-o com tanta sem-ceremonia. A Historia da guerra da Vandea lhe deu muita importancia, depois da restauração, como escriptor legitimista. Muitas outras obras sahiram da sua penna com ou sem o seu nome, e já citei na minha resposta ao Padre Januario a opinião do honrado V. de Cayrú, que não pôde ser suspeito. O que deu porém a Beauchamp uma reputação colossal foi a sua obra—*Memoires tirés des papiers d'un homme d'État, &c.*— em 6 volumes. Quando em 1831 (eu me achava então em Pariz) appareceram os dois primeiros volumes, sem nome de autor, foi tal a impressão, que causaram na França, e successivamente por todo o Continente, que a Obra foi attribuida logo aos Estadistas mais eminentes da França, da Austria e da Prussia; ninguem podia imaginar que Beauchamp fosse o autor de semelhante Obra; e quando isto se soube ainda mais cresceu a admiração, porque elle não era Diplomata, nem o tinha sido nunca. Actualmente existe no Rio de Janeiro a pessoa encarregada de levar as provas, e de trazer os originaes de casa de Beauchamp, durante a impressão. Suppõe-se que um tal Mr. Schubart, homem que conservava intimas relações com os primeiros diplomatas da Europa, fôra quem proporcionára a Beauchamp todos os documentos para esta importante obra, que corou a sua reputação como escriptor de grande nota. Eis pois o homem, a quem o Sr. Varnhagen denomina *despresivel plagiarario*; mas he o desprezo da fór-

miga pelo elephante, he a *vibora mordendo a lima* segundo a fabula de Yriarte.

A historia do Brazil de R. Southey he sem duvida um prodigio de trabalho e de paciencia, porque consta de tres grossos volumes em 4.^o grande, os dois primeiros com mais de 700 paginas, e o 3.^o com 950. He o primeiro corpo da nossa historia, o mais completo que appareceu, e nisso consiste todo o seu merecimento; porém corpo monstruoso, com grandes deformidades, com escrescencias que afeiam, e tornam irregular o seu todo. Assim he que estes tres volumes não abrangem tão sómente a historia do Brazil, mas tambem a de Buenos-Ayres em grande parte, a do Paraguay, e muitas relações intercaladas de descobrimentos interiores até o alto Perú pelo Oeste, e pelo Sul até o Chili. O autor diz que só escrevêra desses paizes o que tinha relação com o Brazil, porém eu poderia apontar capitulos inteiros, que nenhuma vantagem, nenhum interesse tem para a nossa historia. Estas digressões, que não servem para nós, nem tão pouco constituem a historia desses paizes, porque apenas são periodos destacados, alteram sobre-modo a ordem chronologica dos nossos acontecimentos, fazendo cahir o autor em anachronismos miseraveis, que muito prejudicam a veracidade dos factos. Para entrever estes defeitos basta comparar a ordem chronologica, que o autor segue marginalmente, com o texto, e facil será comprehender o que acabo de referir. Como porém não he o meu fim fazer um exame critico da obra de Southey, o qual me levaria muito longe, deixo esta minha advertencia ao exame dos leitores.

Emquanto á erros, tem-nos tantos como os autores que elle compilou, além de outros, em que cahiu por sua propria conta. Desses erros, não comprehendidos pelo Sr. Varnhagen, graças á sua ignorancia, fui eu victima, assim como Beauchamp e Fernando Denis; muitos dos quaes estão hoje completamente emendados por mim em um novo corpo de historia abreviada do Brazil, que estou compilando, e reduzindo a estylo meu; e esta vantagem foi devida ao meu primeiro ensaio, porque sem elle não estaria hoje habilitado

para fazel-o. Com a publicação do meu segundo trabalho poderá então alguém ter direito de lançar-me em rosto os erros dos outros, que não forem corregidos por mim ; mas estou certo de que , quando me escape algum , não será o Sr. Varnhagen quem m'ò exprobre. Torno a dizer , que mais de vinte erros notaveis tenho ultimamente achado no meu Compendio , mas erros tão involuntarios , tão longe de nenhuma critica , que nem delles se occupou o Sr. Varnhagen , porque não os conheceu. Passemos agora a mostrar alguns erros palmares de Southey para desenganar aquelles , que ainda julgam do merecimento de uma obra pelo peso , e não pelo feitio.

Southey , depois de narrar a descoberta do Brazil , e de referir o effeito , que a noticia produziu no animo d'El-Rei D. Manoel , continúa assim (t. 1. p. 24) (*) « The king of
« Portugal immediately fitted out three ships to explore the
« country which Cabral had discovered , and gave the *com-*
« *mand to Amerigo Vespucci* , whom he invited from Seville
« for that purpose. » He pois nesta exploração Vespuccio o chefe sem duvida alguma ; e logo mais adiante , depois de fallar da volta do mesmo Vespuccio á Lisboa , prosegue (p. 28) :
« In the spring of the ensuing year (1503) *Amerigo sailed again*
« *from Lisbon* , with six ships. The object of this voyage was
« to discover a certain island called Melcha , &c. » Nesta segunda exploração ainda he o mesmo Americo Vespuccio quem dirige a frota sahida de Lisboa ; e se mais abaixo falla de um *Commandante* , sem dizer quem elle seja , he só para attribuir-lhe todas as desgraças sobrevindas á esta expedição , suas perdas , e o nenhum resultado della ; indicando tão sómente em uma nota , que o commandante se chamava Gonçalo Coelho , sem lembrar-se de que Damião de Goes , que elle cita , só diz que viera Coelho , e não falla de Vespuccio. Agora pergunto eu : em que escriptor portuguez , até Simão de Vasconcellos , achou Southey tão pe-

(*) O 1.º tomo da Obra de Southey , que eu cito , he a 2.ª edição de 1822.

regrina opinião? O mesmo Sr. Varnhagen, o mais entusiasta partidista de Vespuccio, apenas sustenta que viera como *piloto* nas duas mencionadas explorações; mas como *cheffe*, aonde senão nas cartas do mesmo Vespuccio, já esfarapadas e rotas pela critica dos autores mais distinctos de toda a Europa? Vejamos agora outro erro ainda mais grosseiro, em que as taes cartas de Vespuccio fizeram cahir a Southey.

Diz o mencionado Southey (t. 1. p. 29) que Vespuccio, separado do commandante, que naufragára sobre um cachopo, 4 legoas distante da ilha de S. Matheus, (veja-se que enfiada de falsidades), velejára para a costa de Santa Cruz, segundo *as suas instrucções* (já não era para Melcha ou Maláca como diz á pagina antecedente), e alli achára um *porto*, ao qual déra o nome de *Todos os Santos*. Vespuccio demorou-se na costa por mais de oito mezes á espera do resto da expedição, e como não chegasse, partira para Lisboa, sem que se soubesse mais do paradeiro dos tres navios com o tal commandante, pois com elle só tinham vindo dois. Eis-ahi o resultado da segunda exploração em 1503, sem que conste, nem se diga, que Vespuccio puzera um só padrão em toda a costa, entretanto que o padrão da Cananea marcava a éra desse mesmo anno. Porém Southey tinha diante de si uma copia do manuscrito de Francisco da Cunha, ou Gabriel Soares (que pelo nome não perca), dizendo que Christovão Jacques tinha vindo como Capitão da armada, que em 1503 descobrira a *Bahia de Todos os Santos*, e levantára padrões em toda a costa do Brazil.

Embaraçado pois com a manifesta contradicção entre as cartas de Vespuccio e o manuscrito de Soares, como se sahiria Southey? perfeitamente. Fez vir Christovão Jacques ao Brazil no anno de 1516 (t. 1. p. 37), e então achára a bellissima *Bahia*, a que déra o nome de *Todos os Santos*; assim foi que Vespuccio achou em 1503 o *porto* de Todos os Santos, e Christovão Jacques a *Bahia* do mesmo nome em 1516, quando o nome da *Bahia de Todos os Santos* já era conhecido na Europa desde 1504. Eis-ahi as proprias palavras de Southey: « Two
« of these traders (navios francezes, que vinham traficar á

« costa do Brazil) discovered a magnificent bay , one of the
« finest in the world , and which it was supposed no navigator
« had yet entered. Unfortunately for them , a Portuguese
« squadron under the command of Christovam Jacques ente-
« red it about the same time : he named it All Saints bay. . . .
« (Bahia de Todos os Santos) » Ora, como estes, infinitos ou-
tros erros poderia eu apontar ; mas , pelo amor de Deos,
repito , não me he possivel escrever um livro *in folio*, e bas-
tará isto para provar, que Southey contém tantos erros como
Beauchamp, que o copiou, e que não he tão puro como diz o
Sr. Varnhagen, que não póde ser juiz em semelhante causa :
elle sabe o porque.

Todavia não me soffre a paciencia deixar de apontar ou-
tro erro do mesmo Southey (e vá mais este fóra do meu pro-
posito); a pag. 52 do 1.º t. diz elle o seguinte : « One
« other Captaincy was established about the same time as
« these others . . . that of Pernambuco. A factory had
« previously been settled there, which a ship from Mar-
« seilles took, and left seventy men in it, thinking to
« maintain possession; but the ship was captured on her
« return, and intelligence being thus early obtained at
« Lisbon, immediate measures were taken for the recovery
« of the place. The Donatory, Duarte Coelho Pereira, as-
« ked it as the reward of his services in India he
« went himself, with his wife and children, and many of
« his kinsmen, to begin the colony, and landed in the port
« of Pernambuco » Ora, El-Rei D. João 3.º, em
carta dirigida a Martim Affonso com data de 28 de Setem-
bro de 1532, refere a presa do navio de Marselha, e o que
os Francezes praticaram em Pernambuco com a feitoria, as-
sim como o que tinha mandado que nisso se fizesse, para
que o mesmo Martim Affonso fosse informado de tudo, con-
cluindo que os Francezes não tornariam lá mais a fazer outra
tal, pois lhe esta não succedeu como cuidavam ; dando bem
claro a entender, que os Francezes tinham já sido escar-
mentados, e a feitoria recuperada, o que não podia haver
succedido senão a fins de 1531 ou principio de 1532. Porém

Duarte Coelho só tivera a Carta de doação da Capitania de Pernambuco em 10 de Abril de 1534, e Foral aos 24 de Outubro do mesmo anno; só no seguinte chegou a Pernambuco, e foi então que começara a fundar a sua colonia. Ha portanto um espaço de cerca de 4 annos entre a recuperação da feitoria e a fundação da Colonia; e Duarte Coelho veio com effeito duas vezes, como diz o Padre Cazal t. 1. p. 40, e não uma só para lançar fóra os Francezes da feitoria, e fundar ao mesmo tempo o seu estabelecimento; erro grosseiro e imperdoavel, principalmente citando o autor a propria carta d' El-Rei D. João 3.º, da qual o contrario se deduz.

Pelo que diz respeito a historia de Beauchamp, não ha menor duvida que fóra o resultado da apparição do 1.º vol. da de Southey; elle calculou perfeitamente sobre a vantagem da lingua franceza, muito mais vulgarisada em Portugal e no Brazil do que a Ingleza; sobre tudo dando uma nova fórma ao confuso e mal ordenado plano de Southey, tornando por este meio muito mais agradavel a leitura da obra, já reduzida a factos nacionaes, sem o appendice de outros inteiramente estranhos, que transtornam a unidade da historia sem augmentar o seu interesse. O autor francez, formando um novo systema, organisou methodicamente a serie dos acontecimentos pelo extracto, que foi fazendo do 1.º vol. de Southey, até onde este acaba (1639). Beauchamp não se equivocou sobre o effeito da sua obra, porque na realidade teve logo duas traducções, uma em Portugal, e outra no Brazil; emquanto a de Southey ainda não mereceu esta honra até hoje, nem a terá de certo, se daqui por diante quizermos cuidar de nós, escrevendo sobre as nossas proprias cousas; o que he muito natural que aconteça, apesar dos Januarios e Varnhagens das quatro partes do mundo.

A demora em apparecer o 2.º vol. da historia de Southey causou verdadeiro enojo a Beauchamp, o que elle não occulta no seu Prefacio; e então teve de seguir outro rumo, consultando, não a todos os autores que aponta, por-

que visivelmente elle não leu a Fr. Gaspar da Madre de Deos, pois não traz nenhum dos factos especiaes, que este autor refere, e que eu introduzi em notas, *muito de proposito*, para não alterar o texto; porém consultou a outros muitos, principalmente missionarios, de sorte que em muitos lugares se encontra perfeitamente de accordo com Southey, por haverem bebido da mesma fonte. O que se lhe não pôde negar he a boa deducção chronologica, que empregou em toda a obra, e o encadeamento dos factos com muita habilidade; e n'isto he, sem a menor contestação, superior a Southey. Embora exagerado, quando segue os Jesuitas, dos quaes se mostra sempre muito afeiçoado, nem por isso he mais falso ou erroneo que muitos escriptores, de que se serviu o autor inglez, como provarei ao Sr. Varnhagen, quando lhe der resposta sobre Paulistas e Mamelucos; como tambem lhe provarei, que he elle quem está em erro, quando accusa a Beauchamp em outros lugares, mais por ignoranciã sua do que por malevolencia. Esta boa ordem, este systema foi o que me induziu a preferir-o a Southey, a quem eu não tributava a adoração, que lhe presta o Sr. Varnhagen. O meu plano estava feito, as minhas épocas demarcadas, e escriptos os principaes acontecimentos pelo que eu tinha achado de melhor nos autores portuguezes e brazileiros; restava-me preencher os periodos com os factos secundarios, sem alterar as regras que me tinha prescripto, e Beauchamp pelo seu methodo me convinha melhor do que Southey: preferi-o, e por que não?

O Sr. Varnhagen accusa a Beauchamp de ingratição por não citar se quer o nome de Southey, de cujas idéas se utilisou. He falso, porque no cathalogo dos autores, de que Beauchamp diz se servira, lá vem o nome de *Southey* como autor de uma historia do Brazil e de Buenos-Ayres. Porém isto não he de admirar, quando teve a ousadia de dizer, *que eu nem uma só vez consultára a Southey*, o que quer dizer, em melhor portuguez do que o do Sr. Varnhagen, *que eu nunca li a Southey!* miseravel!! Encar-

regado em fim do anno de 1826 de escrever, por ordem do governo de Colombia, uma Memoria sobre os limites entre o Brazil e aquella Republica, tive de estudar a materia, e de procurar esclarecimentos por toda a parte, além dos immensos e preciosos documentos, que se achavam nos archivos do Vice-Reinado da Nova Granada; então li a Southey, Beauchamp, Henderson, (*) &c., de cujas obras fiz longos extractos, que ainda conservo; porém aqui não me servirdesses extractos, e sim da propria obra de Southey, que pertence á rica collecção do Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia; o qual me tem franqueado generosamente, não só esta como todas as que eu não possuia, relativas á historia do Brazil. Muitas vezes tenho tido em minha casa, e por mezes, a historia de Southey, como o póde attestar o mesmo Sr. Dr. Maia; seria tão sómente pelo gosto de contar-lhe as paginas? oh! muito atrevida he a ignorancia!

O Sr. Varnhagen protesta que se não dirige a mim, mas a Beauchamp, e entretanto a cada passo vem o meu nome d'envolta com as mais *polidas* phrases, em que se revela sem cessar a sua *grande magoa pela minha ignorancia!* Deos lh'o pague! Sem embargo, eu lhe perdoaria de boa mente tanta *cortezia*, se atraz d'ella não viesse a calumnia, mil vezes repetida, provar a missão de injuriar-me, que o Sr. Varnhagen recebêra do Rio de Janeiro; e como não podia fazel-o de outro modo, occorreu-lhe tachar o meu Compendio de *pio plagio*, sem lembrar-se (estupido calumniador!) que tinha já copiado do meu Prefacio as

(*) *Henderson*, autor de uma Historia do Brazil, em um só vol., em 4.º grande com estampas, era n'aquelle tempo Consul geral de Inglaterra na Republica de Colombia, e residia em Bogotá; foi elle mesmo quem me proporcionou a sua obra; e como notasse nella muitos erros de historia e de geographia, e muita má vontade aos Brasileiros, aos quaes tratava como selvagens, fiz uma analyse e refutação da tal historia, e a dediquei ao General Santander, Vice-Presidente encarregado do Poder Executivo. Já vê o Sr. Varnhagen que eu estudo a historia do Brazil muito tempo antes que elle se lembrasse de ser *Brazileiro*.

palavras que o desmentem. Peço pois aos meus leitores recordem tudo quanto a este respeito eu disse na minha resposta ao Padre Januario.

O Sr. Varnhagen empenhou-se portanto em provar o *plagio*, e para isso occupou uma porção de paginas em letras microscopicas, pondo em columnas paralelas periodos do meu Compendio e o original, de que eu os havia copiado. Ora, isto não se faz senão para provar o furto de algum pensamento, ou parte de obra alheia *sem designar o autor*; a que vinha pois provar que eu tinha copiado aquillo mesmo, que já havia dito tão expressamente, e *muito de proposito*, sem alterar senão uma que outra phrase, uma ou outra palavra? Se todo este empenho não foi obra da mais revoltante perversidade, devo confessar que está acima de toda a estupidez. O Sr. Varnhagen, prestando-se ao vil encargo do Padre Januario, e pagando-lhe por este meio os favores, que lhe devia, aviltou-se a ponto de não poder nunca mais rehabilitar-se entre os homens de alguma educação, e sobre tudo entre os homens de letras, porque *penna vendida he penna cusvida*. Todavia prosigamos.

No fim da Introducção do meu Compendio, concluí desta maneira — « ... o Brazil, que situado a 1500 legoas « da metropoli, em seu principio desprezado, *devia ser* « *um dia*, segundo a ordem eterna dos acontecimentos, « *o refugio da monarchia portugueza, a séde do seu poder,* « e um dos mais bellos Imperios da America.» — Note-se que eu fallava no momento da descoberta do Brazil, e que tudo quanto disse comprehendia o futuro, que devia realisar-se, como se realiso; portanto, entre os grandes acontecimentos do Brazil, já realizados, entrava o refugio da monarchia portugueza, como precursôra da fundação do Imperio. Isto salta aos olhos do mais miope, porém o Sr. Varnhagen reprova que eu deixasse as phrases — refugio da monarchia portugueza e séde do seu governo — porque, diz elle, — *o Brazil não he ja' a séde do poder da monarchia portugueza* — de sorte que por *ja' não ser segue-*

e, no bestunto do Sr. Varnhagen, que *nunca tivesse sido* !
Pergunto eu agora, he susceptivel de resposta semelhante
critica, que nem ao menos tem senso commum ? Prescin-
do da phrase — *segundo a ordem eterna dos acontecimentos* —
que elle tambem queria, que eu eliminasse por *cautelosa*,
o para quem falla do futuro, porque isto não merece a mi-
nima attenção.

O Sr. Varnhagen pretende, que eu não devia empre-
gar a palavra — *Brazileiro* — tratando dos Indios selva-
gens, ou como adjectivo referindo-se ás castas e nações in-
digenas; e quer antes, para evitar *quis pro quos*, que eu
usasse dos adjectivos *Brasiliense*, *Brasiliano*, e por fim do
termo *Brazis*, que he muito *classico*, e tem a vantagem de
ser mais curto. Desejaria antes de tudo saber em que dicio-
nario, ou em que escriptor achou o Sr. Varnhagen que
Brasiliense ou *Brasiliano* tem diversa significação de *Brasi-
leiro*, ou mais positiva, porque só assim se poderiam evitar os
quis pro quos; mas se estes tres adjectivos se confundem,
e significam a mesmissima cousa, onde está a vantagem da
substituição ? Ora, accresce, que d'estes tres adjectivos ho-
je só usamos do ultimo, que he o unico adoptado por
Constancio no seu dictionario; os outros são inusitados na
boa phrase; portanto usei em regra da unica palavra, que
podia empregar. Note-se que eu só uso desta palavra pa-
ra significar os naturaes do paiz logo depois da descoberta,
quando todos os brancos não tinham outra denominação se-
não a de Portuguezes, e a raça mesclada a de mamelucos,
mestiços, &c.; além de que as palavras — *indigenas*, *sel-
vagens*, *indios*, &c., — convinham tanto aos naturaes do
Brazil como aos do Canadá ou do Estreito de Magalhães;
portanto era mister addicionar-lhes o adjectivo *brazileiro*,
e para evitar estas repetições, substitui por ellipse ao subs-
tantivo o adjectivo; que n'aquelle tempo não se ligava,
nem podia ligar-se, a' certa idéa de *eidado civilisado*, pois,
como já disse, os homens brancos denominavam-se *Portu-
guezes*, ou simplesmente *colonos*. O Sr. Varnhagen prefe-
re sobre tudo a palavra *Brazis*, e he mui justo; ainda

hoje se diz em Portugal *os nossos Brazis*, como antigamente; e o Sr. Varnhagen, como bom Portuguez, deve preferir este nome a outro qualquer, elle que de certo vive á custa da nossa prodigalidade e da nossa boa fé — *os seus Brazis*, não he assim?

Continuando, diz o Sr. Varnhagen, que lhe fôra muito sensível o não ter eu seguido no meu Compendio a opinião recebida pelos criticos e historiadores modernos (oh! quem são elles?), e pelo celebre viajante allemão Martius « de que nunca houve no Brazil uma grande nação de indios *Tapuyas*, porque esta expressão significa « na lingua geral *inimigos*, que todas as nações applicavam « para os seus visinhos rivaes. » Ora, um pobre *plagiario* como eu, que opinião queria o Sr. Varnhagen que tivesse senão a do autor, que copiei com uma *boa fé* tão singela, e que tanto magoou o seu *sincero coração*? Todavia lhe direi, que repillo semelhante opinião, apesar de todos os criticos e historiadores modernos, até mesmo do Sr. Martius; e darei a razão do meu dito. Primeiramente desafio ao Sr. Varnhagen para que me cite *um só* escriptor portuguez ou brasileiro, que tal dissesse, ou que negasse, desde a conquista até hoje, a existencia de um povo tão celebre nos annaes da nossa colonisação. « The Tapuyas « (diz Southey, t. 1. p. 399) were the *oldest race in Brasil*, « and had possessed the whole coast from the Orellana « to the Prata, till they were driven from it by the Tupis, « at a time which could not be far remote, because it was within the memory of savage man. » A opinião do Sr. Varnhagen fundou-se certamente no seguinte trecho do mesmo Southey (p. 400), que elle não entendeu, como sempre lhe acontece « Their name (Tapuyas) signifies *The Enemies*, so called from the *everlasting warfare* in which « they were engaged against all the other natives, and « even among themselves. » Ora, se a palavra *Tapuyas* era dada a todos os visinhos rivaes, segue-se que todos os indigenas se chamariam reciprocamente *Tapuyas*, porque todos elles viviam constantemente em guerra, e até entre as

tribus da mesma raça — *and even among themselves* — portanto não haveria para elles outra denominação, e iriam assim desaparecendo os nomes de Tupinambás, Tupiniquins, Aimorés, &c., raças rivaes, e constantemente em guerra umas com as outras.

O argumento do Sr. Varnhagen, dizendo que não existiram Tapuyas, porque nenhuma nação *diz de si mesma que he Tapuya*, assim como os Bugres não accéptam a denominação que lhes damos, *que parece significar escravos*, he contra producentem. Ora, se não existiram Tapuyas, porque nenhuma nação accépta para si tal nome, segue-se que tão pouco existem Bugres, porque decididamente, segundo assevera o mesmíssimo Sr. Varnhagen, *todos dizem de si não serem Bugres*; nem existem Botocudos, porque estes repelle o nome, que sabem só lhes dão os brancos por escarneo; e isto posso eu assegurar ao Sr. Varnhagen por mim mesmo, porque vindo a esta Corte um chefe Botocudo (Guido Pokrane), e tendo fallado com elle varias vezes, perguntei-lhe em uma dellas, se elle era Botocudo, ao que me respondeu logo — *Botocudo não* — e me disse o nome da sua tribu, que agora não recordo, acrescentando que não os brancos, que lhes davam este nome por escarneo. Não houve uma grande nação no Brazil chamada Tapuya, dizeis vós, e entretanto todos os nossos escriptores, especialmente S. de Vasconcellos, dizem que os Tupinambás e os Tapuyas, inimigos irreconciliaveis, se confederaram na Bahia contra os Portuguezes. A significação do nome não exclue a existencia de uma nação, tão conhecida e tão celebre entre todos os selvagens, nação cujo nome se tornou entre os Portuguezes tão commum, que o davam indistinctamente a todos os indigenas, como he facil de ver no mesmo Simão de Vasconcellos, Jaboatão, João Daniel, Rocha Pita, Berredo, &c., &c.

Sabe qualquer homem, medianamente versado na nossa historia, que os selvagens costumavam distinguir-se por nomes de guerra, nomes symbolicos, nomes caracteristicos, assim por suas qualidades pessoaes, como por seu va-

lor e maneira de combater. Lêde ao menos o Thesouro do maximo rio Amazonas do Padre João Daniel, e alli encontrareis os *Cambebas* pelas suas cabeças chatas, os *Jurenas* pela bocca preta, os *Jugualetes*, que quer dizer — bravos como onças e tigres — *Guaranis*, que, segundo o Padre Cazal, quer dizer *guerreiros*, &c.; e taes significações não excluem a existencia dessas tribus. Outras muitas hordas receberam nomes dos Portuguezes, e ainda os conservam, como *Coróados*, *Barbados*, *Botocudos*, *Gamellos* (assim chamados no Maranhão por causa das rodellas, que trazem nos labios inferiores e orelhas como os Botocudos do Rio Doce); cujos apodos ou alcunhas são repellidos por esses selvagens, que nunca os admittiram. Ora, seria razoavel que, d'aqui a dois ou tres seculos, dissesse alguém que nunca tinham existido taes povos, porque *nenhuma nação dizia de si mesma que era*, por exemplo, *Botocudo ou Gamella*? Eis-ahi a consequencia do miseravel raciocinio do Sr. Varnhagen. Vamos agora ao ultimo ponto.

Respeito sobre maneira o saber profundo do Sr. Martius como naturalista, e sou o primeiro a confessar quanto lhe deve a sciencia n'esta parte, e muito mais o Brazil pelo augmento da sua materia medica; porém como historiador, e principalmente como geographo, rejeito a sua autoridade; nem haverá homem, que tenha sangue e coração brasileiro, que a não repilla uma e mil vezes. Não he possivel borrar das nossas memorias a dolorosa impressão, que nos causaram as discussões do Senado em 1839 e 1840 ácerca da occupação do nosso territorio pelos Francezes, principalmente quando nos recordamos que, para fundamentar essa expoliação, se servia o governo francez da maxima autoridade dos Srs. *Spix* e *Martius*, que haviam levantado uma Carta do Brazil; e sobre essa Carta se apoiava para arrancar-nos todo o territorio entre o rio Oyapock e o de Vicente Pinzon. Ora, os Srs. Spix e Martius não ignoravam o conteudo do art. 1.º do Tratado de 28 de Agosto de 1817, assignado

em Pariz, e muito menos o art. 107 da Acta do Congresso de Viena de 9 de Junho de 1815; portanto se esse erro geographico, que tanto nos ia prejudicando, não foi, nem podia ser, filho da ignorancia, podiamos com razão attribuir-o á causa bem pouco honesta para esses Senhores. Entretanto a accusação foi publica, e não me consta que Sr. Martius se dignasse, ao menos por gratidão a este ovo, que tão bem o acolheu, dizer a causa, não digo do seu erro, mas do seu engano. Emquanto existir esse interdicto, saiba o Sr. Varnhagen que o Sr. Martius não he autoridade para mim em historia do Brazil, e ainda muito menos em geographia.

Agora vamos a entrar nas prelecções de *ortographia e ethnographia tupica*, no que o Sr. Varnhagen he *um poço de sciencia*, e não sei se de tabaco. Prescindo de entrar com elle no exame da theologia exegetica dos Tupis para provar-lhe, que os unicos interpretes são os primeiros missionarios, que vieram ao Brazil, e que elle não he autoridade competente para julgar de suas opiniões a meu respeito. Todavia lhe direi, que a resposta do que elle chama *historias de Tupis e Tupá*, a achará melhor na nota (a) da pag. 104 do 1.º t. da traducção donde copiei o texto, e nas seguintes palavras do seu querido Souhey, fallando dos Tupis (t. 1.º pag. 237) — « *Tupa is their word for Father, for the supreme Being, and for Thunder; it past by an easy process from the first of these meanings to the last, and the barbarous vanity of some tribes compounded from it a name for themselves* » — Entende, Sr. Varnhagen?

Emquanto á *ortographia tupica*, agora o vereis: Veja-se bem, diz o Sr. Varnhagen, que nunca existiu rio algum, 5 grãos distante de Camamú, chamado *Circare*, mas sim o *bem conhecido* (que pedante!) *Cricaré*. » Ora, lembra-me que procurei rectificar este nome, e acheicripto em Southey, autor do peito do Sr. Varnhagen (1.º p. 48) *Circare*, e no Padre Cazal *Cricaré*; vi pois que a differença consistia na permuta de uma letra, e

deixei a palavra como estava em Beauchamp e em Southey. O que posso asseverar he que *Circare*, como escreve Southey, ou *Cricaré* como escreve Cazal, e não o pedante corrector, he o *bem conhecido* S. Matheus, que desemboca aos 18° 37' 10" de lat. S., e de que fiz menção entre os rios da 6.^a classe do Brazil. He tão *bem conhecido* o tal *Cricaré*, que não vem em nenhuma Carta ou tratado de geographia com este nome, e o Padre Cazal diz apenas — Rio de S. Matheus, *originalmente* Cricaré — De sorte que o charlatão, para dar-se a importancia de muito lido, traduziu o adverbio *originalmente* por *bem conhecido*. O mesmissimo poderia eu dizer a respeito das differenças entre Siputaba e Sipotuba, Xipotá e Chopotó, e sobretudo ácerca da falta dos *accentos*, erro *gravissimo* nas palavras brazílicas; mas guardo-me para logo.

Recommendo agora encarecidamente aos meus leitores tenham presente o § da pag. 71 da Revista, que começa — que diremos. . . — e acaba — parecem inventados. A custo diz o Sr. Varnhagen, se descobre que por *Marcajas* se quer fallar dos *Marcaíás* (um *J* em lugar de um *i* latino!!) — entretanto o vosso querido Southey escreve a cada passo *Carios* por *Carijós*); por *Jeicos* dos *Iccós* do Rio Grande do Norte (e porque não dos *Jahicós*, ou *Jaicós* do Piahy, de que falla Cazal?); por *Ancapuras* dos *Amoipiras* (*Amapira* escreve Bellegarde); por *Cuxaraz* dos *Cuxarez*, &c. Até aqui havia alguma cousa de grave, porém agora me parece que a pedantaria tem mais de ridiculo que de serio; oh meu Deos! pois tanto saber em tão poucas palavras? Não opporei autoridade á autoridade para desmentir o Sr. Var-

(*) Aqui não pude conter o riso, lembrando-me da seguinte Quatilha do celebre Nicoláo Tolentino:

Entre o *Jota* e o *I* Romano,
Que differença se achasse
Trabalhava havia um anno;
Obra que se elle acabasse,
Feliz do genero humano.

nhagen, porque seria cahir no mesmo ridiculo que vituperar ; todavia direi algumas palavras a este respeito.

Quem teria bastante petulancia para asseverar, no dia de hoje, que tal ou qual palavra das linguas indigenas não se escreve d'este mas d'aquelle modo, e sobre tudo para dizel-o de centenas de linguas, quasi todas desconhecidas dos proprios Jezuitas, que apenas fallaram a lingua chamada geral, e uma meia duzia de dialectos ? Bastaria comparar os nossos escriptores entre si, ácerca de alguma palavra mais notavel, para ver-se que semelhante pretensão he o cumulo da charlataneria. Tomemos por exemplo a palavra *Japy-Assu*, nome celebre de um Chefe Tupinambá, que assim a escreverem muitos, e outros, como Vasconcellos, escreverem *Japyuassu* : Southey *Japy-wasú* : Berredo *Japyguassú*, &c. Qual destes nomes, Sr. Varnhagen, será o mais correcto ? Vós mesmo dais d'isso um exemplo, repetindo, a pag. 16 das vossas *Reflexões criticas*, cinco vezes a mesma palavra com differente orthographia, ei-las : *Igarosú*, *Igaroçú*, *Iguaroçú*, *Hyguarassú*, *Iguaraçú*, e todas ellas com seus titulos de legitimidade. Aquelle que souber, que a maior parte d'essas linguas eram guturaes, e que na lingua portugueza não temos meios de escrevel-as, nem de exprimil-as por sons analogos, ainda mais se irritará com a miseravel pretensão do selvagem pedagogo. Lembro-me que fiz traduzir no seu dialecto (ao Chefe Botocudo Pokrane) algumas phrases portuguezas, e tentei repetir depois algumas palavras suas, mas foi em vão, porque eram tão guturaes, como um som rouco sahido do esophago, que não tem imitação em nenhuma lingua culta da Europa, nem póde ser representado pelo *Jota* hespanhol, ou *ch* allemão.

Supponde que a lingua ingleza não tinha escriptura, como a não tinham as linguas selvagens do Brazil, e fazei-me o favor de escrever em portuguez a palavra — *Théatre* — como a pronunciam os Inglezes ; supponde igualmente que não tinha escriptura a lingua hespanhola, e escrevei com o nosso alphabeto as palavras—*Jijona*—*Jorgina*—*Jijallo*—como

as pronunciam os Hespanhoes (*). Para provar até a evidencia a pedantaria do Sr. Varnhagen, basta citar um exemplo do que acontece entre escriptores quasi contemporaneos, e outros que os copiaram, ácerca de um nome tão celebre na guerra dos Hollandezes em Pernambuco: fallo do General batavo *Sigismundo Van Scop*, cujo appellido se acha escripto, desde Brito Freire até Southey, da seguinte maneira: Van Scop — Van Scupp — Van Schopp — Van Schuppe — Van de Soopp—, &c.; e isto succede com um nome tão celebre, e com uma lingua viva e civilisada. E quem seria o pedante, que se atrevesse a accusar de erro sobre tal nome a Brito Freire, Fr. Raphael de Jezuz, Fr. Manoel Calado, D. Francisco Manoel de Mello, Southey, &c.? Portanto pretender, em ar de mestre de escola (de linguas que nunca tiveram escriptura propria, e que hoje são mortas, por assim dizer, depois de tres seculos), que tal ou qual palavra deve escrever-se com um *i* latino e não com um *Jota*, que tem ou não deve ter accento em tal syllada, &c, he não só ridiculo, como de uma petulancia, que enjôa (**).

O Sr. Varnhagen exclue uma porção de hordas selvagens, conhecidas no primeiro seculo da descoberta, porque hoje não sabe em que canto vivem, como *Jaborós*, *Mariquitos*, *Mandurez*, *Naporás*, e *Paliés*, que se vestem com uma tunica de canhamo, e exclama—*canhamo* nos sertões da America!!

(*) Qualquer pessoa, que não saiba a lingua hespanhola, ouvindo dizer—*hueso*, *huevo*—escreveria *güesso*, *güebo*— e não haveria filho de homem, que entendesse o que isto quer dizer.

(**) Ainda se poderia tolerar, que se dissesse, por exemplo: tal palavra, que vem escripta no Compendio d'este modo, talvez fosse melhor escrevel-a d'est'outro, como se acha n'este ou n'aquelle autor de grande nota, declarando o nome para impôr a preferencia com a sua autoridade; e note-se que sobre isto não ha melhor autoridade que a dos missionarios. Mas não, o impostor arvora-se em mestre de linguas selvagens, e ainda mais selvagem do que ellas, diz com um descôco, que não tem exemplo: deve ser um *s* e não um *z*, deve ter ou não ter accento, deve ser um *i* latino e não um *Jota*; e isto tudo em seu proprio nome, e por sua unica autoridade, sem citar ao menos escriptor de antanho, em que se funde! Que peccado haverei eu commettido, que mereça tão grande castigo do Céu?

Porém o que o fez rir, como um perdido, foi a tal nação de *pygmeus*; e em paga do prazer, que com isto lhe dei, fez-me andar de parçaria com a *alma* de Beauchamp (e se eu tivesse medo de almas?) pelos sertões do Brazil, como novo Guliver em cata de gente como a do Lilliput. O Sr. Varnhagen mostrou neste pedacinho de ouro possuir um sal attico tão picante, que, se não fôra a ignorancia crassa das cousas do Brazil, poderia passar ao menos por homem de bom gosto; e proseguindo nesse mesmo estylo faceto, acha muito curiosa a peregrinação do famoso chefe do Maranhão *Japy-Assu*, desde o Rio de Janeiro até o Amazonas *por terra e a pé* (isto he do estylo faceto do Sr. Varnhagen), só talvez para ir lá no seculo seguinte, pelos annos de 1614 (he falso, Sr. Varnhagen; em 1612 he que se falla d'elle) proteger os Francezes contra os colonos portuguezes, como fez (o que tambem he falso). Desta vez, como de muitas outras, continúa o *sabio* Aristarcho, esqueceu-se o Sr. Abreu e Lima, de que tinha, com toda a confiança em si, asseverado no Prefacio, que organisára os factos em serie por meio de uma *muito exacta deducção chronologica*, &c. Isto he o que se chama *apanhar-me em flagrante anachronismo!* Entretanto he mister advertir, que em tudo isto continúa o Sr. Varnhagen a transcrever periodos do meu Compendio a par dos do original, para provar com uma *logica palpitante* (creio que he o termo) que eu só fizera um *plagio* de Beauchamp, *unico*, já se sabe, *a quem elle se dirige*. Vamos pois por partes, e nada de afogadilho.

Beauchamp no livro, em que descreve o Brazil (na época do seu descobrimento), quiz fazer alardo de vasta erudição ethnographica, e para isto consultou não só a Charlevoix, Techo, Vaissette, Abbeville, como tambem o roteiro ou diario de Christovál de Acunha, La Condamine, a Historia geral das viagens, &c. Para que a sua relação fosse bem feita, deveria começar descrevendo esses povos pelo Sul até concluir no Norte, seguindo a marcha da colonisação portugueza; o que elle não fez, nem sei se o poderia fazer, e englobadamente foi aglomerando todos esses nomes encontrados aqui e alli, n'este e n'aquelle au-

tor. Seria sem duvida grande defeito, se podessemos hoje averiguar o assento de cada um desses povos, que ou já não existem, ou estão refundidos em outras raças de character, e talvez de lingua differente ; mas poderia acaso fazel-o, ou alguem por elle ? Para mim tenho que será muito melhor passar uma esponja sobre toda essa carta de nomes, que hoje nada significam, sobre a memoria fugitiva desses povos, que não deixaram traz si nenhum vestigio de sua existencia. Outro tanto não acontece com a historia da idade media, em que apparece essa nomenclatura de Godos, Visigodos, Ostrogodos, Vandalos, Suevos, Alanos, Bulgaros, Salios ou Francos, &c., &c., que tambem já não existem, mas que deixaram perpetuadas suas memorias pelas novas raças civilisadas, a que deram origem, ou pela introdução de usos e costumes differentes, e cujo cunho permanece ainda em monumentos de eterna duração, como na architectura e na legislação. N'este caso sigo hoje a opinião de fazer desapparecer da historia todos esses nomes sem significação alguma, e de só conservar aquelles a quem se póde dar uma posição geographica certa ; isto he, prefiro o methodo do Padre Casal, e no meu novo trabalho he o que pretendo seguir.

Mas, *em que canto vivem* esses Jaborós, Mariquitos, &c. ? pergunta o Sr. Varnhagen ; e eu tambem lhe perguntarei, em que *canto vivem* os Carijós, Guayanás, Patos, Guaycanas, Xiriquanos, Cambaz, Carajás, Javahés, ou mesmo os Aimorés, Tupinikins, Cahetés, Pitagoares, e milhares de tribus, cujos nomes tem sido reproduzidos pelo primeiro echo, e recebido novas vibrações, tornando-se assim, talvez, falsa imitação do primeiro som ? E todavia, quem he o audaz, que possa dizer hoje : taes tribus não existiram, mas só estas ou aquellas ? Se nos recordarmos do que diz o Padre Acunha no seu Diario do Amazonas, eram taes e tão numerosas as differentes tribus, que occupavam as suas margens, que o golpe do machado em uma aldêa podia ser ouvido em outra immediata. Onde estão hoje essas tribus, em que *canto vivem* ? Onde existem os Ja-

guains, os *Gurupás*, os *Iranambés*, os *Goijarases-açús* de corpo agigantado, e a nação dos pés virados para traz, e a que os tem redondos para lhe servirem de chapéus de sol? Pois bem, perguntai tudo isto ao Padre João Daniel, e elle vol-o diria, se ainda estivesse neste mundo.

Causou ao Sr. Varnhagen muita admiração a tunica de *canhamo* dos Paliés, e exclama — canhamo nos sertões da America! prova de que tudo lhe servia de motivo para censura, sem que ao menos lhe occorresse a reflexão, que fiz quando isto copiei. Os Portuguezes, chegando ao Brazil, deram a tudo quanto tinha alguma semelhança com o que existia na Europa, o mesmo nome que lá conheciam; viram linho, e chamaram-no *canhamo*, até que puderam conhecer os nomes das differentes especies, de que abunda o Brazil. Não sei se o Sr. Varnhagen conhece a nossa *Pita* (*Agave americana*. L.), a *Guaxima* (*Urena lobata*. L.), e as ha de muitas especies; a *Embira* — *Pindahiba* (*Xylopia sericea*. St. Hil.), e muitos outros vegetaes que produzem linho; pois devo dizer-lhe, que os indigenas do Orinoco, do Meta e do Casanare trabalham com tal perfeição a pita, que a tornam excellente linho, mais alvo e mais macio do que o canhamo; e não só fazem redes, e muitos tecidos diversos, como especialmente bambinelas para as mesmas redes, que vêm em separado a venderem-se em S. Thomaz de Angostura. Eu vi muitas vezes a operação de macerar a pita, de extrahir-lhe as fibras, e de coral-a, assim como de reduzil-a a fio, e de tecel-a com artefactos mui grosseiros. Mostrai esse trabalho depois de feito a um Europeu, e elle vos dirá, que heo proprio *canhamo* — pois nem ao menos vos occorreu este pensamento? Já sabiam os primeiros colonos o que era pita, guaxima, pindahiba, ticum, e tantas outras especies de plantas fibrosas dos nossos Sertões, para dar-lhes o nome conveniente sem faltar a exactidão historica?

O Padre Cazal, fallando dos Bugres, diz que os homens andam nús, mas que as mulheres escondem do embigo até os joelhos com uma cinta larga de *acroá* tecido. Southey

refere a mesma cousa (t. 3. pag. 855) com a differença de que, em lugar de cinta, diz *saia ou brial* — Short petticoat — *especie de tunica curta*; o que he mais natural, porque com uma cinta ou facha larga até os joelhos não será muito facil andar. O mesmo Padre Cazal (t. 2. pag. 139), fallando das tribus dos Tupinambás, que habitavam em Pernambuco, diz o seguinte: « Os homens, cujas armas são « o arco e seta, andavam nus; as mulheres cobriam-se de « centemente por diante com uma rede miuda e elastica, « ou com uma franja larga de *linha grossa e mui torcida de « croatá*, tudo feito com arte. » Dá-se em Pernambuco o nome de *croatá*, *caroatá*, *carautá* ou *gravatá*, á mesma pita (agave americana); sabiam-no por ventura os primeiros povoadores? viram linho, e deram-lhe o nome de canhamo; que ha n'isso, Sr. Varnhagen, que vos espante? O que não só me espanta, como me contrista, he o cumulo da vossa ignorancia, que tão nociva póde ser ao Brazil: Deos vol-a perdôe.

Vamos agora aos *pygmeus*, que tanto fizeram rir ao Sr. Varnhagen, nem tudo devia ser máo humor. O Padre Januario pediu-lhe que me descompozesse, mas não lhe recommendou que não se risse — isto não. *Pygmeus!* só no paiz do Lilliput, porque no Brazil não ha d'essa gente, diz o Sr. Varnhagen; mas dil-o porque sabe tanto das cousas do Brazil como eu sei o que passa no mundo da lua. Não um nem dois, mas muitos missionarios fallaram e escreveram ácerca de *gigantes e pygmeus*; e como o Sr. Varnhagen não tem obrigação de saber o que nunca leu, só lhe citarei o que tinha obrigação de ler, que he a Revista do Instituto, visto que lh'a mandam de graça. Pois nem se quer, Sr. Varnhagen, a Revista do Padre Januario? E porém o que ha de mais singular he que o livro, que vamos citar, he a 2.^a parte do Thesouro descoberto no rio Amazonas, que o mesmo Sr. Varnhagen diz (Rev. do Inst. t. 2.º p. 319) *que viera encontrar na Bibliotheca publica do Rio de Janeiro*, portanto muito do seu conhecimento; o que prova que a memoria do Sr. Varnhagen anda a par do seu

uizo, isto he, vive em um mundo *negativo*. Eis-ahi o que diz Padre João Daniel (Rev. do Inst. t. 3.º p. 288). « Os Indios *Goijarazes*, de que ha duas nações, uma de estatura mediana, e outra de corpo agigantado, cuja differença explicam no mesmo nome de — *Goijarazes-açús*, — bastantes a metter medo só com a altivez do corpo : e com tudo foram vencidos por *uma nação pygmea*, sua contraria, não por superioridade de forças, mas por maior valor e esforço de animo; e não em competencia de lutas, mas com estratagemas, e ardidés de Marte. » Estes *pygmeus* não são, Sr. Varnhagen, como aquelles que, diziam os Gregos, andavam sempre em guerra com os *Grous*, que lhes devastavam as searas; são bellicosos e valentes, e tão valentes que batem *gigantes*. E o que direis agora contra o Padre João Daniel ? (*)

O Sr. Varnhagen assevera, que eu nem uma só vez consultei a Southey, e eu digo que he elle quem nunca leu, e que apenas folheou algumas paginas sem entendel-as, á excepção dos dois prefacios, dos quaes furtou os pensamentos, de que já fallei, e outro de que tenho de fallar ainda. Southey (t. 1. pag. 696), referindo-se ao roteiro do Jesuita Christoval de Acunha, quando falla dos Tupinambás, que encontrára na grande ilha deste mesmo nome, 28 legoas abaixo da embocadura do rio Madeira, se exprime da seguinte maneira — « Among their southern
« neighbours thei said, there were two remarcable
« races: the *Guayacis* who were *DWARFS*, not bigger than
« little children; and the Mutayces whose feet grew backwards (note-se aqui a perfeita concordancia com o que
« diz o Padre João Daniel. Rev. do Inst. t. 3.º p. 285),

(*) Compare-se pois o que diz o Padre João Daniel com o seguinte trecho do meu Compendio (t. 1. pag. 30), que tanto riso causou ao Sr. Varnhagen — « Entre a nação dos Tapuyas
« ainda se distinguem os *Aquigiros*, que por excepção notavel
« são *verdadeiros pygmeus*; foram os Europeus que lhes deram
« este nome; todavia não são menos corajosos, nem menos robustos. »

« so that any one who attempted to follow them by their track would, if he were ignorant of this malformation, go farther from them. » Então, Sr. Varnhagen, andaria eu só, em parçaria de Beauchamp, em cata de pygmeus, ou teria mais companheiros nos Sertões do Brazil? Pois sabei, que não he só no Norte que existia d'essa gente, tambem no Sul ha tradiçõs, como refere o mesmo Southey, fallando das tribus do lago Ybera, anteriormente Caracara, ao sul do Paraná « wild tales (tom. 2. p. 324) had been told of a race of pygmies inhabiting its inmost recesses: at this time a set of ferocious savages of the Caracara, Capasaca and Menepo tribes, had their haunts there. » Southey não acreditou nos pygmeus do lago Ybera, como não acredita o Sr. Varnhagen, e por isso não repetiu o que disseram Charlevois, Techo e outros; mas eu tambem não acredito nas Amazonas do Grão-Pará, e entretanto já o Instituto sancionou esta crença por um dos seus socios o Sr. Silvestre Rebello. As risadas portanto do Sr. Varnhagen devem custar-lhe algumas lagrimas de arrependimento, se tiver algum pejo; mas parece-me que he muito bom discipulo do Padre Januario, cuja maxima favorita he não ter vergonha.

Passemos agora á peregrinação dos Tupinambás, que o Sr. Varnhagen acha *muito curiosa*, assim como a do famoso chefe do Maranhão Japy-Assu, desde o Rio de Janeiro até o Amazonas *por terra e a pé*. Começa o zoilo de nova estampa levantando um falso testemunho ao meu Compendio, porque eu não disse que o chefe Japy-Assu partira do Rio de Janeiro; pelo contrario leia-se o que está escripto a pag. 85 e 86, e ver-se-ha que, perseguidos os Tupinambás *em toda a direcção da nova Colonia*, em tempo dos dois governadores do Norte e do Sul, Luiz de Brito e Antonio Salema, se retiraram aquelles para o interior descorçoados, e a *final* Japy-Assu os movêra a emprehender esta grande emigração. Ora, as tribus mais numerosas desta grande nação existiam na Bahia, e para alli afluíram os perseguidos no Sul; portanto foi na Bahia, onde na-

turalmente tomaram a resolução final de uma completa transmigração. Em quanto a realidade d'esta emigração, creio que o Sr. Varnhagen não a porá em duvida, com quanto lhe pareça *muito curiosa*, porque he factó até hoje incontestavel; e se me não acredita, procure ler o que diz Southey (t. 1.º pag. 695) e alli achará as provas na tradição constante dos mesmos Tupinambás, referida pelo Padre Acunha em seu roteiro da viagem de Quito ao Pará com o Capitão Teixeira, e sobretudo pela confirmação (o que escapou a Southey), que d'esta mesma tradição faz La Condamine, mais de um seculo depois, quando baixára pelo rio Amazonas em sua viagem do Perú. Em quanto a direcção dada á esta emigração dos Tupinambás pelo velho chefe Japy-Assu, não amontoarei provas da sua exactidão para não dar o gosto ao Sr. Varnhagen de obrigar-me a fazer um livro *in folio*, e apenas citarei uma autoridade irrecusavel para o Padre Januario: he o Compendio de Bellegarde (pag. 71), que he *mais recommendavel* do que o meu.

Porém o Sr. Varnhagen leu no meu Compendio estas palavras — « A final Japy-Assú, um dos chefes a quem a experiencia e a *longa idade* davam maior influencia e credito, &c. » e de relance tambem bispou em Southey, que um chefe Tupinambá, chamado *Japy-wasu*, recebêra a Rassilly na ilha do Maranhão em 1612 (e não em 1614, como assevera na sua critica); e espantado por este horroroso anachronismo, chama-me á contas pela miseria de haver dito no meu Prefacio, que organisára os factos por uma exacta deducção chronologica. Ora, um homem já velho, que partira do Rio de Janeiro no seculo 16, e que apparece no seculo 17 figurando de grande personagem, de um a outro extremo do globo terraqueo, he com effeito erro de balmatoria. Mas perguntarei ao Sr. Varnhagen: seria o nome de Japy-Assú unico e intransmissivel? pois em uma mesma nação, que por mais de dois seculos guardára as tradições tão constantes, e que perpetuava a memoria dos seus padecimentos com tão religioso escrupulo, não

poderia tambem transmittir e perpetuar nas mesmas gerações os nomes dos seus chefes mais distinctos, dos seus herões? Que difficuldade pois encontra o Sr. Varnhagen, em que aquelle mesmo nome representasse em diferentes datas tambem diferentes pessoas? Ainda assim, não pretendo abusar da credulidade do Sr. Varnhagen, e quero provar-lhe que só por sua crassa ignorancia, por nunca entender o que lê, he que cahio na asneira de censurar-me.

A emigração dos Tupinambás não podia ter lugar antes do anno de 1574, porque só no anterior he que começára a grande perseguição, que se lhes fez, desde o Rio de Janeiro até a Bahia; portanto, dando de barato que n'aquella data emprehendessem a sua jornada, d'ahi até o anno de 1612, em que o chefe Japy-Assu apparece figurando no Maranhão, vão 38 annos. Mas Japy-Assu *era já velho*, quando obrigára seus compatriotas a tomarem aquella resolução, e quero conceder-lhe a idade de 50 annos — acha pouco, Sr. Varnhagen? pois bem, convenho, para dar-lhe mais influencia, em que já tinha no cachaço os seus 60 janeiros, que, unidos aos 38 annos, que vão de 1574 a 1612, perfazem a somma de 98 annos bem contados. Creio que estamos de accordo nas premissas, vamos agora á consequencia — a consequencia? he que o chefe Japy-Assu do Maranhão tinha perto de *cem annos de idade*, e portanto podia muito bem ser o mesmo individuo, que partira em 1574, ou depois, dos Sertões da Bahia, e alli se achava, havia mais de 30 annos, estabelecido.

Em quanto a idade do chefe Tupinamba, lede o que d'elle diz Southey (t. 1.^o pag. 418): « In reply to this, Japy-
« wasu the chief Royalet of the island, *who was about an*
« *hundred years old*, but still in full vigour, thanked Ras-
« silly for bringing the french *Payes*. » Pelo que toca a viagem *por terra e a pé* (no que muito embirra o Sr. Varnhagen) direi que hoje mesmo, que ainda não temos melhores caminhos, nem pontes; nem mais commodidades para os peões, que são os que conduzem cartas, e

até os gados do Piauhy e do Maranhão para a Bahia, a viagem, digo, se faria em menos ou em tantos dias como de annos correm desde 1574 até 1612; e só o Sr. Varnhagen, que não conhece o Brazil, nem tem a menor idéa da sua topographia, poderia achar impossivel uma viagem tão commum e tão facil como esta.

Até aqui tenho combatido o Sr. Varnhagen com muita vantagem da minha parte, porque o campo era todo meu, e esse campo he a historia do Brazil, que sua mercê ignora como se fosse um Beduino; porém agora sou obrigado a il-o procurar em suas proprias trincheiras, no seu reduto de alfarrabios, e de manuscriptos do tempo das Cruzadas, e já vêem os leitores que *alli* tem o Sr. Varnhagen decidida superioridade. Todavia não perco assim o animo com reparos de papel sujo, porque, soldado velho, sei o modo de investir o inimigo, conhecendo a incapacidade que tem de defender-se. Felizmente o Sr. Varnhagen deixou-me excellente artilharia de bater no Diario de Pero Lopes e nas suas *Notas*, nas Reflexões Criticas, e no seu folheto das primeiras negociações diplomaticas respectivas ao Brazil; agora tenha santa paciencia que o hei de expellir do seu entrincheiramento, hei de enxotal-o até da ultima guarita que lhe ficar.

O Sr. Varnhagen começa agora o seu ataque pelas palavras do meu Compendio — dizima territorial á Corôa — que deveriam ser antes — *dizimos á Ordem de Christo* — os epithetos afrancezados de que usei — civil e criminal — devendo ser *civil e crime* — e outras cousas por este theor; e isto porque não li com *attenção* dois documentos por elle publicados em 1839. Eu poderia abandonar essas frioleiras ao senso commum dos meus leitores, mas o Sr. Varnhagen collocou-me em uma caua de espinhos, e he mister que os quebre um por um até o mais pequeno ou rombudo: tal he a minha sorte. Em primeiro lugar direi, que *dizimo* he synonimo de *dizima* em todos os nossos dictionarios, e o Foral dado a Pero Lopes de Sou-

za o confirma, porque vêm alternadamente e de mistura estas duas palavras muitas vezes. A phrase *dizima á Corôa* poderia ser impropria, mas nunca um erro de historia, porque n'este caso a Corôa e a Ordem de Christo não são duas entidades diversas, como suppõe o Sr. Varnhagen. Os dizimos no Brazil sempre foram pagos ao Fisco, ou pelo direito do Padroado inherente á Corôa, como actualmente, ou pelo mesmo direito inherente ao Grão-Mestrado da Ordem de Christo, que em Portugal nunca foi independente da Corôa. Por uma d'essas anomalias, de que não he possível explicar as causas, foram as conquistas de Portugal consideradas como feitas pelos Cavalleiros da Ordem de Christo, e os Soberanos, que eram os Grão-Mestres da Ordem, quizeram exercer n'ellas o direito do Padroado como taes, para dar talvez um character religioso ás conquistas, que outros povos consideraram sempre de interesse temporal.

Imbuído d'esses falsos principios, e talvez mal aconselhado, impetrou o Sr. D. Pedro 1.^o de gloriosa memoria, depois da Independencia, uma Bulla da Santa Sé para continuar a exercer esse direito do Padroado em nome da Ordem de Christo; porém a Assembléa Geral do Brazil, conscia dos seus deveres, negou o *Benepiacito* á citada Bulla, fundada no direito imprescriptivel do Padroado, inherente á Corôa, como direito puramente magestatico, e nunca como concessão de uma autoridade estranha; porque o direito do Padroado nunca foi considerado por ninguem de jurisdicção espiritual, mas muito e muito temporal — entende, Sr. Varnhagen? Porém como posso eu exigir que este senhor conheça a nossa legislação, e o espirito do nosso direito patrio, se elle ignora até os mais pequenos factos da nossa historia! Portanto não emendei o texto, porque assentei que não era um erro, ainda quando fosse impropria a expressão, pois estava tudo remediado com a minha nota, em que cito a doação e o foral de Pero Lopes, e o lugar onde se achavam. Em quanto as palavras — civil e criminal — por *civil e crime* — direi que aquellas são hoje geralmente adoptadas na nossa legislação mo-

derna, que o Sr. Varnhagen tambem ignora; hoje dizemos, por ex., processo civil e criminal, justiça civil e criminal, e não como antigamente — processo civil e crime. — &c.

Depois d'esta escaramuça entra o Sr. Varnhagen nos seus geraes: aqui d'El-Rei! exclama elle, porque não admitti no texto 12 Capitancias, senão as nove que eram conhecidas, e as unicas especificadas até alli por todos os escriptores das nossas cousas. O Sr. Varnhagen não pôde perdoar-me que lhe não tenha fé implicita, nem dê muito credito às suas copias e reflexões; felizmente tive o senso commum sufficiente para conhecel-o desde a primeira linha, que escreveu, e agora verá por que nunca o acreditei. Não sendo possivel copiar *ad litteram* todo o aranzel d'este senhor, recommendo encarecidamente aos meus leitores tenham presente a Revista do Instituto n.º 21, desde a pag. 74, paragrapho que começa — *Mas que!* — até o fim da pag. 76. Sem embargo alguns periodos he mister transcrever, e seja o primeiro o seguinte: « ... apenas em duas notas deixa bruxulear (he de mim que está fallando) alguns escrupulos em as admittir (as 3 capitancias que faltam para o completo das 12, de que falla Barros), e quer justificar-se de ter usado, para fugir ao embaraço, de uma expressão conciliatoria, *valendo-se para isso da generalidade da palavra — Maranhão — que só muito depois constituiu um Estado*, formado dos territorios do Norte. » Meu Deos! que aleives! que mentiras! que ASNEIRAS de grosso cabre! !

Não foi para fugir de embaraços, nem para conciliar-me supina ignorancia do Sr. Varnhagen, que disse no meu compendio o seguinte: *João de Barros obteve a Capitania do Maranhão* —, mas porque assim o disseram todos os autores, que trataram da materia. Eis-ahi o que diz Southey (t. 1.º pag. 57): « Joam de Barros, the great historian, obtained the *Capitaincy of Maranham*. » Além de Southey vede Berredo (pag. 17 n. 44) « Ao celebre historiador João de Barros coube a (capitania) *do Maranhão*, que conhecido já

« este famoso rio pela banda do Norte, tambem se reputa-
« vam os certões d'elle, e mais terras, que se lhes seguissem,
« por uma parte do mesmo Brazil, na verdadeira arruma-
« ção da linha imaginaria (falla aqui da chamada linha
« Alexandrina), &c. » Depois d'estes repetiu quasi as
mesmas palavras o Padre Cazal (t. 2. pag. 223) « Quando
« El-Rei D. João 3.º repartiu a Costa brasilica em Capita-
« nias, coube a do Maranhão por sorte ao historiador João de
« Barros. » Portanto bem vê o Sr. Varnhagen que não fui
eu, que, para fugir de embaraços, usei de uma expressão
conciliatoria, valendo-me da generalidade da palavra — Ma-
ranhão — mas todos os escriptores, que fallaram de seme-
lhante assumpto. E porém se n'isso não ha mais do que um
aleive, no que se segue ha erro crasso, que não escaparia
ao menos versado na nossa historia. Diz o Sr. Varnhagen
que me vali (para conciliar a doação feita a João de Barros
com as tres capitancias, que elle pretende instaurar) da
generalidade da palavra — Maranhão — *que só muito depois
constituiu um Estado, formado dos territorios do Norte.*

Com que, Sr. Varnhagen, a palavra *Maranhão* só foi
usada muito depois, quando constituiu um Estado? pois
esta palavra, no tempo da repartição das terras do Brazil,
não significava já um territorio? seriam todos esses escrip-
tores, que mencionei, uns asnos, empregando uma pala-
vra que só muito depois representou os territorios do Nor-
te? E se eu vos provar que em 1531, e talvez muito antes,
já a palavra *Maranhão* significava a parte do territorio, que
ainda hoje conserva o mesmo nome? Pois muito bem, e o
farei com a vossa propria autoridade, porque, como já disse,
me deixastes excellente artilharia de bater nos vossos pro-
prios escriptos, e com elles vos hei de esmagar.

Diz Pero Lopes de Souza no seu Diario (pag. 15. Do-
mingo 19 de Fevereiro de 1531) o seguinte : « Daqui (de
« Pernambuco) mandou o Capitão J. as duas Caravelas
« para que fossem descobrir o rio do Maranhão », e o mes-
simo Sr. Varnhagen, nas suas Reflexões Criticas (pag.
101 *Observação G.*), adoptando a opinião do Sr. Dr. Rivara,

diz que a expressão — rio do Maranhão — representa a *como armenseada, que desemboca no mar as aguas do Meary, Pinaré, la Moni, &c.* Ora, o territorio, que comprehende esses rios, he justamente o que ainda hoje conserva o nome de *Maranhaõ*; portanto já conhecido quasi um seculo antes de constituir um Estado, pois que o Estado do Maranhão foi creado em 1624. E que respondereis a isto, Sr. Varnhagen? Já vos não lembraís, que, para corroborar essa opinião, citastes a Carta de Fernão Vaz Dourado, e a doação de Ayres da Cunha, João de Barros, e Fernão Alvares de Andrade? Vede agora se admittis o que chamastes minha conciliação. Um erro pois de 93 annos he para o Sr. Varnhagen uma bagatella, e sobre esse erro miseravel fundou elle uma arguição contra mim, sem lembrar-se do que havia escripto, pois parece que copia as idéas alheias sem nenhuma consciencia do que faz, ou he tão estúpido que não entende o que transcreve — sua alma, sua palma.

O que se segue he ainda outra contradicção comsigo mesmo, porque combate as suas proprias palavras, que eu copiei fielmente. Formulando uma arguição agora, esquece o Sr. Varnhagen que escreveu em 1839 nas suas Reflexões Criticas; e para mostrar a contradicção manifesta porei em frente, um do outro, os dois periodos do mesmo Sr. Varnhagen no interuallo de 4 annos.

O Sr. Varnhagen em 1843. *Rev. do Inst. t. 6. pag. 74.*

« Perdoe-nos o Sr. Abreu e Lima, que não admittamos a sua conciliação, que, quando temos *documentos positivos que fallão*, a historia não póde inventar, nem fazer capitulações; e que tambem não demos credito a que só os seus escrupulos, e o não ter o manuscripto projectado por Barros, que hoje se julga que elle *nunca chegou a levar a effeito*, he que o deixam indeciso. Tivesse Barros e tudo o mais que desejasse, parecemos que nada trocaria pelo se-

O Sr. Varnhagen em 1839. *Reflexões Criticas, pag. 83. Observação D.*

« He bem sabido pelo testemunho do *Chronista Barros* que El-Rei D. João 3.^o, querendo povoar a terra do Brazil, e christianisar o gentio d'aquella região tão extensa, se resolveu a repartir o litoral em 12 Capitánias, dadas de juro e herdade; porém este escriptor reservou-se, segundo elle mesmo declara, a dar mais informações sobre este assumpto na parte que escreveu (então, Sr. Varnhagen, escreveu ou ficou só em projecto?) intitulada — Santa Cruz — *manuscripto que*

ductor estylo de Beauchamp. Pois que melhores e mais seguros guias quer para a historia, do que os proprios documentos originaes e autographos, guardados nos archivos de um paiz, que os conservou sempre no maior recato, e que são submettidos a exames paleographos, quando ha n'elles a minima suspeita ? »

se julga perdido ; (como he isso, se dizeis agora que nunca chegou a levar a effeito ?) ; este escripto nos teria transmittido circunstanciadamente o nome de todos estes donatarios (para que, se tendes os proprios documentos originaes e autographos ? que impostor !) , ou quasi senhores feudaes do hoje Imperio Brasileiro , a cujo conhecimento nunca a historia poderia ser indifferente. »

O Sr. Varnhagen em 1839 acreditava no manuscripto, que Barros *escreveu* (*), intitulado—Santa Cruz — porém agora diz que apenas fôra *projectado* ; então dizia que *se julgava* perdido, agora julga que Barros *nunca chegou à levar-o a effeito* ; então acreditava que este escripto nos teria transmittido *circumstanciadamente o nome de todos os donatarios*, agora que ha *melhores e mais seguros guias* nos documentos originaes e authographos (e note-se que são os mesmos de que o Sr. Varnhagen fez menção n'aquella época sem augmentar um só) ; então não poderia ser indifferente à historia o conhecimento dos nomes dos donatarios referidos por João de Barros, e agora não só julga indifferente senão desnecessario á vista dos mesmissimos documentos d'então, só porque se acham conservados *no maior recato*, e são submettidos a exames paleographos ! ! E que dirão os leitores quando saibam, que a perda do manuscripto de Barros he um vacuo na historia do Brazil, que ninguem poderá hoje preencher, assim como o

(*) Eis-ahi as proprias palavras de João de Barros, Dec. 1.^a liv. 6. cap. 1.^o in fine: « E assi na provincia de Santa Cruz occidental a « estas, a qual ao presente El-Rei D. João o Terceiro Nosso Senhor repartiu em 12 Capitancias dadas de juro e herdade ás « pessoas que as tem, como particularmente *escrevemos* em a « nossa parte intitulada — Santa Cruz. — » *Escrevemos* aqui he preterito perfeito, Sr. Varnhagen, entende ? Porém que muito he que desminta a João de Barros, quem a cada passo desmente a si mesmo ? Para cumprir o mandado do Padre Januario era preciso desmentir a si, a João de Barros, e até as proprias Escripturas ; sel-o e está acabado.

Juizo do Sr. Varnhagen , a que agora respondo , prova mais que muito um grande vacuo na sua cabeça ?

Antonio Cardozo de Barros he um dos 12 donatarios, que o Sr. Varnhagen pretende instaurar á força, caiba ou não caiba , só porque , diz elle , teve Foral datado de 20 de Novembro de 1535; porém o Sr. Varnhagen he o mesmo que assevera agora , que a carta de doação não tinha apparecido, e que do referido Foral , nem de outro documento mais, que cita, consta *em que paragem ficava a Capitania* , que lhe fôra doada, nem *que extensão tinha*, e por isso, e porque *a Costa parecia toda já pouca para os outros donatarios*, o foi arrumando para Oeste do Maranhão, isto he, para as *bandas do Pará*, *onde ainda restavam Costas a distribuir* (*) (pag. 76 da Rev. do Inst. n. 21). Ora pois, resulta de tudo isto que o tal Antonio Cardozo foi um donatario sem capitania, ou ao menos á mercê do primeiro que quizesse emprestar-lhe uma, e que d'elle não consta outra cousa , segundo a opinião do mesmo Sr. Varnhagen (Reflexões Criticas ; pag. 85) senão que veio com o Governador geral Thomé de Souza por Provedor da Fazenda em 1549, isto he, 14 annos depois que teve o seu Foral ; e que, tornando para o Reino no Governo de Duarte da Costa , em companhia do Bispo D. Pedro Fernandes , naufragára no rio Corurupe, onde foram todos devorados pelos Cahetés.

Muito desejára saber agora, se haverá homem que tenha,

(*) E por que não mandou o Sr. Varnhagen ao tal Antonio Cardozo para as bandas do Rio da Prata ? Pois de Paranaguá, limite meridional da donataria de Martim Affonso, segundo elle mesmo diz , até o Cabo de Santa Maria , ou até Maldonado, onde já existia um Padrão com as armas d'El-Rei D. Manoel, não havia muita terra que desfiar ? Pois o rio da Prata seria menos conhecido em 1535 do que o Amazonas ; o rio da Prata, que já tinha sido explorado por pilotos portuguezes (João de Lisboa e Vasco Gallego de Carvalho), e recentemente por Pero Lopes de Souza ? Acredita o Sr. Varnhagen que n'aquelle tempo tivesse D. João 3.^o mais direito ao *rio Maranhão* do que ao da Prata ? ou que não considerasse toda a Costa como sua desde uma até outra embocadūra ? Então por que diz, que *já parecia a Costa pouca para os outros donatarios* ? Juicio te de Dios , que el saber poco te vale.

não digo já criterio , mas mediano senso commum , que se atreva a asseverar que Cardozo fôra um dos 12 donatarios , de que falla Barros : Cardozo, de quem não ha um só escriptor, que falle da sua capitania , nem de estabelecimento algum na Costa do Brazil, nem ao menos de tentativa mallograda, como a de João de Barros e Ayres da Cunha: Cardozo, que viera como empregado publico do governo geral do novo Estado , 14 annos depois do tal chamado Foral , que apenas se referia á uma Capitania imaginaria ; e que por fim morrêra de volta para Lisboa no anno de 1556 !! E em 21 annos, espaço entre o Foral e a morte do supposto donatario, não consta se quér em que paragem ficava a capitania, que lhe fôra doada, quando os nove donatarios, de que temos cabal informação , vieram ou mandaram no mesmo, ou no seguinte anno, fundar os seus estabelecimentos. De tudo quanto fica exposto apenas se póde deduzir que o tal Cardozo, se com effeito teve alguma doação , não passou nunca de um donatario *in partibus* , ou como tambem se diz , foi um donatario *ad honorem*. E queria o Sr. Varnhagen que sem mais exame, só porque elle, sem criterio nem reflexão, com a sua costumada pedantaria gritou — inveni — eu baixasse a cabeça , e dêsse por pouca cousa a perda do manuscripto de Barros. — Forte pedante , digno de riso se não fôra ainda mais digno de desprezo !

Vamos aos outros dois donatarios do Sr. Varnhagen, Fernão Alvares de Andrade e Ayres da Cunha. Do primeiro diz elle que obtivera a carta de doação a 18 de Junho de 1535, e do segundo tão sómente Foral datado de 11 de Março do mesmo anno , mas nada de doação ; e finalmente de João de Barros diz, que obtivera Foral com a mesma data do de Ayres da Cunha, e tão pouco falla da carta de doação , a unica que podia dissipar a duvida ácerca d'estes dois ultimos , que apparecem englobadamente em um trecho, que cita o mesmo Varnhagen á pag. 80 do Diario de Pero Lopes. Eu reflecti muito sobre estes apontamentos, que não merecem outro nome, porque, não vindo os documentos por extenso, como poderia

eu julgar do seu conteúdo ? Infelizmente tudo quanto dizia o Sr. Varnhagen a este respeito me pareceu logo tão pueril, e tão desconxavado, que tive de occorrer á minha propria razão, e conclui que difficilmente se poderia asseverar que Andrade, Cunha, e Barros tinham sido tres distinctos donatarios, e como taes entrassem no numero dos 12, de que fallára o ultimo. Só a Carta de doação a João de Barros poderia dar-nos o fio para sahir talvez d'esse labyrintho, porém nem a cita o Sr. Varnhagen, nem creio que a achou nunca, porque agora mesmo só reproduz o periodo mencionado á pag. 80 do Diario de Pero Lopes de Souza.

Entretanto d'este mesmo periodo apenas se deduz, que Andrade obtivera 65 legoas de Costa, e que a João de Barros e Ayres da Cunha (note-se que vêm englobadamente, quando até os dois irmãos Souzas, que obtiveram doações ao mesmo tempo, apesar de irmãos e pelos mesmos serviços, tiveram cartas separadas) couberam-lhes 150 legoas, que deviam começar onde se acabava a Capitania de Pero Lopes de Souza. Além de que tive de comparar o que diz o mesmo João de Barros, muito depois do naufragio de Cunha, e de haver renunciado a doação — « Os feitos da qual, *por eu ter huma d'estas Capitania*s, me tem custado muita substancia de fazenda: por « razão de huma armada *que em praçaria d'Ayres da Cunha e Fernão Alvares de Andrade*, Thesoureiro-mór d'este « Reino, *todos fizemos para aquellas partes o anno de 1535* » — e d'aqui conclui que dizendo elle — *por eu ter uma d'estas Capitania*s — sem fallar em capitania dos outros dois, mas tão sómente que em companhia d'elles enviára uma armada áquellas partes, era muito natural que fosse João de Barros o proprietario da Capitania, e que, não tendo meios sufficientes por si só para povoal-a, se associasse então áquelles outros Andrade e Cunha com o consentimento d'El-Rei; e que para garantia de todos obtivesse cada um o seu Foral (que he a Carta de privilegios), e até repartimento das terras para o futuro, visto que de presente se

achavam mancommunados para uma unica expedição, a qual se mallogrou. Esta minha conclusão se fundava ajnda mais nas seguintes expressões do Sr. Varnhagen, depois de mencionar os tres nomes de Andrade, Cunha, e Barros (Reflexões Criticas pag. 85) — « os quaes tiveram *entre si* « toda a parte septentrional da Costa, e a estes tres fez « El-Rei doação de todo o ouro e prata, que por lá des- « cobrissem » — Este — *entre si* — exprimia perfeitamente a minha idéa de accordo com a expressão de Barros — *em praçaria* — assim como a doação do ouro e prata, excepção notavel de todas as outras doações, me fez tambem acreditar, que só fôra feita em attenção a João de Barros, primeiro donatario de toda esta parte septentrional da Costa.

Ainda outro argumento poderoso se offerece para provar que só João de Barros, e não Ayres da Cunha e Fernão Alvares, era um dos 12 primeiros donatarios. Berredo, seguindo a Manoel Severim de Faria (pag. 17 n.º 44) diz o seguinte: « Ao celebre historiador João de Barros coube « a Capitania do Maranhão . . . e ponderando com maduro « juizo as muitas despezas, de que necessitava uma tal « empreza, *se resolveu a interessar n'ella* a Ayres da Cunha « e a Fernando Alvares de Andrada, Thesoureiro-mór do « Reino, *offerta que ambos acceitaram*, persuadidos das mais « alegres esperanças de importantes fortunas. » O mesmo Berredo, continuando, diz a pag. 32 n.º 82, que, passados poucos annos, Luiz de Mello da Silva, buscando fortuna em algum novo descobrimento, corrêra a Costa do Maranhão; e persuadido das riquezas d'aquellas terras, voltára a Portugal, e as pedira em remuneração dos seus serviços, *e obtivera a graça d'ellas com o titulo de Capitania*, que já se achava vaga, por desistir da sua povoação *o seu primeiro donatario João de Barros*, depois do naufragio de Ayres da Cunha; e finalmente que El-Rei, conhecendo a importancia da empreza, o ajudára com tres navios e duas caravelas, &c.

De tudo isto se deduz claramente, que fôra João de Barros o primeiro donatario: que elle convidára aos dois

socios, cuja offerta fôra aceita por ambos, tornando-se solidarios nos riscos da empresa, e na esperança de importantes fortunas: que fôra tão sómente João de Barros quem desistira de povoar a Capitania, depois do naufragio de Ayres da Cunha, prova de que era elle o legitimo e unico donatario. Ora, he certo que Ayres da Cunha havia perecido, mas não consta que Alvares de Andrade perecêra nem sahisse de Portugal, e não se falla da sua desistencia, e só na de João de Barros; nem se diz qual das tres donatarias (se eram tres como pretende o Sr. Varnhagen) fôra novamente dada a Luiz de Mello; pelo contrario diz positivamente Berredo, que aquelle obtivera a graça das terras, que formam a *Costa do Maranhão* com o titulo de Capitania; consequencia terminante de que n'aquella Costa não havia senão *uma Capitania*, ainda que dividida em tres pedaços, como foi a donataria de Pero Lopes de Souza tambem em tres partes distinctas, e até separadas á grande distancia. A carta de doação a Luiz de Mello seria n'este caso importante documento, mas nem d'ella faz menção o Sr. Varnhagen, nem lhe occorreu ao menos que poderia esclarecer este ponto. Mas qual! isto he muito pretender de semelhante cabeça.

Sem outros documentos mais do que as datas de alguns Foraes, como queria o Sr. Varnhagen que eu admitisse no texto uma asserção, que em quanto a mim he erronea, e que não tem fundamento algum? Que motivos teria João de Barros, fallando do seu contracto com Andrade e Cunha, para occultar que eram tão donatarios como elle, quando, fallando de si, se expressa assim — por eu ter uma d'estas Capitánias —? Ora, sendo tres distinctos donatarios, e devendo cada um cuidar, na fórma das condições da doação, de povoar as suas capitánias respectivas, como se associaram para irem a um *unico ponto* da Costa, que só devia pertencer a um dos tres? Como, depois do naufragio e desgraçada sorte da expedição, arruinou João de Barros a sua fortuna, pagando até as dividas de Ayres da Cunha, e de todos quantos pereceram n'elle, se os tres socios deviam correr juntos os mes-

mos riscos e soffrer as mesmas perdas ? Persisto portanto em dizer que Ayres da Cunha e Fernão Alvares não são dos 12 donatarios, de que falla Barros.

Agora mesmo, para combater-me, não cita o Sr. Varnhagen outro documento senão o mesmo trecho já apontado do Diario de Pero Lopes, do qual, diz elle, que *meditando-se bem se deduz claramente, a seu ver*, que Ayres da Cunha e João de Barros tinham duas Capitánias, &c. O que eu deduzo de tudo isto *claramente* he que a perda do manuscripto de Barros he um abysmo, que ninguem póde entupir, e que não he, nem será o Sr. Varnhagen capaz, não digo já de preencher semelhante lacuna, porém nem ao menos de fazer-lhe uma ponte ; porque o Sr. Varnhagen (agora sem paixão) he apenas um moço que principia, com muito pouca lição, ainda menos juizo, e já incapaz de aprender, porque cre que sabe tudo.

Penso pois que tenho dilucidado completamente este ponto da nossa historia, e por aqui verá o Sr. Varnhagen que o enganaram, quando lhe disseram que eu era um ignorante, e que tinha apenas escripto um folheto de encommenda. O Sr. Varnhagen nos ameaça com uma historia do Brazil, escripta por elle ; Deos eterno ! ainda mais esta calamidade ? pois teremos ainda de passar pelas provas de um segundo Constançio ? ainda uma historia do Brazil por um Portuguez, e Portuguez tão ignorante como o Sr. Varnhagen ? Eu sabia que todos esses contos de réis, que se tem gastocom elle, e que continúa a perceber illegalmente pelo deleixo do Governo, não serviriam senão em seu proveito, e que ao cabo de tudo receberiamos tres ou quatro copias de papeis insignificantes, ficando habilitado, o façanhudo copista, para alardear o seu immenso thesouro, tão rico como a famosa bibliotheca de Alexandria ; ao menos elle assim o diz já « — muito documento, muita preciosidade de alto quilate para a historia do Brazil ha manuscripta, que nós conhecemos, *que possuímos*, e de que continuamos a fazer collecção. » E todavia esses documentos, essas *preciosidades* custaram o dinheiro do Brazil para proveito do Sr. Varnhagen ; digo

roveito, porque de tudo isto, apregoado com tanta anticipação, só pôde resultar *ganancia* para elle, e perda para nós outros. Entretanto todo esse preconisado thesouro não pasará das Donatarias *in partibus* de Antonio Cardozo e de Ayres a Cunha, e quando muito de uma duzia de nomes selvagens, escriptos com a *verdadeira orthographia tupica*.

Por minha vez tambem poderia fallar do meu thesouro, que o tenho precioso e rico pela qualidade dos documentos, que o Sr. Varnhagen não pôde possuir nem achar em Portugal; e esses documentos valem muito mais para a historia civil, politica e ecclesiastica do Brazil, do que os oraes de Antonio Cardozo, e de todos os donatarios juntos. Muitas pessoas me tem dado manuscriptos preciosos, outras m'os tem confiado para extractar ou copiar; e ultimamente até uma pessoa muito ligada ao Padre Januario, deu-me um documento tão importante para o acto da nossa Independencia, que me surpreendeu pela sua originalidade e desconhecida existencia. Tenho manuscriptos preciosos sobre a provincia de Mato-Grosso e seus limites occidentaes e meridionaes; tenho tambem um documento official do descobrimento de uma mina de prata em Santa Catharina, extrahido do gabinete d'El-Rei D. João 6.^o, e outros varios sobre acontecimentos mui notaveis em diversas Capitancias e épocas; e uma memoria sobre a fundação da Capitania de S. Vicente, e seus administradores, desde que se retirou Martim Affonso, e por ella se vê que estão em erro quasi todos os escriptores até Fr. Gaspar da Madre de Deos, que não he mais exacto que os anteriores; possuo finalmente documentos preciosos sobre a Capitania de Pernambuco.

Encarregado, como já disse, de escrever uma Memoria sobre limites entre o Brazil e Colombia, á vista de immensos e preciosissimos documentos, existentes nos archivos do Vice-Reinado da Nova Granada, e de Mappas e Roteiros manuscriptos dos principaes Engenheiros hespanhoes, fiz o meu trabalho, e aproveitei o tempo para extractar e copiar muitos d'esses documentos; e como a minha Memoria não agradasse ao General Santander, Vice-Presidente Encarregado do

Poder Executivo, porque era contraria ás instrucções, que havia dado ao Ministro Plenipotenciario d'aquella Republica, residente na Côrte do Rio de Janeiro, sem embargo de modificar as referidas instrucções por avisos posteriores, em virtude da mesma Memoria, com tudo mandou-a archivar com muito cuidado. Eu porém possuo hoje a memoria original, obtida por mim em 1830, quando estive em Bogotá em companhia do Sr. Conselheiro Luiz de Souza Dias, nosso Plenipotenciario, acreditado junto do Libertador Bolivar. Actualmente (Maio de 1844) estou revendo e extractando duas Memorias importantes, escriptas no fim do seculo passado, uma sobre os nossos limites pelo Oyapock, e outra sobre a antiga Colonia do Sacramento, e sobre os nossos primeiros estabelecimentos no Rio da Prata, provando que os Portuguezes foram os primeiros, que fundaram um estabelecimento em Montevideo no anno de 1723; finalmente muitas outras cousas, que seria inutil mencionar.

Já vê o Sr. Varnhagen que em tudo isto ha uma somma de interesses reaes, e de particularidades tão notaveis e tão importantes, que não podem deixar de interessar ao meu paiz; tanto que ainda espero em Deos, permittirá algum dia, que eu lhe possa render o serviço mais assignalado, fazendo valer o que estes documentos offerecem de util para a grandeza, segurança e prosperidade do Imperio. De muitos d'estes factos particulares e interessantes já faço menção na minha *Synopsis* dos principaes acontecimentos do Brazil, que brevemente verá a luz. Emfim voltemos ao *Juizo* do Sr. Varnhagen, que he o mesmo que voltar ao *nada*; tal he a condição á que elle me reduziu, graças á minha estrella.

Continuando, diz o Sr. Varnhagen — « . . . Maranhão, « aonde foi a desgraçada expedição de Ayres da Cunha com « os filhos de João de Barros, que nunca se alliaram com « Luiz de Mello, *nem lá ficaram mortos ás mãos de uma nação,* « *que alli nem se quer havia*; o que todavia copiou pelo des- « cuido de não reparar na nota dos traductores de Beau- « champ, que n'esta parte a pag. 163 do t. 1.^o contradizem o « texto. » A expedição e naufragio de Luiz de Mello foram

mui posteriores à de Ayres da Cunha, como diz Berredo, pag. 32 n. 82, portanto não podiam os filhos de João de Barros, que tinham morrido com o segundo, resuscitar para vi-rem de novo com o primeiro; mas o Sr. Varnhagen não ad-mitte que *morressem*, e muito menos às mãos dos *Pitagoares*, nação que alli *nem se quér havia*; e me accusa de descuido por não *reparar* na nota dos traductores, que n'esta parte contra-dizem o texto. Reparei, Sr. Varnhagen, e reparei tanto, que fui consultar a *Southey* (que dizeis com uma impudencia sem limites, que nem uma só vez fôra consultado por mim), e lá achei, t. 1.^o pag. 58 o seguinte: « Ayres da Cunha was one of those who perished. The survivors remained long time in great misery before they could make their situation known to the nearest settlement. Barros sent to relieve them as soon as he heard the disaster, but the relief came to late. They had left the island, and both his sons had been slain in Rio Pequeno by the PITAGUARES. » Deveria eu mudar o texto à vista d'esta conformidade? Então, Sr. Varnhagen, que dizeis agora do vosso querido *Southey*?

Sem embargo, ainda asseverais, que tal nação dos Pitagoares *alli nem se quér havia*; e que tal? Pois muito bem, recorrei ao Compendio de Bellegarde, que *he mais recomen-davel* do que o meu, abri a pag. 37, e lêde o seguinte: « Não eram menos temiveis os *Pitagoares*, que confinavam com os Cahetés; amigos fieis dos Francezes, os acampanharam em muitas expedições: ainda que estes caboclos tivessem os seus principaes estabelecimentos entre Rio Grande do Norte e Parahyba, *parece com tudo que dominavam até além do Maranhão.* » Então; Sr. Varnhagen, havia alli ou não havia a tal nação dos Pitagoares?

O Sr. Varnhagen e o Padre Januario collocaram-me em um circulo tão estreito, como o de Popilio, do qual não me deixaram sahir para responder-lhes; o primeiro, gritando descompassadamente contra mim e contra Beauchamp, repete a cada passo: ; porque não seguistes a *Southey*, o quasi rival de Lord Byron, e de W. Scott, uma das sete maravilhas do mundo, porque o não copiastes, oh! vós que nem

ao menos *uma só vez* o consultastes? porque não seguistes as minhas opiniões, consignadas nas *minhas notas* ao Diario de Pero Lopes, nas *minhas Reflexões Criticas*, e nas *minhas primeiras negociações diplomaticas*, &c., &c.? O segundo, preferindo o Compendio de Bellegarde, que por sua exactidão historica *he muito mais recommendavel* do que o meu, &c. Ora, n'este caso poderia eu sahir de Southey, de Bellegarde, e dos Pamphletos do Sr. Varnhagen na minha defeza? não de certo, porque nenhuma outra autoridade me seria acceita no tribunal d'esses senhores; assim he que só a custo e á furtadellas saio d'esse circulo, e lá invoco a um ou a outro autor; mas entram só como *bucha*, porque as *balas* são sempre dos calibres Southey, Bellegarde, e Varnhagen — con su pan se lo coman.

No meu Compendio se dizia, que Martim Affonso de Souza tinha sido o primeiro donatario de uma Capitania no Brazil; a isto pôz embargos o Sr. Varnhagen com a Carta d'El-Rei D. João 3.^o, de 28 de Setembro de 1532: mas esta Carta lhe he contraria, porque diz El-Rei ao mesmo Souza — « determinei de mandar demarcar, de Pernambuco até « o Rio da Prata, 50 legoas de Costa a cada Capitania, e antes « de se dar a nenhuma pessoa mandei apartar para vós cem « legoas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta, &c. » Ora, quem he aqui o primeiro, que obteve a graça, não foi Martim Affonso? a de seu irmão Pero Lopes não he uma consequencia da sua: *cem legoas para vós, e cincoenta para vosso irmão?* Porém o Sr. Varnhagen, doendo-lhe a consciencia pela falsidade que urdira, sai-se a final por uma tangente muito engraçada, dizendo, — « e em todo caso Martim Affonso « não foi possuidor de uma Capitania primeiro que Pero « Lopes » — Foi, sim senhor, porque sendo Martim Affonso o primeiro que fundou no Brazil para a Corôa um estabelecimento permanente, visto que a Feitoria de Itamaracá, que foi mudada depois para Iguarassú, não merece este nome; aquelle estabelecimento em S. Vicente, e em Santo André as margens do Piratininga, entrou depois na doação que lhe fôra feita; assim he que, quando os primeiros donatarios vieram

fundar as suas capitánias em 1535, já a de Martim Affonso se achava fundada d'esde 1532; entendeis agora, ignorantissimo Sr. Varnhagen?

Mais adiante tambem diz, que no meu Compendio *se dá a entender*, que Martim Affonso viera já como donatario em 1532. He falso, não ha tal; lêa-se o Compendio e ver-se-ha o contrario. Quando fallo das creações das donatarias, no lugar competente, onde devia mencionar a de Martim Affonso, digo que o primeiro estabelecimento, (de S. Vicente e de Piratininga) tivera lugar em 1532, o que he uma verdade; mas não se tinha dito antes que Martim Affonso o fundára como Capitão-mór da armada, e por consequência em que nome da Corôa? Como queria pois o Sr. Varnhagen que eu, adulterando a verdade, dissesse que a Capitania de S. Vicente tinha tido outra origem? Tenho eu a culpa de que D. João 3.º dêsse a Martim Affonso o mesmo estabelecimento, que elle fundára como Capitão-mór da armada? Saca, grandissimo espedante!! Todo o resto da pag. 77 do tal *juizo* he por este Stheor, e não merece resposta; peço tão sómente aos meus leitores que a comparem com o meu Compendio, e nada mais.

Bem quizera copiar a cada instante as palavras do Sr. Varnhagen, porém he impossivel estender mais esta resposta, que já he um livro, em lugar de um artigo, não como me propuz escrever ao principio, havendo conseguido que eu perdesse quinze dias bem contados com a sua *interessante* pessoa, mui digna de um cubiculo no hospital de S. José, lá na sua terra. O Sr. Varnhagen, proseguindo, faz uma exclamação dolorosa ácerca da morte de Pero Lopes de Souza, que, diz o meu Compendio, fôra em um naufragio na embocadura do Rio da Prata, exclamação, que me fez chorar como um bacalhão. Pero Lopes a morrer no Rio da Prata, em uma segunda exploração!! exclamá elle! historiadores classicos da Asia, que dizeis mui claro e positivamente, que fôra vindo de Gôa nas alturas de Madagascar, valei-nos!!! Eu tinha que oppôr embargos ao dito do Sr. Varnhagen, provados com autores de grande nota; porém encerrado por elle e pelo Padre Januario

no mesquinho circulo de Southey e de Bellegarde, não tenho outro remedio senão ir carregando com a minha cruz, como Deos fôr servido.

Vamos primeiramente ao que diz Southey (t. 1.º pag. 45)
« Here (Itamaracá) he (Pero Lopes) had some hard
« conflicts with the Pitaguaries, who besieged him in his
« town; but he succeeded at length in driving them
« from the neighbour hood. *Soon afterwards he perished
« by shipwreck.* A fidalgo, by name Pedro de Goes, had
« been one of the companions of Pero Lopes, and *had
« suffered shipwreck with him in the Plata. . . .* but neither
« this, nor the disastrous fate of his friend disheartened
« him. » No Compendio de Bellegarde, que *he mais re-*
commendavel do que o meu, por sua exactidão historica,
lê-se á pag. 52 o seguinte — « Lopes de Souza, tentando
« reconhecer a Costa ao Sul de seus dominios, *pereceu em
« um naufragio na foz do Rio da Prata.* » Já vêem os meus
leitores que, para esboroar o castello do Sr. Varnhagen,
basta-me a artilharia, que elle e o Padre Januario deixaram
em meu poder, o que prova uma *boa fé*, que cheira á
estupidez — lá se avenham !

Todavia não ha cousa tão engraçada como o paragra-
pho (pag. 78), que começa — Mas tomemos um pouco de
folego, &c. — e acaba — que he um nome redondo. Aqui
a satyra tem um sainete todo especial, he no gosto das
do Padre José Agostinho de Macedo. Que genio tão pro-
fundo não he este Sr. Varnhagen !! que prodigio !! mas
vamos ao que importa. Diz este senhor : « mas tomemos
« um pouco de folego, saltando uma pagina, e vamos
« encontrar o *almirante* (Capitão-mór, aliás) Cabral, o
« Sr. *Romera* (aliás *Romero*), e sobre tudo um decanta-
« do — *historiographo* d'El-Rei D. João 3.º, que nunca es-
« creveu historias, &c. . . . E não só n'isso, mas até pro-
« mover com elle (*Beauchamp*) o Chronista João de Barros
« a *homem de estado*. Era justo ; uma vez que um *escrivão*
« passava para *historiographo*, o Chronista e Feitor da Casa
« da India não podia ir a menos do que a *Ministro*. !!! »

Até aqui o Sr. Varnhagen, agora eu; mas tomemos também um pouco de folego. O Sr. Varnhagen acha que he um erro imperdoavel chamar uma ou outra vez *almirante* ao Capitão de uma grande frota; pois bem, esse erro não he meu, he do Padre Ayres de Casal (t. 1.º pag. 23. lin. 3), e do erudito Visconde de Cayrú (Hist. do Brazil, Parte 1.ª Cap. X, pag. 51); porém o que se segue d'aqui he, que tão ignorante sou eu, ou me suppõe o Sr. Varnhagen, como os dois illustres finados. Sem embargo, protesto desde já que antes quero errar com elles do que acertar com o Sr. Varnhagen, que não entra se quér em parallelo com estas duas entidades litterarias. Em quanto ao appellido de *Romeiro* ou *Romera*, devo lembrar-lhe outros, por ex., o de *Romeiro* como escreve Southey, ou *Rameiro* como escreve o Padre Casal (t. 2. pag. 87), &c. O Sr. Varnhagen he um prodigio na carta de nomes!!

Resta fallar do *historiographo* e do *homem de Estado*. Além da simples reflexão sobre a alteração de — *Escrivão da Fazenda* por *historiographo* — que não he d'elle, mas *pio plagio*, ou furto miseravel do Prefacio de Southey, *in fine*, que vem no 2.º vol., edição de 1817, tudo o mais he um montão de disparates e de parvoices, que não merece resposta. Todavia direi ao Sr. Varnhagen que *homem de estado* he gallicismo, e em portuguez castiço diz-se *Estadista*; porém isto, quando muito, seria uma incorrecção de linguagem, e nunca um erro de historia. Eu passei expressamente por muitas d'essas incorrecções, que abundam na traducção, para mostrar ainda mais fidelidade na compilação, como disse no meu Prefacio; porém o Sr. Varnhagen, que he muito ignorante, até da sua propria lingua, quiz também n'isto metter o seu bedelho, dizendo logo um solemne disparate. *Homem de Estado* para o Sr. Varnhagen quer dizer *Ministro de Estado!!!* (Crel-o-heis, leitores?), e admira-se de que eu quizesse fazer *Ministro de Estado* ao Chronista Barros! Ora, não fui eu, mas Beauchamp que o chamou *homme d'état*, que deveria traduzir-se por *Estadista*, isto he, *homem versado na politica e nas cou-*

sas do Estado. E quem ousará negar esta qualidade ao pai, ao creador da historia portugueza, ao Tito Livio dos tempos modernos? Ignoraria João de Barros por ventura os negocios do Estado, elle que os tratou e escreveu com singular juizo, e ainda com melhor critica? O Sr. Varnhagen he um pedante incorregivel.

Continuando, não admitte nem tolera que eu escrevesse *Diogo Alves Corrêa*, o celebre Caramurú, e quer que se diga simplesmente *Diogo Alvares*, sem dar a razão *por que*; nem he cousa que elle faça nunca, pois basta a sua *autoridade*: Diogo Alvares, e não Alves Corrêa, e está dito. Porém eu creio que esta filaucia nasceu de ter visto, que Southey escreve Diogo Álvares tão sómente. Beauchamp escreve Diogo *Alvares* Corrêa, conforme está escripto em Rocha Pita; mas eu corriji-o, e escrivi Diogo *Alves* Corrêa, e darei a razão por que o fiz, no que me leva grande vantagem o meu censor: elle esmaga-me sempre com a sua unica autoridade, e eu sou obrigado a defender-me com a autoridade dos outros — *paciencia e baralhar*, dizia D. Quixote na cova de Montesinos. Preferi antes escrever *Diogo Alves Corrêa*, porque assim o escrevem o Padre Ayres de Casal (Cor. bras. t. 2. pag. 79, 80, 81, 84 e 85), o Visconde de Cayrú (Hist. do Brazil, Parte 1.^a pag. 71 e 73), Bellegarde (Res. hist. do Brazil, pag. 55, 56 e 57). Fr. Gaspar da Madre de Deos escreve Diogo *Alves* Caramurú (Rev. do Inst. t. 2. pag. 431). Então, Sr. Varnhagen, ainda tereis a ousadia de oppôr a vossa à estas quatro autoridades? Ainda, sim senhor, ainda, porque a pedantaria he a ignorancia presumida, e na presumpção levais a palma a todos os pedantes d'este e do outro mundo.

Depois da correcção, que fez o Sr. Varnhagen ao nome de Diogo *Alves* Corrêa, proseguiu fallando do que chama falsa *etymologia* (*) da palavra Caramurú, isto he,

(*) *Etymologia*? a que vêm aqui este termo, que significa origem, radical de uma palavra? pois *dragão do mar* he

Dragão do mar e filho do trovão, cousas que acha tão disparatadas entre si como a viagem á França, a Paraguassú, o nome de Catharina, que lhe deu a Rainha d'este Estado, &c., &c.; mas n'este ponto assenta que a questão não está ainda sufficientemente tratada pela Imprensa, para que eu me pudesse assenhorear d'ella (graças a Deos que respiro), reservando tudo para *alguem* (he d'elle que falla!!) que emprehendeu estudal-a, e só espera o *juizo* do Instituto, que ainda está encerrado nos arcanos da divina providencia. Respeitemos pois o sigillo do Sr. Varnhagen, e deixemos a historia de Caramurú, que todos conhecem desde o Jesuita Simão de Vasconcellos até hoje; mas como o segredo não comprehende a versão da palavra Caramurú, diremos que *dragão do mar* he a significação que lhe dá Jaboatão (Preamb. n. 32), e tambem Rocha Pita (pag. 58 n. 97). Porém Simão de Vasconcellos, pag. 38 n. 36), o Visconde de Cayrú (Parte 1.^a pag. 71), e Southey (t. 1. pag. 38) dão-lhe a significação de *Homem de fogo* (*man of fire!*) Ora, entre homem de fogo e filho do trovão, ainda achará o Sr. Varnhagen muita disparidade? Se nós outros, povos civilizados, chamamos ao raio de fogo do Céu, porque não o chamariam os selvagens da America? E se entre o vulgo se crê, que o raio he effeito do trovão; como os Indios, tomando o effeito pela causa, deixariam de dar ao raio, em sua linguagem sempre figurada, a paternidade do trovão? Eis-ahi pois, *eruditissimo* senhor! como vêm a ser o filho do trovão uma e a mesma cousa que homem de fogo, isto he, homem de fogo do Céu. Todavia o que vós não podeis cazar he o

a raiz da palavra *Caramurú*? Deveria n'este caso empregar as palavras *traducção* ou *versão*, e quando muito a de *significação*, tomada unicamente pelo sentido, que as palavras encerram. Estará de Deos que este alarve nunca empregue os termos na accepção commum da lingua materna? forte animal!!

raio ou fogo celeste com o dragão do mar; porém isto acontece por que nunca lestes aquella linda colchea :

« Como pôde Amor ser fogo
Se Venus nasceu do mar. »

Emfim, Sr. Varnhagen, outro officio; tomai-o que he conselho de amigo.

Antes de passar a outro topico muito importante, não deixarei sem resposta o seguinte : « Com tempo, diz « o Sr. Varnhagen, tambem insistiremos para os não « scepticos nas nossas opiniões identicas ás do Sr. Viscon- « de de S. Leopoldo sobre Americo, que nunca foram, « como o Sr. Abreu e Lima quer dar a entender, que « elle deixasse de fazer um papel secundario nas explo- « rações, *senão só que foi n'essas duas armadas*; idéa com « que plenamente se conforma o Eminentissimo Cardeal « Patriarcha de Lisboa no seu Indice chronologico. » Os meus leitores se lembrarão de que, á pag. 8 do 1.º vol. do meu Compendio, combati com muita moderação as opiniões do Sr. Varnhagen acerca de Americo Vespuccio, e que o fiz com alguns argumentos e razões, que mereciam pelo menos uma refutação de quem quizesse fazer uma critica litteraria; mas esse não era o fim do pseudo-aristarcho, nem elle o poderia conseguir por sua incapacidade. Uma descompostura solemne, que me pregou, não he critica, e em lugar de argumentos, lançou-me á cara as duas autoridades do Visconde de S. Leopoldo, e do Patriarcha de Lisboa (*). Em resposta tambem eu

(*) O Eminentissimo Sr. D. Fr. Francisco de S. Luiz, extractando um facto da Carta de Americo Vespuccio, inserta na Collecção de Noticias para a Historia e Geographia das Nações ultramarinas da Academia Real das Sciencias de Lisboa, não emite opinião sua, nem ao menos diz uma palavra de sua casa. No seu Indice chronologico, pag. 94, transcreve um facto, referindo-se ao lugar indicado, donde o trasladou, e aquelle que assim obra não assume a idéa nem a opinião do autor citado, e muito menos he responsavel

podia redarguir-lhe com outras duas autoridades, a saber, a do Padre Ayres de Casal, o grande indagador, o minucioso esquadrinhador, e o melhor e mais cordato dos escriptores sobre as duas primeiras épocas da nossa historia até a morte d'El-Rei D. Sebastião, e ultimamente a do erudito Visconde de Santarem, a respeito do qual ouvi da bocca do proprio Sr. Visconde de S. Leopoldo os mais enfaticos elogios por occasião da sua ultima Memoria sobre Americo Vespuccio, enviada ao Instituto. Porém não quero isto só, pretendo agora que o Sr. Varnhagen me fique devendo alguma cousa, ou tanto quanto nunca possa pagar-me; tal he a minha generosidade — ouviu?

Além d'estas duas autoridades offereço-lhe a de todos os Escriptores portuguezes do seculo 16.^o, que nem uma palavra dizem a semelhante respeito, e a de todos os Escriptores hespanhoes d'esse mesmo seculo e do seguinte; os quaes não só negam redondamente todas as asserções das Cartas de Vespuccio, como até asseveram e provam, a não restar duvida, que elle não viera pela primeira vez a America em 1497, como diz, mas tão sómente em 1499 (um anno depois que Colombo na sua terceira viagem descobrira toda a Costa de Paria, desde as boccas do Orinoco até Cumaná), em companhia de Affonso de Ojeda, e que não passára do Cabo do Norte nem *pozera o pé no Continente, cujo descobrimento se attribue*, voltando d'alli para S. Domingos, e depois para a Hespanha. Tambem asseveram os mesmos autores hespanhoes, que

pela veracidade do mesmo facto. Um Indice chronologico, Sr. Varnhagen, não he historia, mas tão sómente o elenco das materias contidas em uma ou em muitas obras pela ordem das datas, e nada mais. Dizei-me agora, em que lugar d'esse Indice espôsa o Cardeal semelhante opinião? Como pois vos atreveis a invocal-o como autoridade para combater-me! Se este moço não he um mentecapto incuravel, deve ser d'esses pelotiqueiros litterarios, que impingem a todos gato por lebre, mas d'esta vez não pegaram as bichas — *á otro perro con ese hueso.*

Vespuccio não viera então empregado, mas tão sómente como *aventureiro*, porque o piloto d'essa expedição, de que foi Commandante Ojeda, era o Biscainho *Juan de la Cosa*. Por toda a parte pullulam os erros e falsidades, como pois lhe havemos de dar credito? Sabe ou deve saber o Sr. Varnhagen, que só um seculo depois foi que estas opiniões tomaram vulto pela importancia que lhes deu *Francisco Giuntini*, e ainda só muito depois (160 annos, diz o Padre Casal) fallaram de Vespuccio, como empregado por El-Rei D. Manoel, os Escriptores portuguezes.

Todavia não quero afogar o Sr. Varnhagen de uma só laçada, e perguntar-lhe-hei, porque he que agora diz com tanta *ingenuidade* que Vespuccio *só viera nas duas armadas*? O que quer dizer este — *só que foi* — ? Como veio? qual era o seu caracter? Se dizeis que *só viera nas duas armadas*, então confessais aquillo mesmo que eu disse na minha referida nota, isto he, que *viera* como outros muitos aventureiros; mas esta vossa confissão deita por terra o castello do famoso Florentino, pois que elle se arroga o mando da primeira expedição, e na segunda foi a pessoa mais prominente e de quem unicamente se occupou; e se acaso fallou em um *Commandante*, cujo nome nem se quér lhe mereceu lembrança, foi só para attribuir-lhe o máo exito da expedição. Se negais a veracidade das Cartas em quanto ao caracter da missão de seu autor, como vos atreveis a asseverar que em tudo o mais são exactas? Um argumento ha tão poderoso, que não tem resposta, mas reservo-o para outro lugar, onde tratarei de Christovão Jacques. Por ora limito-me a dizer ao Sr. Varnhagen, que he tal a minha convicção a este respeito, que estou prompto a aceitar a luva do primeiro campeão litterario, que queira entrar commigo no exame d'esta materia; excepto com elle, porque o não julgo habilitado, e até incapaz de comprehender questões de semelhante natureza, como fica provado n'esta minha analyse.

Um dos pontos mais importantes da censura, e que

parecerá talvez de pouca monta, he sem duvida o seguinte laconico pedaço: « Ora pois, he preciso não atormentar « mais de uma só vez o animo do Sr. Abreu e Lima (muito « obrigado), que tem razão sufficiente para ir reconhecendo « que *andou mal em adoptar no texto que Christovão Jacques « fôra o chefe de uma expedição em 1503, quando foi em 1526.* « Em dizer, em contradicção com o texto, que Martim « Affonso aportára a S. Vicente em 1531; em mencionar « só dois navios francezes apresados pela armada d'este « Capitão. » Até aqui tenho esmagado completamente o Sr. Varnhagen, mas agora vou tritural-o; hei de reduzil-o a pó impalpavel com a mó do seu proprio moinho. Ninguém acreditaria o que vou expôr, se eu o não provasse com os mesmos folhetos do Sr. Varnhagen, que lhe servem de corpo de delicto.

Eu havia dito no meu Compendio que, depois da volta da primeira expedição, mandada por El-Rei D. Manoel para explorar as Costas do Brazil, fizera este Monarcha expedir outra de seis velas em 1503 com o mesmo objecto; e com quanto não concordassem todos os escriptores sobre o commandante d'esta segunda expedição, *convinham muitos em que fôra Christovão Jacques.* Em uma nota porém referi a opinião do Sr. Varnhagen, sem adoptal-a, de que o chefe da frota tinha sido Fernão de Noronha e não Christovão Jacques; e fiz esta nota porque ainda não tinha lido o seu folheto, que tem por titulo — as primeiras negociações diplomaticas, &c. — onde elle expõe as razões, em que se funda, para a exclusão de C. Jacques d'este commando; porque se o tivesse lido antes, juro por minha honra que tal nota não teria apparecido.

No citado folheto, mandado publicar aqui pelo Padre Januariario o anno passado, pag. 127, se lê que a expedição de Christovão Jacques ao Brazil só tivera lugar no anno de 1526, o que se confirma por lugares de documentos, que publicou em sua collecção o sabio Navarrete; portanto a unica razão, que apresenta para excluir ao dito Christovão Jacques do mando da expedição de 1503, he

o elle ter vindo em 1526 commandando outra, isto he, 23 annos depois: espaço de tempo que, segundo o parecer do Sr. Varnhagen, exclue a possibilidade dos serviços laboriosos de um homem de mar. Peço aos meus leitores que revejam, e reflectam bem sobre a exposição constante das paginas 125 a 128 do mesmo folheto, e por ellas se desenganarão de que não houve mais razão nem motivo para negar a vinda de C. Jacques em 1503, do que ter elle voltado em 1526. Vamos a ver se esta razão he tão valiosa, que só ella valha um formal desmentido a Gabriel Soares, *verdadeiro patriarcha da historia do Brazil*, como o denomina o Sr. Varnhagen no seu mencionado folheto.

Christovão Colombo era já conhecido como piloto e cosmographo em 1474, segundo diz Oviedo, e em 1477 visitou a Islandia, como consta da Noticia sobre a obra intitulada — *Antiquitates americanæ* — impressa na Revista do Instituto, t. 2. pag. 203: em 1502 fez elle a sua quarta e ultima viagem á America, d'onde voltára em 1504, segundo o mesmo Oviedo e todos os Escriptoires hespanhoes. Eis-ahi portanto trinta annos pelo menos de longas e laboriosas viagens maritimas, emprehendidas pelo mesmo navegante. O nome de Lord Cockrane (Marquez do Maranhão) figura com celebridade, ha 40 annos, nos fastos da marinha ingleza; em 1818 veiu elle ao Chili para partilhar as gloriosas fadigas dos independentes na luta com a Hespanha, e só d'esse tempo até hoje lá vão 26 annos bem contados; e ultimamente lemos que ainda agora se occupa de nova construcção de navios de vapor para a marinha de guerra. Que difficuldade pois havia para que Christovão Jacques podesse vir, no espaço de 23 annos, duas vezes á mesma Costa do Brazil, tanto mais quanto para a segunda expedição deveria ser preferido o velho nauta, que já a conhecia palmo a palmo? Com esta idéa se conforma inteiramente o Padre Cazal na sua nota á pag. 101 do 2.º vol. da Cor. bras. Dêmos porém de barato, que não fosse o mesmo, não poderia ser seu

filho ou sobrinho do mesmo nome? E tanta probabilidade ha n'essa hypothese, quanto parece que esta familia se perpetuou dedicada sempre á mesma profissão, visto que, 150 annos depois, ainda vemos figurar um *Jacques* (Pedro Jacques de Magalhães) como o almirante da frota, que bloqueou o Recife de Pernambuco na época da rendição dos Hollandezes.

Todas estas considerações, que são de grande peso, não entraram na cabeça do Sr. Varnhagen, e *para sahir de embarços*, conforme elle mesmo diz, deu o commando da expedição de 1503, contra o que affirma Gabriel Soares, a Fernão de Noronha, de quem até hoje, ao menos que eu saiba, ninguem se lembrou para tal incumbencia. Vamos a ver as razões, que para isso teve o Sr. Varnhagen, razões tão absurdas e ridiculas, que só caberiam em um cerebro delirante. Diz elle, á pag. 73 do Diario de Pero Lopes, que, havendo obtido Fernão de Noronha a doação *quando* a ilha de S. João, que depois tivera o nome do seu descobridor, aos 16 de Janeiro de 1504, *por havel-a novamente achado e descoberto*, não podia aquella ilha *deixar de ter sido descoberta* em 1503; portanto que fôra aquelle Fernão de Noronha o commandante da frota, que n'este mesmo anno viera incumbida de explorar as Costas do Brazil. Eis-ahi pois bem patente o syllogismo do Sr. Varnhagen; *maior*: Fernão de Noronha descobriu a ilha d'este nome; *menor*: a ilha *naõ podia deixar* de ser descoberta em 1503; *consequencia*: logo Fernão de Noronha, e não Christovão Jacques, foi o commandante da expedição, que n'este mesmo anno veiu explorar as Costas do Brazil.

Esta conclusão falsa, porque não está contida nas premissas, não a tiraria um aprendiz de logica. Quereis ver, Sr. Varnhagen, até onde alcança a vossa illação, quereis ver o absurdo, que ella contém? Eil-o pois n'outro igual syllogismo, cujas premissas são mais verdadeiras do que as vossas; *maior*: João da Nova descobriu a ilha da Ascenção (hoje da Trindade) a 20° e 1/2 aust. e á cousa de 120 legoas da Costa do Brazil (Ind. Chron.

do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa , pag. 93); *menor* : esta ilha foi descoberta em 1501 (Ibid.); *consequencia* (pela vossa dialectica) : logo João da Nova , e não Gonçalo Coelho , como vós dizeis , foi o commandante da expedição , que no mesmo anno de 1501 viera explorar as Costas do Brazil. Ha tanto mais analogia entre esta e a vossa consequencia , quanto que tambem he contestado n'esse anno o commando de Gonçalo Coelho , como vós contestais o de C. Jacques. Damião de Goes o dá como commandante da segunda expedição em 1503 , e o mesmo Gabriel Soares fal-o voltar a Lisboa já no reinado d'El-Rei D. João 3.º , isto he , 20 annos pelo menos depois : tempo que não he crível se demorasse nas Costas do Brazil. Vêde agora todo o alcance da vossa consequencia , todo o absurdo que ella contém. No que digo não ha a menor exaggeração , e peço encarecidamente aos meus leitores , por tudo quanto ha de mais sagrado , tenham a paciencia de ler com muita reflexão e calma toda a Nota 11 , que vêem a pag. 70 do Diario de Pero Lopes de Souza , até o fim da mesma nota pag. 77 , e se convencerão do que tenho dito , isto he , que este pobre diabo he o impostor mais impudente , o pedante mais ridiculo , que até o presente tem posto penna em papel ácerca do Brazil. Todavia ainda não páram aqui os seus disparates.

α Fernão de Noronha , continúa o Sr. Varnhagen , α pag. 73 do mesmo Diario , *naõ podia deixar de ter sido* α o Capitão-mór da armada de seis velas , que então foi α ao Brazil , das quaes naufragando duas (Vespuccio α falla só da Capitania) , se apartou o Capitão-mór com α outras duas da companhia de Americo , e temos que o α Capitão-mór voltou a Lisboa (da ilha de S. João , hoje α de Fernando) a dar parte d'este achado , por quanto ao Com- α mandante he que sempre tocava a honra do descobri- α mento , e o tempo que medeia , antes de 16 de Janeiro α de 1504 , não era mais que o sufficiente para fazer , α n'aquelles tempos a volta , contractar o arrendamento

da ilha descoberta, e por fim andar como pretendente a supplicar a doação e capitania pelos paços reaes. »
tê aqui o que diz o Sr. Varnhagen *ipsis verbis* ácerca Fernão de Noronha, vamos agora ver o que diz Vespuccio sobre a mesma expedição, de que elle fizera parte. Chegou a minha vez de oppôr ao Sr. Varnhagen a *autoridade* do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa, porque he do seu proprio Indice chronologico, pag. 98, que passo a extrahir a seguinte noticia.

« N'este mesmo anno (1503) despachou ainda El-Rei D. Manoel outra armada de seis náos, e n'ella fez sua segunda viagem Americo Vespuccio. As náos navegaram a Cabo Verde, e logo depois, fazendo-se ao largo, pelo rumo de Sudoeste, aos 3.^o da equinoccial para o Sul, avistaram uma ilha á qual foi mandada a náos, em que ia Americo, com o fim de examinar se n'ella haveria porto, em que a armada ancorasse, e n'este meio tempo *soçobrou a náos capitania*, salvando-se a gente. — A armada dividiu-se n'esta paragem, e Americo, que se mostra na sua Relação mui descontente do Capitão portuguez, acaso porque este se não sujeitava á sua orgulhosa presumpção, nada mais diz do resto das náos. Elle porém na sua, com outra de conserva, navegou em demanda da Terra de Santa Cruz. — No fim de 17 dias descobriu um porto, a que pôz o nome de Bahia de Todos os Santos, aonde sahiu em terra, e esteve 64 dias. D'aqui resolveram estas duas náos correr a Costa, e *chegaram a um porto em 18.^o aust.* — N'este lugar (a 18.^o aust.) *estiveram cinco mezes*, fundaram uma fortaleza, e a deixaram guarnecida com 24 homens, armas, 12 bombardas, e mantimento para seis mezes. — E diz Americo, que n'este lugar, e acompanhado de 30 homens, entrára pelo Sertão a distancia de 40 legoas da Costa. — *D'aqui* (isto he, do porto em 18.^o aust.) *voltou a Lisboa*, e entrou no Tejo em Junho de 1504. »

De tudo quanto diz o Sr. Varnhagen na citada nota

do Diario de Pero Lopes de Souza, que deixei copiada textualmente no penultimo paragrapho, se deduz que Fernão de Noronha, nomeado commandante de uma frota de seis náos, para vir explorar as Costas do Brazil, collocar marcos, e observar cuidadosamente o mais notavel ácerca dos rios, portos, cabos, e enseadas, perdêra duas d'estas náos, e abandonando outras duas, que vieram com Vespuccio á Bahia de Todos os Santos, voltára com as duas restantes a Lisboa, sem tocar na Costa do scudestino, só para ir sollicitar a doação de uma ilha tão miseravel pelo seu tamanho e condições, que ainda hoje não serve senão de presidio. Agora pergunto eu a qualquer pessoa de mediano juizo, se um chefe, que perde duas náos, que abandona outras duas (isto he, dois terços da sua frota), e que falta completamente ás suas instrucções, he a quem El-Rei concede, *em respeito a estes bons serviços*, uma mercê como aquella doação, quando merecia ser immediatamente preso e julgado em um conselho de guerra, e quando menos condemnado a perder para sempre o seu posto, e a não poder commandar mais nunca? E como foi descoberta a ilha de S. João por Fernão de Noronha? Foi do mesmo modo que a ilha da Ascenção por João da Nova, isto he, por uma feliz casualidade, na época em que o mundo ignorado era muito maior que a parte conhecida, e que para os navegantes portuguezes ia-se offerecendo de dia em dia na sua rota para a Asia. De outra sorte, em que juizo entra que n'aquelles tempos da austera disciplina portugueza fossem premiados como *serviços relevantes* crimes tão graves e de semelhante ordem? Isto não lembra senão ao Sr. Varnhagen.

Deixando de parte o commando absurdo e falso de Noronha, oiçamos um argumento poderoso em favor de Christovão Jacques. Diz Gabriel Soares, que fôra C. Jacques quem collocára os padrões na Costa do Brazil; ora, o padrão da Cananea tinha a data de 1503 — logo fôra o mesmo C. Jacques o commandante da frota, que viera

n'aquelle anno com tal encargo. Este argumento não tem resposta, salvo dizer-se que *mente* Gabriel Soares, e todos os Escriptores que se seguiram depois d'elle. Demais, que os padrões foram collocados n'aquelle anno, isto he, pelo menos os cinco de que faz menção o Padre Casal (*), não resta a menor duvida, porque, como já disse, o da Cananea tinha a data de 1503, e o mesmo Gabriel Soares assevera que *o vira* 60 annos depois. Ora, desmentir com tanto descaramento um escriptor, que diz que *vira*, e escriptor a quem o mesmo Sr. Varnhagen chama o Patriarcha da historia do Brazil, e que *ainda espera receber os laureis da gloria litteraria* (pag. 126 das princ. negoc. diplom.), não he cousa para que elle esteja autorisado.

Entretanto Noronha, a quem o Sr. Varnhagen nomeou, de sua propria autoridade, commandante da tal expedição, não passou da ilha de São João, e d'alli voltou para Lisboa a pedir a donataria da mesma ilha, segundo se lê no que fica copiado da nota 11 do Diario de Pero Lopes de Souza: Americo Vespuccio não passou dos Abrolhos para o Sul, conforme o que tambem se lê no citado Indice chronologico; e todavia n'aquelle mesmo anno de 1503 foram collocados os padrões da Cananea, e de Maldonado!! Agora pergunto eu, quem alli os pôz, Sr. Varnhagen? Não foi Noronha, não foi Vespuccio, que lá não chegaram, como fica provado, quem foi? Dizei-o, Sr. Varnhagen, dizei-o já por vossa propria honra, dizei-o ao menos por decôro da Academia das Scienciãs de Lisboa, que teve a fraqueza de vos admittir em seu seio, dizei-o, vos repito, se tendes um pouco de brio e de vergonha, ou então sereis tido pelo maior impostor e pelo pedante mais incorregivel, de que haja memoria. Eis-ahi a con-

(*) O 1.^o na enseada dos Marcos entre a Bahia Formosa e a da Traição: 2.^o na entrada da Bahia de Todos os Santos: 3.^o sobre a barra da Cananea: 4.^o na ilha de Maldonado: 5.^o entre a ponta meridional da Bahia de S. Mathias, e a Ponta do Padrão, mais chegado á primeira. (Cor. Bras. t. 1. pag. 33).

sequencia de acreditardes nas Cartas e Relações de Americo Vespuccio (*) (emfim os impostores tem suas afinidades); eis-ahi a consequencia do vosso pouco criterio ; não entendeis o que ledes , e credes tudo quanto copiais sem discernimento nem juizo prudencial .

Vê-se pois clara e distinctamente que o tal titulo de commandante , conferido pelo Sr. Varnhagen , e só por elle , a Fernão de Noronha , he não só absurdo como fóra de toda a possibilidade : que a vinda de Americo Vespuccio n'esta segunda expedição he igualmente falsa por opposta a factos conhecidos , e ao que refere Gabriel Soares com o proprio testemunho : que em toda esta farça , que engendrou o Sr. Varnhagen , não ha um adarme de senso commum ; e que finalmente foi Christovão Jacques , sem a menor duvida , o commandante d'esta frota , que explorou e examinou toda a Costa do Brazil , desde a Bahia

(*) Dizem D. Antonio Herrera e Robertson que ácerca das duas viagens , que Americo Vespuccio fez ao golfo mexicano , tivera não só a ousadia de falsificar as datas (o que tambem se prova pelo que diz Oviedo , tratando da viagem de Ojeda até o Cabo do Norte) , como confundiu uma com a outra na relação , que de suas exageradas aventuras enviára a um de seus Compatriotas , logo depois da sua volta a Hespanha ; tendo a habilidade de compôr a sua narrativa de modo que parecia dever-se-lhe a gloria de primeiro descobridor do Novo Mundo .

Creio pois que , ainda quando sejam suspeitos para o Sr. Varnhagen os dois escriptores , Herrera e Oviedo , *por Hespanhoes* (tambem não sei pelo que) , não o será de certo Robertson o famoso historiador .

Não parece crível , diz ainda o Padre Casal , que El-Rei mandasse buscar fóra do Reino um nautico para ir em uma esquadra sua a um paiz , onde já tinham ido e voltado navios seus governados por pilotos vassallos , sem lhe dar d'ella o commando , ou a precedencia de primeiro piloto , contra os quaes Vespuccio azedamente se queixa . Assim parece se deve inferir , depois de sabermos que os pilotos das esquadras de Vasco da Gama , de Pedralvez para região tão remota , de Gaspar Cortereal á Terra do Labrador , todos eram Portuguezes , como tambem os de G. de Lemos .

Saiba pois o Sr. Varnhagen , que Portugal não tinha necessidade de pilotos estrangeiros , quando os possuia de sobra ; e tão excellentes , que eram considerados n'aquella época como os primeiros e mais habeis do mundo .

Formosa até Maldonado pelo menos, e alguns pretendem que percorrera também toda a Costa da Patagonia. Eis-ahi, Sr. Varnhagen, porque não admitti no texto o vosso commandante Noronha, e aquelle que o fizer commetterá um erro crasso de historia, será vosso complice; entendeis?

Ainda outro tremendissimo erro d'esse pedante he o que vêem á pag. 132 das *Primeiras Negociações diplomaticas respectivas ao Brazil*, e diz assim: « No verão de 1532 a « armada portugueza do Estreito de Gibraltar aprisionou « uma não franceza^o carregada de brazil, que vinha de « Pernambuco, aonde fôra destruir a feitoria portugueza, « e estabelecer outra sua, que por essa mesma occasião « P. Lopes de Souza combatia quando ahi tocava de volta no « mez de Agosto, conservando-se depois até Novembro. »

O Sr. Varnhagen não diz uma palavra para provar esta sua asserção tão positiva, e sem dar razão alguma, em que se funde, desmente de um rasgo de penna, e deita por terra todos ou a maior parte dos escriptores ácerca d'este facto da nossa historia. He cousa bem singular a petulancia com que escreve, porque nunca se digna provar aquillo que assevera; e se alguma vez tem essa pretensão, he sempre mal succedido. Agora, como de outras vezes, tenho de recorrer aos precedentes para adivinhar as suas intenções. Na biographia de Pero Lopes de Souza, que vêem como introduccão ao Diario do mesmo Souza, disse o Sr. Varnhagen o seguinte — « Passados « 15 dias (no principio de Julho de 1532) era Pero Lopes « na Bahia de Todos os Santos, da qual se fez a vela « no fim do mez. E tendo andado tanto avante como a « ilha de Santo Aleixo, houve vista de uma não, e orde- « nou de fazer tudo prestes para a combater: o resultado « de taes combates com Francezes nunca lhe foi desfavo- « ravel. Entrou por fim em Pernambuco, e largando a 4 « de Novembro só chegou a Lisboa no começo do anno « seguinte. » Na segunda edição d'esta mesma biographia, sem correcção nem augmento, inserta no n.º 21 da Rev.

do Inst., nada accrescenta o Sr. Varnhagen a este respeito; portanto não se sabe o que fizera Pero Lopes desde meados de Agosto, pouco mais ou menos, que chegara a Pernambuco, até 4 de Novembro, que largara d'aquelle porto, pois que só falla de um combate no *mar* na altura da ilha de Santo Aleixo. Mas a feitoria estava em terra com 70 Francezes de guarnição; onde pois achou o Sr. Varnhagen a noticia d'esse combate, de que resultou retomarem os Portuguezes a feitoria de Itamaracá, ainda sem fallar da sua mudança para Iguaçu?

Vamos a ver o que a este respeito diz o Padre Ayres de Cazal, o mais sensato e escrupuloso escriptor sobre as nossas antiguidades. — « Na mesma primavera em que Martim « Affonso sahira do Tejo, foi apresado pela esquadra do « Estreito, e conduzido a Lisboa um navio de Marselha, « que tinha ido carregar de pão brazil á Pernambuco; « onde demolira a feitoria de Itamaracá, e deixara ses- « senta Francezes para o mesmo fim que Christovão Jacques « fundára aquelle estabelecimento. Com esta noticia ex- « pediu *imediatamente* El-Rei a *Duarte Coelho Pereira* a « expulsal-os. Duarte Coelho *bateu os intrusos*, desfez- « lhes as operações, que estavam a crescer, e foi assen- « tar a feitoria sobre o rio Hyguaraçu, poucas milhas « arredada do primeiro assento. Este novo estabelecimen- « to foi o principio da villa de Hyguaraçu, a cuja matriz o « mesmo Duarte Coelho Pereira, sendo já donatario da Ca- « pitania de Pernambuco, deu por padroeiros os Santos « Cosme e Damião (que ainda hoje celebra) *em reconheci- « mento de ter derrotado os intrusos no seu dia* (27 de Se- « tembro) *em 1531.* (*) Que dizeis a isto, Sr. Varnha- « gen? »

O mesmo Padre Cazal accrescenta, que alguns escriptores anticipam erradamente esta viagem de Duarte Coelho Pereira um anno, dando-a como feita em 1530,

(*) Cor. braz. t. 1.^o pag. 40.

a confundem com a de 1535 (como Southey), quando eu povoar a sua Capitania; e no 2.º tom. pag. 137, diz e elle a obtivera *por este* e outros serviços; mas que o militára na India, como pretendem alguns, visto que Duarte Coelho, de que fallam Barros, e Faria, e que era acções illustres na Asia, não tinha o sobrenome de *reira*, e morrêra ás mãos dos Mouros da ilha de Sumatra em 1527. Ora, eis-ahi razões mui poderosas para provar um factio historico controverso, mas o Sr. Varnhagen não dá a ninguem satisfações; com duas palavras manda desmentir a todo o mundo, embora, como o Padre Cazal, tenha a seu favor documentos irrefragaveis. Valha-te Deos com a verdadeira braba, que assim corres veloz!

Todavia não insistirei na autoridade do Padre Cazal, nem me occuparei de Duarte Coelho, mas tão sómente vou restringir-me a provar, com os proprios pamphletos de Sr. Varnhagen, que Pero Lopes de Souza não foi quem descobriu os Francezes em Itamaracá, nem o podia ser humanamente fallando; e que dizel-o affirmativamente com o mesmo nodo, com que o fez, he a prova mais palpavel de que elle não entende nunca o que copia, nem reflecte ou pensa no momento se quér. Na carta, que El-Rei D. João 3.º escreveu a Martim Affonso de Souza, com data de 28 de Setembro de 1532, e que vêm copiada á pag. 81 do diario de Pero Lopes, se lêem as seguintes passagens.

E por até agora *não ter algum recado vosso*, do que no assento da terra, nem no Rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação. . . &c. » (Isto prova que El-Rei ignorava absolutamente o destino de Pero Lopes n'aquella data, assim como o de Martim Affonso).

E porém porque *depois* fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brazil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar asentada na terra, e ter n'ella feitas algumas forças, *como já em Pernambuco começava a fazer*, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá, determinei de mandar demar-

« car. . . &c. » O preterito imperfeito *começava* quer dizer que não continuou, porque se continuasse usar-se-hia do preterito perfeito *começou*; o que está perfeitamente de accordo com o seguinte periodo, depois de fallar da occupação da feitoria de Itamaracá pelos Francezes. « que qualquer força ou fortaleza que tiverdes feita quando n'ella não estiverdes, deixeis pessoa de quem confieis, que a tenha a bom recado; *ainda que eu creia que elles (os Francezes) não tornarão lá mais a fazer outra tal, pois lhe esta não succedeu como cuidavam.* »

Do que fica transcripto segue-se, que a 28 de Setembro de 1532 ignorava El-Rei em Lisboa o *paradeiro* certo de Martim Affonso, e por consequencia o de seu irmão Pero Lopes, mas sabia que os Francezes, que tinham pretendido *fazer algumas forças em Pernambuco*, tinham sido escaementados, pois que assevera já que esta empresa *não succedeu (aos Francezes) como cuidavam*, e tanto que acreditava (El-Rei) que *elles não tornariam lá mais a fazer outra tal*. Ora, Pero Lopes não podia ter combatido os Francezes em Itamaracá antes de meados de Agosto do mesmo anno, porque só a fins de Julho partira da Bahia de Todos os Santos, e tivera entretanto um combate no mar; portanto em pouco mais de um mez não podia saber-se em Lisboa da expulsão dos mesmos Francezes, ainda quando Pero Lopes enviasse immediatamente uma de suas nações com esta noticia, visto que elle demorou-se em Pernambuco até 4 de Novembro, e só chegou a Lisboa no começo do anno seguinte. Além de que, se semelhante noticia fosse enviada por Pero Lopes, ignoraria acaso El-Rei que era feito de Martim Affonso, e do que havia praticado *no assento da terra e no Rio da Prata*? Logo o facto da expulsão dos Francezes da feitoria de Itamaracá he muito anterior, e sobejamente conhecido por El-Rei quando escreveu em Setembro a Martim Affonso, e portanto moralmente impossivel que fosse Pero Lopes quem praticára aquelle feito de armas em Agosto de 1532. Isto he mais claro que a luz meridiana, e não necessita de mais

prova. A asserção do Sr. Varnhagen he por consequencia um erro crasso, um absurdo repugnante, que não tem senso commum.

E tambem as seguintes phrases da mencionada Carta d'El-Rei D. João 3.º: — « E o que eu tenho mandado que se n'isso faça, mandei ao Conde (da Castanheira) que vol-o escrevesse, *para serdes informado de tudo o que passa, e se ha de fazer; e pareceu necessario fazer-vol-o saber para serdes avisado d'isso, e terdes tal vigia n'essas partes por onde andais, que vos não possa acontecer nenhum máo recado —* » provam que a outro, e não a Martim Affonso, incumbira El-Rei este negocio, que só o avisa para que *fosse informado* de tudo e houvesse vigilancia nas paragens por onde andava. Ora, El-Rei devia suppôr, porque taes eram as suas instrucções, que Martim Affonso andasse pelas bandas do Rio da Prata, e que d'alli lhe era impossivel attender a feitoria e Pernambuco, de cujas aguas se apartára em Março do anno anterior, e por isso he que o avisa para que tivesse muito cuidado, *lá por onde andava*, e não fosse sorprendido por demasiada confiança. Portanto a destruição da feitoria, e a ficada dos Francezes em terra, era negocio que El-Rei tinha tomado a peito e providenciado já, independente da esquadra de Martim Affonso; e só era o bom resultado de suas providencias, que o mandára informar para seu governo nos lugares por onde andava. E quereis saber, Sr. Varnhagen, qual era esse bom resultado? Era o que especificadamente mandára El-Rei escrever pelo Conde da Castanheira a Martim Affonso, e que em globo explica na seguinte passagem da citada Carta de 28 de Setembro — » ainda que eu creio que elles (os Francezes) não tornarão lá mais a fazer outra tal, pois lhe esta *não succederu como cuidavam.* » estais satisfeito? qual! a cabeça do Sr. Varnhagen he antes quebrar que torcer.

Vamos agora ver as razões, que corroboram a opinião favor de Duarte Coelho Pereira. Martim Affonso deixou

as Costas de Pernambuco, navegando para o Sul, no 1.º de Março de 1531, e n'esse tempo podia ter chegado o navio de Marselha, e occupado a feitoria de Itamaracá. Dentro de dois mezes, isto he, em principio de Maio podia ter partido, e ser prisioneiro a principio ou meiado de Julho no Estreito, e não he impossivel que um mez depois, a meiado de Agosto, velejasse de Lisboa Duarte Coelho com a incumbencia de expulsar os Francezes; o que conseguiu completamente a 27 de Setembro de 1531, isto he, quarenta e dois dias pouco mais ou menos depois da sua partida. O motivo, que dá o Padre Cazal para a concessão da donataria a Duarte Coelho, tem grande fundamento neste importante serviço, assim como o Orago da freguezia de Iguaraçu, que ainda hoje he o mesmo, e a tradição constante na mesma freguezia, tambem confirmam o dia da victoria. Ora, se esta fosse obtida a 27 de Setembro de 1532, como no dia immediato, se fosse no mesmo anno, podia sabel-o El-Rei em Lisboa? Logo não podia este feito de armas ter lugar no anno de 1532, mas só no anterior; e no mez de Setembro de 1531 estava Pero Lopes na ilha da Cananea, d'onde partira a 26 para o Sul. Negar pois este nobre padrão de gloria a Duarte Coelho, he desmentir de um só jacto a todos os escriptores antigos e modernos, que lh'o attribuem, sem que houvesse um só que o contestasse até hoje.

Eu poderia analysar e refutar uma por uma todas as notas do Diario de Pero Lopes, que estão inçadas de erros crassos e de absurdos, como os que ficam apontados; mas isto me levaria muito longe, e os leitores bem alcançam que me não seria possivel escrever agora uma obra, tendo de concluir este trabalho em 15 dias, porque tenho mais que fazer; porém eu asseguro que cada nota he um erro pelo menos, e cada reflexão um absurdo ou um solemne disparate, e que o Sr. Varnhagen he uma chaga putrida, que veiu empestar a nossa nascente litteratura. Calcule-se pois o que será uma historia sahida de semelhante penna! Na minha nova redacção prometto

que nenhum erro, que esteja na possibilidade humana evitar-se, me escapará, e seja garantia do que digo esta minha resposta, pela qual se conhecerá que tenho estudado ao menos as cousas do meu paiz.

Os meus leitores terão observado que hei seguido á pista o *Juizo* do Sr. Varnhagen, ponto por ponto, virgula por virgula, e por isso não quero deixar sem resposta a mais insignificante das suas censuras, ainda que sejam tão pueris como a seguinte — dizer a pag. 13 do meu *Compendio*, em contradicção com o texto á pag. 45 — que Martim Affonso aportára em S. Vicente em 1531 — O Sr. Varnhagen he como o naufrago, que cançado de debater-se nas ondas, se afunda com o sargaço de que lança mão para salvar-se. Accusa-me acaso o Sr. Varnhagen de erro de data? Pois não viu que dizendo eu no texto, que Martim Affonso aportára em S. Vicente a 22 de Janeiro de 1532, a data, que apparece em uma nota á pag. 13, não podia deixar de ser um erro typographico, ou quando muito um lapso de penna? Oh! miseria das miserias!!!

Finalmente vamos concluir com este enfadonho trabalho, dando resposta a ultima e tremendissima tirada do Sr. Varnhagen, que contém, não uma, mas um milhão de censuras ao mesmo tempo: he a recopilação de todas as suas injurias e calumnias, he o seu corpo de delicto. Convém portanto copiar aqui o original, porque, apezar da confiança que tenho em todos os meus leitores, temo que algum não queira ter o trabalho de ir lendo e cotejando o ataque com a defeza. Eis-ahi pois o que diz o Sr. Varnhagen de mais digno de resposta, desde a pag. 80 da *Revista* n.º 21 até 83, em que conclue o seu furibundo aranzel.

« Eu como Paulista (longe vá o seu agouro), mostraria ter em mui pouco a gloria de o ser (será tambem descendente de Amador Bueno?) se deixasse sem grave censura a repetição de uma sedicção injuria, dirigida ao passado dos meus compatriotas, os ousados descobridores dos Sertões brazilicos até o Paraná, a cujos

« esforços e derrotas, que deram aos Hespanhoes, o Im-
« perio deve hoje a existencia vasta dos seus limites
« occidentaes; mas esta censura já precedeu o Compen-
« dio do Sr. *Lima*, e até o seu proprio fornecedor
« *almocreve de falsidades* Beauchamp (*). Fel-o o
« distincto Brasileiro, *filho de Santos*, Fr. Gaspar da Ma-
« dre de Deos nas suas — Memorias para a historia da
« Capitania de S. Vicente, hoje chamada S. Paulo —
« rebatendo os autores d'essas injurias *Vaissette* e o Jesui-
« ta *Charlevoix*, que as escreveram, *soprados* por outros
« Jesuitas Hespanhoes (não he só Beauchamp, pelo que
« vejo, o almocreve de petas, ha muita gente do mesmo
« officio, e a carreira he muito longa no sentir do Sr. Var-
« nhagen), e *por isso suspeitos*. Leia-se a obra d'aquelle
« Brasileiro, que anda impressa, e he bem vulgar, prin-
« cipalmente desde pag. 117 até 125. Vejamos porém
« quaes são as expressões dos nossos dois livros gemeos
« em opinião, o de Beauchamp e o Compendio. »

(*) Os Leitores terão visto até agora que dos erros, de que o Sr. Varnhagen accusa o pobre Beauchamp, a quem chama almocreve de falsidades, nem um só lhe pôde ser attribuido, e que toda a censura tem ido recahir sobre o seu *querido* Southey, que he a oitava maravilha, ou sobre o Resumo de Bellegarde, que he *mais recommendavel* do que o meu, ou finalmente sobre a sua propria cabeça; portanto se ha aqui alguém, que mereça a alcunha de almocreve de petas, he com muito mais razão o mesmo Sr. Varnhagen, que não Beauchamp, como fica plenamente provado. Agora porém o caso muda muito de figura; na presente censura Beauchamp não seguiu a Southey, nem podia seguil-o, porque tendo publicado a sua historia do Brazil em 1815, não podia adivinhar o que sobre esta parte só publicou Southey em 1817 no 2.^o volume da sua Obra. E sem embargo ainda o Sr. Varnhagen vai-se ver atravancado com a alma do defunto autor inglez, que lhe pedirá contas de haver mentido como um possesso a seu respeito, e de lhe ter levantado mais falsos testemunhos que de dentes tem na bocca. Do que eu me persuado he que, se Southey resuscitasse, não escaparia o Sr. Varnhagen de levar pelas ventas com os tres volumes em quarto grande, o que já he uma boa tosa — muito mais merece elle — *y Dios se la depare buena*.

N'este lugar ainda transcreve o Sr. Varnhagen, para esmagar-me com o que elle chama *pio plagio*, pedaços do Compendio e do original citado, e depois continúa:

« Que o Sr. *Lima* quizesse conservar o epitheto de « perversa a casta (raça prefere o Sr. *Lima*) Mameluca; que dissesse que os Paulistas pertenciam todos a « essa casta (perdoe o Sr. Varnhagen que lhe diga, « que n'este ponto falta a verdade); que concordasse, « contra a opinião geral (de quem?), que o nome « de *Mamelucos* no Brazil procedeu por alguma fórma « dos do Egypto, eram absurdos, que nós explicamos « pelo seu respeito do texto mentor: mas que re- « quintasse sobre este inventario para elles, e de sua « lavra a designação de *raça hybrida*; (*) que mais adian- « te os tratasse de *piratas da terra*, que não achavam « em que cevar sua cubiça, e insistisse de novo em lhe « chamar — horda de aventureiros, tão crueis como os « Mamelucos do Egypto — isso temos por mais serio. Que « razão justa haverá para inventar epithetos injuriosos, « e lançar anathema a uma casta ou geração, só por « que he de outra gradação de cor? Acaso ignoraria o Sr. « *Lima*, empregando palavra tão pouco usada, que — *hy- « brida* — equivale a *injuriosa*, pois que o radical grego « de que tal palavra deriva quer mesmo dizer *injuria*? « Propendemos a julgar que o *ignorava* (muito obrigado, « Sr. Varnhagen!!), e que portanto o mal que disse « não foi por querer.

« As palavras *afinadas em outro tom*, e que foram ins- « piradas ao plagiario Beauchamp pelo final § do cap. X « de Southey, que se lêem em a pag. 94, 95, *devem ser « preferidas*, sem olharmos a que haja n'ellas contradicção

(*) Veja-se o que por aqui vai, e se um homem, que escreve d'esta maneira, pôde ser censor de ninguem, pois que nem a sua propria lingua sabe! Deos me dê paciencia.

« com as primeiras ; porque são mais claras, e deseja-
« vamos ser os primeiros a levantar a respeito do autor
« (d'este seu criado) a idéa de que entrasse n'aquellas
« expressões *alguma intenção reservada de reprehensivel mal-*
« *dade ! ! !* (e que tal ! ! !) . . . *Mas nada mais fóra*
« da verdade, e até da verosimilhança do que a manei-
« ra de se contar a historia dos feitos dos Paulistas,
« quando expulsaram os Jesuitas em 1640. He tal que
« ha de ficar sem resposta (Deos eterno ! que lastima!),
« e só deixando-nos saudosos de que o novo scisma im-
« provisado, não tivesse tambem tido o seu Mafoma e a
« sua Meca, para ficar mais completo e ser mais galan-
« te. Vejamos lá a pag. 207 do Compendio : — Criam (os
« Paulistas) uma seita, nomeiam um chefe da nova
« Igreja, a quem deram o nome de Papa (já tivemos um
« anti-Papa no Brazil); instituem sacerdotes, fundam col-
« legios, e pregam uma doutrina favoravel a seus sor-
« didos interesses, resultando d'ahi uma mescla impura
« do Christianismo com as superstições brazileicas. Orga-
« nisaram tambem uma nova fórma de governo, crea-
« ram tribunaes, &c. Eis-aqui quando tem todo o lugar
« a exclamação : *Et voila comme on écrit l'histoire !* »

O Sr. Varnhagen parou aqui de cansado, e o pouco que se segue, até o final da sua arenga, não he digno de resposta. Agora he a minha vez, e começarei por dizer, que a indignação, de que se finge possuido, *pela sedição injuria* contra os Paulistas, he tão ridicula na sua bocca, como seria na minha a respeito das injurias, que Lord Byron vomita contra os Portuguezes no seu *Childe Harold*. Torno a dizer que o Sr. Varnhagen he tão Brazileiro como eu sou Portuguez, e que ninguem acredita no seu brazileirismo senão como um meio de vida ; he uma especulação como as outras, porque isto lhe rende quatro mil crusados de moeda forte, e eu conheço muitos moços brazileiros, a quem o Sr. Varnhagen não póde descalçar o sapato, que o desejariam para si, talvez com mais proveito para o Brazil, e sem duvida alguma com

mais honra e dignidade para o Governo. Fallo do Governo, porque não podia metamorphosear da noite para o dia um subdito portuguez em cidadão brasileiro, muito mais empregando-o logo no Corpo diplomatico e no Exercito, sem nenhuma habilitação, que o recommendasse, mais do que seus miseraveis escriptos, cheios de erros crassos e de pedantaria. Se o Sr. Varnhagen fosse Brasileiro, ainda se poderia tolerar como copista, mas com a condição de prestar antes juramento de ser fiel na cõpia, e de não dizer uma palavra da sua casa, porque o que diz he sempre um erro ou um disparate; e sobretudo porque a sua phrase he tão incorrecta, tão defeituosa, que, além de se não entender muitas vezes, contém erros de syntaxe, que um menino de escola não commetteria sem expôr-se a levar palmatoadas.

Não sei se Vaissette e o Jesuita Charlevoix foram *soprados* (soprado será elle!) pelos Jesuitas hespanhoes; o que posso asseverar he que Southey não teve outros guias para esta parte da sua historia, a qual o Sr. Varnhagen ignora inteiramente; nem era possivel que tivesse lido o 2.º vol., porque não avançaria tantas falsidades, attribuindo a Beauchamp excesso, quando foi muito mais parco do que o autor inglez. He verdade que Beauchamp, como legitimista, era amigo dos Jesuitas, e lhes dava inteiro credito; porém Southey não podia prescindir n'esta parte dos unicos escriptores, que haviam com mais conhecimento de causa tratado d'essa época, tão fecunda em turbulencias, e em perseguições a todos os missionarios, que se oppunham á escravidão dos Indios. Em quanto a Fr. Gaspar da Madre de Deos lhe direi, que não he um oraculo, como suppõe; porque o mesmo Southey o tacha muitas vezes de falso e de absurdo, e Monsenhor Pizarro, que era muito brasileiro, não o poupou nas suas Memorias do Rio de Janeiro. Eu mesmo tambem o combati, por dois erros muito salientes, em duas notas, que vêm nas pags. 13 e 208 do 1.º vol. do meu Compendio. Portanto as asneiras e falsidades, de que está

assoalhada esta parte da censura do Sr. Varnhagen, nascem, em primeiro lugar, da sua crassa ignorancia a respeito d'esses livros, que nunca leu, ou, se chegou a ler, não entendeu, como sempre lhe acontece; e, em segundo, da velhacaria com que se vai inculcando *brazileiro* entusiasta pela boa fama do seu paiz. Brazileiro! aqui cabe uma expressão chula do vulgo, hoje muito usada no Rio de Janeiro, e que tem hum sentido muito significativo n'este lugar: o Sr. Varnhagen he um *brazileiro de meia cara*.

Muito sente este senhor que eu, contra a *opinião geral* (oh! quem são os d'essa opinião, porque os não mencionais? forte embusteiro!) concordasse em que o nome de Mamelucos no Brazil procedeu de alguma forma dos do Egypto; o que elle tacha de absurdo. Valha-te Deos! *Mameluco*, palavra muito especial dada pelos Crusados a milicia escrava do Egypto, e que não se equivoca nem confunde com outro algum termo de nação alguma, e de que não ha exemplo de uso ou adopção senão no Brazil, poderia nascer de outra origem? Poderia alguém lembrar-se que uma palavra, composta de outras palavras arabes, e que só pelo correr do tempo, como diz Volney, chegou a ter no Egypto e na Europa uma forma commum, fosse adoptada em S. Paulo por mera casualidade? A palavra *Mameluco* tinha vindo do Egypto, e os Egypcios actualmente são de côr bronceada; deu-se portanto aos d'essa *gradação de côr*, como diz o Sr. Varnhagen, a denominação de Mamelucos, ignorando-se talvez que a milicia escrava do Egypto (os Mamelucos) he composta de homens da mais pura raça caucasea, de lindos cabellos loiros; raça tão diversa da do paiz, que não medra nem se perpetua n'elle, porque não se casam senão entre si, e os filhos morrem todos em tenra idade, sem que haja exemplo da perpetuidade de uma só geração. Além d'isso a condição barbara e bellicosa da raça mestiça de S. Paulo se assemelhava em tudo ás depredações e avanias, que os Mamelucos exer-

iam no Egypto desde o seculo 13.^o, e esta he, a meu ver, unica razão de haver-se adoptado aquelle termo, talvez pelos primeiros Jesuitas, para significarem todo o horror que aquella raça lhes causava. Não he possivel outra origem, nem me lembra ter lido nada em contrario; portanto tachar de absurda semelhante opinião, e fazel-o de sua propria autoridade, não he só ignorancia, he muita estupidez.

E porém, em nenhum lugar resalta com tanta vehemencia a *patriotica indignaçã* do Sr. Varnhagen, como quando elle viu, que eu de *minha lavra* designava de *hybrida* a raça dos Mamelucos de S. Paulo, palavra *pouco usada*, que significa *injuriosa*, porque deriva de uma palavra grega, que *quer mesmo* (quer mesmo? safa!) dizer injuria. E, se me releva por em quanto de grave pena, hã por julgar que *eu ignorava* tudo isto, porque do contrario entraria n'essas expressões *intenção reservada de reprehensivel maldade*. Até aqui este miseravel tem sido considerado por mim como hum pedante cheio de velhacaria, mas agora elle mesmo se revela estúpido e perverso, e tão perverso que mais adiante até me accusa de inimigo *da mente de côr*! Vamos adiante. A palavra *hybrida* he puramente latina, e nunca significou *injuriosa*, como diz o Sr. Varnhagen; as unicas versões, que tem na lingua portugueza, são: conforme Plinio, o naturalista — *animal nascido de dois diversos em especie*: conforme Horacio — *o filho de pai mãi de patzes, ou condições diversas*; e foi n'esta ultima accepção, que eu a usei, como se vê do meu contexto. Estas versões acham-se em cada Lexicon, que anda por ahi em mãos de qualquer estudante de latim; porém como ha de saber latim quem não sabe a sua propria lingua?

A palavra *hybrida* he tão usada, que he geralmente adoptada em todas as linguas filhas da latina, e ultimamente acaba de admittil-a no seu Diccionario o Sr. Constancio. Como porém o mesmo Constancio diz, que o radical he a palavra grega *hybris*, que significa *injuria*, o Sr. Varnhagen,

que não entende nunca o que lê, deduziu logo que o derivado significava *injuriosa*. Quereis saber, leitores, até onde chega a ignorancia ou a imbecilidade d'esse pedante ouvi-o: o adjectivo — *Espesso* — que he tão portuguez como o Sr. Varnhagen, he formado do latino — *Spissus* — cujo radical grego he a palavra — *pissa* — que significa *pez*; logo quem disser um *caldo espesso*, dirá (segundo a dialectica do Sr. Varnhagen) *caldo de pez*, em lugar de caldo grosso, gordo, &c.: absurdo que só caberia na cachola d'esse tratante, verdadeiro almocreve de disparates. Não era portanto eu quem ignorava o sentido da palavra *hybrida*, muito bem applicada á raça mesclada dos Mamelucos de S. Paulo, mas o ridiculo censor, que nem se lembrou ao menos que Constancio tambem lhe dá a mesma significação, isto he, *coisa que procede de duas especies*. Em quanto á minha *reprehensivel maldade*, nada tenho que responder ao estúpido calumniador; fez o seu officio, e o Padre Januario não o esquecerá — confie n'isso.

Não foi sómente a palavra *hybrida*, que accendeu as iras do pseudo-Paulista, mas tambem as seguintes expressões — *piratas da terra* — *horda de aventureiros*, *taõ crueis como os Mamelucos do Egypto*, &c. — com que caracterisei os Mamelucos de S. Paulo: *epithetos injuriosos*, que eu inventei, diz o Sr. Varnhagen, para lançal-os sobre uma casta ou geração, *só porque he de outra gradação de cor*. Então lembra as palavras *afinadas em outro tom*, e inspiradas ao *plagiario Beauchamp* por Southey, que elle julga *devem ser preferidas*; porque, já se sabe, o Sr. Varnhagen sempre prefere Southey a Beauchamp, ainda quando este traduz com uma exactidão admiravel o texto inglez. Porém aqui cincou o *nobre* Paulista completamente: Beauchamp não foi o plagiario de Southey n'esta parte, nem o podia ser, como já disse; por tanto cada um encarou os factos historicos por seu lado, e escreveu como Deos o ajudou. Ora, o Sr. Varnhagen tem fallado tantas vezes de Beauchamp, tem-lhe chamado tanto nome feio, e ao mesmo tempo elevado Southey ás nuvens, que estou resolvido a pedir-lhe perdão,

renegar a Beauchamp , e adoptar completamente a Southey ; portanto retiro (he expressão até muito parlamentar) todas as expressões anteriores , como epithetos injuriosos aos Mamelucos de S. Paulo (e note-se que Beauchamp só applica aquellas expressões aos Mamelucos), e em seu lugar admitto as palavras de Southey , *afinadas em outro tom* , mas que não podiam ser inspiradas ao *plagiario* Beauchamp , porque só viram a luz em 1817 , dois annos depois que este publicou a sua historia.

Southey , vol. 2.º cap. 23 , tratando dos Paulistas durante o seculo 17 , descreve-os com todos os seus vicios e virtudes ; e como no sentir do Sr. Varnhagen este autor he de toda a veracidade , acceito a troca , e em lugar das expressões de Beauchamp , que muito o irritaram , as irei substituindo por outras de Southey *afinadas em outro tom* , como por exemplo : em vez de *piratas da terra* direi agora *saqueadores Freebooters* , Southey t. 2. cap. 23. pag. 307), que he expressão mais *honesta e delicada* ; em vez de *horda de aventureiros* , direi *as ruéis como os Mamelucos do Egypto* , direi agora *ladrões , malfeitores , bandoleiros , brutaes , malvados* , que tudo isto significa a palavra *Ruffians* , de que usa Southey no mesmo vol. e cap. pags. 310 e 315 ; epithetos que não são tão *injuriosos* como os de Beauchamp , e que o Sr. Varnhagen não dirá agora *que eu os inventei para lançal-os sobre uma casta* , só porque he de outra gradação de cor. Em tudo isto existe uma pequena differença , e vem a ser , que Beauchamp se dirige sempre á raça *hybrida* , aos Mamelucos , e Southey falla de *Paulistas* em geral , como se vê da seguinte passagem : There was now no alternative but emigration or slavery ; many could not be persuaded to encounter the less but the certain evil : of these some returned to their old habits of savage life ; the rest fell into the hands of the *Paulistas*. These *ruffians* enraged that any should have escaped them, pursued the emigrants. (Southey , vol. 2.º pag. 315.) »

Logo portanto encarecidamente aos meus leitores tenham a paciencia de cotejar esta parte do cap. 23 de Southey com a do meu Compendio , tão estupidamente censurada pelo

Sr. Varnhagen, e estou que convirão todos commigo, em que este impostor nunca leu o 2.º vol. de Southey, ou não o entendeu, como sempre lhe acontece.

Cumpre-me agora dizer algumas palavras sobre a accusação, que me faz o Sr. Varnhagen de *inimigo das castas de côr*. Infelizmente tem-se adoptado no Brazil alguns meios, a que chamarei torpes, de se guerrearem os partidos, e como arma favorita nas nossas dissensões politicas tem servido a muito corriqueira accusação de *inimigo da gente de côr*; cada qual adulando uma classe, que se julga forte pelo numero, crê que agrava a condição do seu rival, attrahindo sobre elle a inimizade d'essa classe; porém esta tactica por muito trilhada tem cahido em tal desprezo, que hoje só attrahhe o ridiculo quem d'ella usa, principalmente depois que a mesma gente de côr conheceu, que isto só servia para capa de velhacos. Pois nem assim esqueceu-se o Sr. Varnhagen de lançar mão d'este sedição recurso, e fel-o como argumento *ad terrorem* em uma critica litteraria; e que tal? Seria isto lembrança sua ou do Padre Januario, muito mais versado nas intrigas do paiz, e talvez o inventor d'esta machina de guerra politica, assestada por primeira vez na *Mutuca Picante* ou no *Correio Official*? A que vinha, em um exame critico, uma tirada tão torpe como ridicula, se o fim não fosse ferir-me por qualquer lado, sem attender as regras estabelecidas nas discussões litterarias? Pois não se está vendo claramente que ha um fim occulto, mas que se revela pelos meios empregados? Quem duvidará agora da missão do Sr. Varnhagen? Porém engana-se o Padre Januario: o seu empenho foi baldado, e a pedra, que me atirou, ha de feril-o no coração; isso lhe asseguro eu, e basta por ora.

Resta-me tão sómente fallar do *novo scisma improvisado dos Paulistas*, como diz o Sr. Varnhagen, do chefe da nova Igreja, do anti-Papa, e de tudo o mais que copiei fielmente da sua censura, assim como a *maneira de se contar a historia dos feitos* dos mesmos Paulistas, tão fóra de verdade e de verosimilhança, que lhe não mereceu resposta; paciencia, e que lhe havemos de fazer? He certo que, se houvesse uma

resposta do Sr. Varnhagen, teria fanno para mangas; mas sem resposta ou com ella não ficará em jejum. Torno a pedir encarecidamente aos meus leitores comparem o meu Compendio n'esta parte com o cap. 23 do 2.º vol. de Southey, e se verá que a maneira, por que Beauchamp contou os feitos dos Paulistas, não he menos imparcial nem mais mesquinha que a que empregou Southey, e que apenas differem os dois autores na elocução; portanto a resposta do Sr. Varnhagen não faria mais do que augmentar o numero de suas falsidades e disparates sem dar nova luz á historia. Sem embargo Southey não deixa passar sem reflexão algumas incorrecções de Frei Gaspar, como se vê da nota (20), que vêm a pag. 329 do 2.º vol.; cousa de que se não occupou Beauchamp, porque em meu conceito elle não consultou o *escriptor de Santos*, como já tive occasião de dizer; porém Southey não lhe deu tanta consideração como pretende o Sr. Varnhagen, servindo-se dos mesmos guias, que conduziram o autor, que eu compilei.

Diz Frei Gaspar da Madre de Deos, que a fabula da Republica dos Paulistas nasceu do facto da aclamação de Amador Bueno como Rei. E por que não será tambem uma fabula esta mesma aclamação, que teve por primeiro historiador o proprio Frei Gaspar? Se o elle attribuir á intriga dos Hespanhoes este mesmo facto he cousa notoriamente falsa, e até absurda, como diz Southey, e eu já o repeti em uma nota á pag. 208 do 1.º vol. do meu Compendio, porque não seria falso o principal, sendo falso e absurdo o accessorio? Se a Republica dos Paulistas foi uma fabula, *que muitos acreditaram*, em que documentos mais valiosos se funda Frei Gaspar para dar por certo o facto, que serviu de pretextto para esta fabula? Entretanto declaro, que não ponho nenhuma duvida sobre a aclamação do Rei Paulista, porque de outra sorte não encontro um só acontecimento, além d'aquelles que tenham a seu favor documentos officiaes, e de toda authenticidade, que não possa ser considerado como fabuloso, e desmentidos todos os historiadores, que os referem sem provas bastantes de sua existencia real. N'este caso está o novo scisma de

S. Paulo, ou a religião improvisada, tão facil, ou ainda mais facil de provar, do que a nova religião dos Negros dos Palmares nas Alagoas; e todavia não ha escriptor coevo, que o não diga como facto incontroverso.

Ignora o Sr. Varnhagen que Salvador Corrêa de Sá, como Governador geral da Repartição do Sul, não pôde passar de Santos, quando pretendeu ir a S. Paulo, e que por fim, voltando para o Rio de Janeiro, teve de assignar uma *Convenção com os Procuradores do Povo* debaixo de reciprocas garantias? Ignora que os Jezuitas foram expulsos pelo Povo, *representado por seus Procuradores* em Julho de 1640, e que mandando El-Rei D. João 4.º por duas vezes (em 1643 e 1647) que fossem restituídos aos seus Conventos, só o foram por um novo accordo *entre o Povo e os mesmos Padres*, feito por escriptura publica aos 14 de Maio de 1653, *sem intervenção da autoridade Regia*? Ignora o Sr. Varnhagen que o character de independencia e de insubordinação dos antigos Paulistas (*old Paulistas*), como diz Southey, e todos estes factos, que acabo de mencionar, foram o fundamento d'essa chamada Republica, e não a aclamação (que morreu ao nascer) de Amador Bueno, como diz Frei Gaspar, *que he filho de Santos*? Se tudo procede de ignorancia, declaro que não cabe na minha razão argumentar com o Sr. Varnhagen, e se não ignora nada d'isso, então obra de má fé, porque não he possivel negarem-se factos tão geralmente repetidos, e confirmados por autores, de cuja veracidade elle mesmo não duvida, sem provas authenticas do contrario.

Pois bem, vede agora que não sou desarrazoado, e que em lugar de *Republica* direi antes — *turbulenta democracia* —: em lugar de *seita* direi — *grosseira idolatria* — como Southey, que não he para vós autor suspeito: « and « for Religion its place was supplied by a gross « idolatry » (2.º vol. pag. 305). A verdade he que, se os Jezuitas *soprados* foram imparciaes, muito mais imparciaes, e até intolerantes, são todos os seus inimigos e detractores. Borrai da historia do Brazil o testemunho de todos os Jezuitas, *soprados e não soprados*, e vede lá com que

icais. Pela minha parte declaro que os Missionarios do Brazil, quér Jezuitas quér não, desde o descobrimento até fins do seculo 17 pelo menos, foram, e serão sempre os melhores e mais seguros guias da nossa historia civil e religiosa, principalmente nos paizes centraes, onde elles foram os unicos entes, que sabiam alguma cousa, e podiam observar ou escrever.

O Sr. Varnhagen finaliza o seu *juizo*, transcrevendo a seguinte passagem do Prospecto, com que os Editores annunciaram o meu Compendio: « A dignidade do paiz, e a illustração do Povo brasileiro, exigiam que uma *penna nacional* se occupasse, pela primeira vez, de escrever a sua Historia, visto que até agora não possuimos, além de poucos escriptos dos Seculos XVI e XVII, senão algumas memorias incompletas, ou esquecidas em mãos particulares. Era doloroso ver que a Historia do Brazil se tivesse tornado uma *especulação estrangeira*, e que se importassem no paiz todas as falsidades, que ressumbram em cada pagina d'essas producções, empestadas de máo gosto, e recheadas de insultos á intelligencia nacional. » E depois pergunta (não sei a quem) *se acha que foi este* (o meu Compendio) *que veio melhorar o estado*, nem por isso tão feio, em que nos achavamos.

Não sei se melhoramos, nem a mim cabe dizel-o; porém o que posso asseverar he que os Editores disseram uma verdade, que o mesmo Sr. Varnhagen acaba de confirmar. Era doloroso ver, dizem os Editores, que a Historia do Brazil se tivesse tornado uma *especulação estrangeira*, e que se importassem no paiz todas as *falsidades*, que ressumbram de cada pagina d'essas producções, empestadas de máo gosto, e recheadas de insultos á *intelligencia nacional*! O Sr. Varnhagen, estrangeiro no Brazil, sem familia, sem penates, sem um parente que quér, sem a menor relação, nem vinculo que o prenda á sociedade brasileira: o Sr. Varnhagen, que abandona *a sua Patria*, *o seu Rei*, e *a sua grei*, para vir offerecer os seus mesquinhos serviços ao Padre Januario, ou vender-se a troco de um emprego, o que fez, e o que faz senão uma *especulação lucra-*

tiba sem risco de capital , que não tem ? O que são os folhetos do Sr. Varnhagen, importados de Lisboa, senão uma *especulação estrangeira* ? Quantas falsidades, quantos erros não accumulam , além d'essa linguagem de Mouro , empestada de vícios e de pessimo gosto ? E ainda por mal de nossos peccados, para em tudo justificar os Editores , intitula-se *brazileiro* como um insulto á intelligencia nacional. *Brazileiro!* oh! que não, não ; e se fosse possivel, que o Sr. Varnhagen continuasse insultando d'esse modo o honroso dictado de brazileiro, então valia mais ser Beduino, do que haver nascido n'esta terra de maldição.

E o que se dirá quando se saiba , que houve um governo no Brazil , que violou a Constituição e varias leis só para ter o gosto de *nacionalisar* uma peça tão importante como o Sr. Varnhagen, verdadeiro manequim em mãos do Padre Januario ? N'estes ultimos annos tem-se levantado em Portugal uma mocidade estudiosa , cheia de talento, e do mais depurado gosto , alguns dos quaes tem feito resuscitar todo o brilho da bella lingua de Camões ; nenhum porém se lembrou de vir ao Brazil, nem de renegar a sua grei, e entretanto que boa aquisição não seria para a nossa terra homens d'essa ordem ! Porém os Garretts, os Herculanos, os Castilhos, &c., esses não vêm cá, porque se riem das nossas miserias, porque elles lêem os Relatorios do Instituto, e os Discursos que alli se repetem, porque elles sabem o que val um paiz, que baratêa ao primeiro mendigo, que lhe chega, o honroso titulo de cidadão. Em 1832, quando alguns homens talentosos andavam foragidos de Portugal, era minha opinião que os chamassemos para o Brazil, e que os empregassemos nas nossas Academias e Lycèos; porém as idéas d'aquelle tempo eram outras, e a minha lembrança foi repellido como impolitica. Hoje acolhe-se como cousa portentosa um lapúz de sacco e botija, e autorisam-no a que enxovalhe em sua linguagem bordalenga a intelligencia do paiz. E com que direito nos offenderemos, quando nos digam por isso mesmo, que somos o povo mais ignorante do Continente americano?

Tenho concluido a minha tarefa, com quanto dese-

jasse dizer alguma cousa mais sobre o estylo do Sr. Var-
nhagen ; porém , o que posso eu dizer aos meus leitores ,
que elles não tenham visto com seus proprios olhos ? To-
davia o tal aranzel tem pedacinhos tão impagaveis , tem
bellezas tão superiores a todo o encarecimento , que não
posso furtar-me ao gosto de transcrevel-as : eis-ahi alguns
d'esses grãos de ouro , a elles meus leitores.

« Aquellas duas circumstancias , na verdade attenuan-
tes (pois se diz que mal do escripto , cuja iniciativa não
he o seu enthusiasmo intimo , e subtilissimo do autor , e
ainda peor do que se submete á critica de Voltaire ao
que compilava tres vezes) , não demos pêsco algum : eram
ditas pelo Autor , e por tanto deviamos com toda a razão
considerar-as filhas da sua modestia , virtude que tanto
orna o escriptor publico , e que temos toda a razão para crêr
que a possui em alto gráo o nosso compatriota (tibi ! dizem
os homens do campo na minha Provincia , quando lhes lan-
çam alguma pulha ; em quanto a ser compatriota do Sr. Var-
nhagen , se não he pulha , deve ser graça , mas graça muito
pesada) , que , sendo prudente , ha de ser *conhecedor do
mundo, e das cousas* » *Rev. do Inst. n. 21, pag. 62.*
Que entenderá este pedante por *conhecedor do mundo e
das cousas ?* Que *cousas* serão estas além do mundo ? do
mundo e das *cousas* !! ah ! já entendo , he d'este *mundo
sublunar* , que falla , e das *cousas* do outro mundo ; adivi-
nhei ?

« Roberto Southey , Litterato e Poeta Inglez , que
não ha muito falleceu , deixando em Inglaterra uma repu-
taçãõ talvez logo immediata n'este seculo a Byron e a W. Scott
teve a boa *inspiração de se lembrar de escrever* uma historia
do Brazil , não só quando elle não era ainda independen-
te , mas até antes da época em que na Europa *se olhou mais
á sua importancia* pela transferencia da Casa de Bragança.
*Auxiliou-o a isso uma famosa collecção de manuscriptos
feita , &c.* » *Ibid. pag. 63.*

« Este menoscabo de Beauchamp era talvez tambem
em parte filho do sentimento que lhe devia provir de

« não ter podido continuar a ser autor por tão barato preço. » *Ibid.* pag. 64.

« Não : as linhas que vamos escrever apenas têm a mira de se aproveitarem da garantia civilisadora, que mais devem às sciencias os seus progressos, isto he, da liberdade da discussão, unica que termina por aclarar a verdade. » *Ibid.* pag. 65. *in fine.*

« e de varias notas, entre as quaes citaremos a da sua victima da revolução de Pernambuco, &c.

« Como se pôde melhor convencer quem fizer a cotejação, &c. *Ibid.* pag. 67.

« E isto he, porque temos, além d'este ultimo nome de indigenas, o improprio, mas já recebido, de Indios, ao qual podemos acrescentar as respectivas das mesmas nações, &c. Por este meio se evitariam certos *quis pro quos* que apparecem no Compendio, taes como : &c. » *Ibid.* pag. 70.

« Sentimos que se não siga no Compendio a opinião recebida pelos criticos e historiadores modernos, e pelo celebre viajante Allemão Martius, de que nunca houve tal no Brazil uma grande nação de Indios Tapuyas. » *Ibid.* pag. 70.

« . . apenas em duas notas deixa bruxulear alguns escrupulos em as admittir, e quer justificar-se de ter usado para fugir ao embaraço de uma expressão conciliatoria, valendo-se para isso da generalidade da palavra — Maranhão, &c. » *Ibid.* pag. 74.

« A lembrança de Casal, que se menciona como em perplexidade de ser razoavel, de prefazer o numero das doze Capitanias, contando por tres os tres pedaços de Pero Lopes, e por duas os dous de Martim Affonso, torna-se mais absurda depois de acreditar que tambem a Capitania de Barros (suppondo que elle era só o verdadeiro donatario) constava de dous pedaços separados. » *Ibid.* pag. 76.

« Prosegue-se fallando-se de Pero Lopes, Beauchamp continúa a dominar, e os erros a proseguir. » *Ibid.* pag. 78.

« Houve alguém (por ora está no sigilo do concurso)

que emprehendeu estudal-a , e só aguardamos o juizo do Instituto Historico e Geographico sobre as opiniões a tal respeito a seguir. » *Ibid.* pag. 79.

« Salvo n'alguns lugares em que ulteriores publicações, que nem sempre quiz ter a generosidade (*unica retribuitiva* (*) dos que trabalham nas lettras) de especificar , o obrigaram a apartar-se ; &c. » *Ibid.* pag. 79.

« Com tempo tambem insistiremos para os não scepticos nas nossas opiniões identicas ás do Sr. Visconde de S. Leopoldo , sobre Americo , que nunca foram , como o Sr. Abreu Lima quer dár a entender (no fim da pag. 8) , que elle deixasse de fazer um papel secundario nas explorações, senão só que foi n'essas duas armadas » *Ibid.* pag. 80.

« Que o Sr. Lima quizesse conservar o epitheto de perversa a casta (raça prefere o Sr. Lima) Mameluca ; que lissesse que os Paulistas pertenciam todos a essa casta ; que concordasse contra a opinião geral , que o nome de Mamelucos no Brazil procedeu por alguma fórma dos do Egypto , eram absurdos , que nós explicamos pelo seu respeito do texto mentor : mas que requintasse sobre este inventario para elles , e de sua lavra a designaçã de raça hybrida ; &c. » *Ibid.* pag. 81.

(*) *Retribuitiva!* Sim , anda a par de cotejação , e de outros termos da propria lavra do Sr. Varnhagen ; pelo menos resta-lhe o gosto de ser o pedante mais afortunado , que tem existido até hoje , porque a ventura deparou-lhe outro pedante , o P. Januario , para o proteger e elogiar. He verdade que causa asco a maneira indecorosa , com que estas duas bestas mutuamente se fazem nojentas caricias , e atiram couces a todo o mundo ; porém o Brazil parece talhado para estas scenas , que tanto depõem contra a inteligencia de seus filhos ! Um recurso , um unico remedio nos fica ainda n'este mar de calamidades , em que fluctuamos , e he apellar para o nosso Imperador. Sim , ainda me resta a esperança de dizer com o Psalmista :

In tribulatione mea invocavi Dominum : Et ad Deum meum clamavi.

.....
Et misit sagittas suas et dissipavit eos : fulgura multiplicavit et conturbavit eos.

« . . . pois que o radical grego de que tai palavra deriva *quer mesmo dizer injuria* » *Ibid. pag. 82.*

« *Mas nada mais fóra da verdade, e até da verosimilhança do que a maneira de se contar a historia dos feitos dos Paulistas, quando expulsaram os Jezuitas em 1640.* » *Ibid. pag. 82.*

Emfim para continuar com esta prova seria antes mister copiar, desde a primeira até a ultima pagina, todo o libello injurioso do Sr. Varnhagen, em que o estylo anda a par do pensamento; nunca a fôrma esteve mais de accordo com a materia, graças aos miólos do pedante libellista.

Eis-ahi, leitores, as reflexões que o Padre Januario, usurpando o nome do Instituto, achou *mui cordatas*: eis-ahi o ferro em brasa que elle pretendeu applicar sobre a minha testa: eis-ahi os grandes erros de que está inçado o meu Compendio, que he por isso *menos recommendavel* que o de Bellegarde: eis-ahi finalmente a capacidade litteraria dos meus dois juizes leigos, dos meus detractores, dos meus pseudo-censores; julgai vós, leitores, julgai, Brasileiros, entre nós pró ou contra, e desde já protesto conformarme com a vossa decisão. Appello para todos, doutos ou indoutos, sem excepção, por que no Brazil ninguem possue menos senso commum, menos lealdade e boa fé do que o Padre Januario e o seu discipulo Varnhagen.

Se ao menos fosse uma critica litteraria, escripta em linguagem portugueza, ainda quando transcendesse as regras da polidez severa, que se requer nas obras d'este character, eu seria o primeiro a desculpal-a, e então a minha resposta se guardaria bem de violar nenhum preceito da urbanidade; mas um libello injurioso, escripto em algaravia de Mouro, de que resalta a cada passo, em cada linha a ignorancia mais crassa da historia do Brazil: um pasquim pregado em lugar publico, sem que eu o soubesse senão depois que outros o tinham lido; e tudo isto contra um homem, que tem direito á uma reputação no seu paiz, e tudo isto mandado arranjar fóra por uma penna estrangeira e de aluguel, para deprimir

o conceito de um escriptor, que acabava de offerecer á sua patria o primeiro corpo completo de historia que ella possui, se não he o cúmulo da perversidade, he ao menos o resultado da estúpida immoralidade do Padre Januario, autor d'este drama infernal. Convinha n'este caso desmascarar a esse impostor, e o fiz de maneira a não deixar duvida; queixei-se por tanto de si mesmo, de sua petulancia ignara, do seu espantoso cynismo.

Todos os meus amigos, e pessoas que me frequentam, sabem que eu não leio sem extractar, e que faço quasi sempre um exame critico de tudo quanto leio. Varias pessoas conhecem algumas d'estas criticas, e sabem que tenho tido os maiores empenhos por copias, afim de serem publicadas; mas até hoje me hei negado constantemente á semelhante pretensão. Respeitando sempre as reputações dos meus patricios, tenho levado o meu escrupulo até as más reputações, como a do Padre Januario, cujo cathalogo de asneiras e de requintada ignorancia está em meu poder guardado para melhor occasião. Entre estas criticas, ou verdadeiros exames analyticos, existem as dos *Annaes* do Visconde de S. Leopoldo, do Novo Principe do Sr. Gama Castro (publicado nesta Córte), do Compendio de Geographia do Sr. Justiniano José da Rocha, do Compendio de Bellegarde, da Historia do Brazil por Constanccio, dos *inimitaveis* Relatorios do Padre Januario, &c, &c. Um amigo intimo do Sr. Rocha sabe, que tive os maiores empenhos para confiar uma copia da critica do seu Compendio, e que me neguei absolutamente a isto, nem o faria nunca senão provocado.

Não he de uma litteratura que começa, como a nossa, que se podem exigir abalisados conhecimentos em todos os ramos do saber humano; escreva quem poder, e o publico apreciará o que tiver merecimento. Obrar de outra maneira, ou atalhar estes passos vacilantes, não com uma critica razoavel, ainda que severa, mas com estúpida arrogancia, e com a pedantaria mais ridicula, em linguagem da Mourama, isto só lembra ao Padre

Januario, insigne Redactor da *Mutuca Picante*, ao homem dos discursos das Commendas para si, ao novo Fr. Gerundio cisatlantico.

Um trabalho, como o que acabo de fazer, forçado e contra a minha natural repugnancia á polemicas d'esta ordem, que me rebaixam a meus proprios olhos, não he obra para repetir-se a cada momento; e o que deixo escripto he mais do que bastante, he até demasiado para a de-feza do meu Compendio, e para satisfazer as pessoas, que me não conhecem de perto, e tenham lido o *Juizo* do Sr. Varnhagen, e a approvação do Instituto; portanto de hoje em diante não responderei mais á uma só palavra do Sr. Varnhagen sobre cousa alguma, que me diga respeito, nem a critica, approvação, ou reprovação do tal Instituto, por *alcunha* do Brazil, principalmente em quanto n'elle tiver a menor ingerencia o Padre Januario. Livre d'essa pustula maligna, serei o primeiro a respeitar o Instituto, quando estiver curado, por que então verei n'elle a assossiação de homens probos, honestos e litteratos, que a presença do Padre Januario exclue de suas reuniões.

Rio de Janeiro 30 de Maio de 1844.



ADVERTENCIA.

Depois de concluida esta resposta, assentei em fazer-lhe algumas notas, que foram escriptas em papel separado do texto, e assim foram para a Imprensa; mas por um descuido, em que tive grande parte, pela minha estada fóra da Cidade durante a impressão, deixaram de entrar cinco d'estas notas em lugar competente, quando se fez a compaginação. E como, entre outras, duas d'ellas são essenciaes para a intelligencia do texto, não tenho outro remedio senão colloca-las no fim, indicando o lugar, onde deviam ter entrado. Pedimos aos nossos leitores mil desculpas por esta falta involuntaria, que, com quanto não seja muito sensivel, torna com tudo um pouco irregular a impressão.

A primeira nota deve ser collocada na pag. 19, linha 25, depois de — Jeronimo de Albuquerque *Coelho* — (*).

(*) Erro grave d'esse pedante he chamar Jeronimo de Albuquerque *Coelho* ao Conquistador do Maranhão, quando só se chamava Jeronimo de Albuquerque, e nunca teve em sua vida o appellido de *Coelho*, com quanto assim o denomine o Padre Casal. Jeronimo de Albuquerque, que tomou depois o sobrenome de *Maranhão*, era natural da provincia de Pernambuco, e filho de Jeronimo de Albuquerque e de D. Maria do Espirito Santo, a qual era filha do Maioral Arco-Verde, Chefe de uma tribu indigena. Porém o Padre Januario, que he muito ignorante da historia do Brazil, tendo visto em alguns livros outros nomes celebres com *Albuquerque Coelho*, assentou para si, que todos os Albuquerque's deviam ser Coelho's por necessidade. Ora, os Albuquerque's Coelho's são os descendentes do donatario Duarte Coelho, cazado que foi com D. Brites de Albuquerque, irmã do pai do Conquistador do Maranhão: d'ahi veiu para os descendentes de Duarte Coelho o appellido de Albuquerque Coelho, ou Coelho de Albuquerque, e para os de seu Cunhado Jeronimo tão sómente o de Albuquerque *sem Coelho*, que nunca tiveram em suas vidas. Vê-se pois que em cada linha d'esse charlatão ha um erro, e em cada palavra um solemne disparate.

A segunda nota deve ser collocada na pag. 22, linha 23, depois das seguintes palavras — contra a intelligencia dos Brasileiros — (*).

(*) Em uma das reuniões geraes do Instituto, onde eu me achava, depois que o Padre Januario acabou de ler o seu Relatorio, e leram outros tambem varias arengas, entre as quaes uma celeberrima Memoria sobre a palavra — Brazil —, disse-me pessoa mui respeitavel e instruida as seguintes palavras, que nunca mais se me apagaram da lembrança: — « Se déssemos tanta importancia á intelligencia e ao saber como damos á ignorancia e ao charlatanismo, de certo que seriamos um dos povos mais civilizados da America. » Então lhe disse eu, que ainda assim nada seria, se muito de proposito não fossem convidar o Corpo diplomatico, e outros estrangeiros para virem presenciar as nossas misérias, e ouvirem, em presença do Imperador, uma prova irrecusavel do nosso atraso intelectual. « Isso, meu amigo, não temo eu, replicou a mesma pessoa, porque de todos esses estrangeiros poucos sabem o portuguez, e nenhum entende o *patuá* do Padre Januario, algaravia que para entendel-a seria mister um estudo particular, por tanto tudo ficou em jejum a este respeito. » Sem embargo eu creio que os taes estrangeiros sempre perceberam pelos gestos do Padre, que tratava de si mesmo em certos lugares, e então veriam, que de pessoa tão indigesta não se podia dizer coisa boa.

A terceira nota deve ser collocada na pag. 62, linha 27 entre as palavras — *gigantes* (*) e *pygmeus*.

(*) Ainda agora deparamos, no mesmo n.º da Revista do Instituto, em que vem o *Juizo* do Sr. Varnhagen, com uma *Informação* do Padre Manoel da Nobrega, um dos primeiros e mais esclarecidos Jesuitas, que vieram ao Brazil, na qual se lê a seguinte passagem. « Ha outra casta de Gentios que chamam « *Gaimares*; he gente que mora pelos matos, e nenhuma com-
« munição tem com os Christãos, pelo que se espantam
« quando nos vêem, e dizem que somos seus irmãos, por-
« que trazemos barbas como elles, as quaes não trazem todos
« os outros, antes se rapam até as pestanas, e fazem buracos
« nos beiços e nas ventas dos narizes, e põem uns ossos n'elles
« que parecem demonios. E assim alguns, principalmente os
« feiticeiros, trazem todo o rosto cheio d'elles. Estes Gentios
« são como gigantes, trazem um arco mui forte na mão, e em
« a outra um pau mui grosso, com que pelejam com os con-
« trarios, e facilmente os espedaçam, fogem pelos matos, e

« são mui temidos entre todos os outros. » Ora bem, Sr. Varnhagen, em que canto vivem os *Gaimares*, onde existem esses gigantes, especie de *Golias* dos tempos modernos, com o seu tremendo arco e a sua clava? E ousareis desmentir o Padre Nóbrega, um dos mais brilhantes luminares da nossa nascente Igreja brazileira? Pois assim como haviam gigantes, tambem haviam pygmeus, como vol-o provarei.

A quarta nota deve ser collocada na pag. 68, linha 10, depois das seguintes palavras — que em Portugal nunca foi independente da Corôa (*).

(*) Como esta minha proposição póde parecer um pouco absoluta, e eu não escrevo só para o Sr. Varnhagen, ou para o Padre Januario, mas tambem para o Publico, devo dizer que só se deve entender desde a repartição das terras do Brazil até hoje, ou desde El-Rei D. João 3.^o, que he a época de que fallo. Com effeito a Ordem dos Cavalleiros de Christo foi creada em tempo d'El-Rei D. Diniz, por Bulla datada em Avinhão aos 14 de Maio de 1319, com o fim de substituir a extincta Ordem dos Templarios, e por consequencia com as mesmas condições, ficando com os bens, que á esta pertenciam em Portugal para seu patrimonio. Os Cavalleiros de Christo, obrigados a servirem na guerra contra os Sarracenos, obraram prodigios de valor, e suas façanhas produziram rivalidades e ciumes entre elles, e os Cavalleiros de S. Thiago e Aviz, cujas intrigas e desavenças eram sustentadas pelos Prelados, Mestres e Balios d'estas tres Ordens.

Informado o SS. Padre Adriano IV, e depois Julio III, de todas estas rixas e desavenças, e convencidos de que só tinham por origem o não estarem aquellas tres Ordens debaixo da direcção de um só Prelado, conferiram a El-Rei D. João 3.^o o Grão Mestrado vitalicio das ditas tres Ordens militares.

Como porém depois da criação do Grão-Mestrado vitalicio na pessoa d'El-Rei D. João 3.^o se desvanecessem as intrigas e ciumes, nomeou o mesmo Julio III, por Bulla expedida em Roma a 4 de Janeiro de 1551 aos Senhores Reis de Portugal Grão-Mestres Perpetuos das ditas tres Ordens, unindo-as *perpetua e plenissimamente á Corôa de Portugal*, ainda cahindo a Realeza em Senhoras ou Menores — Por consequencia o Padroado, quéръ considerado como direito puramente magestatico, quéръ inherente ao Grão-Mestrado da Ordem de Christo, desde El-Rei D. João 3.^o até a independencia, sempre foi no Brazil considerado *como direito inherente á Corôa*.

A quinta nota deve ser collocada na mesma pag. 68, linha 27, depois das seguintes palavras — mas muito e muito temporal — (*).

(*) Também não desejo, que est'outra proposição seja tomada em sentido absoluto, porque póde ser contestada, e eu não venho sustentar theses em direito Canonico. O direito do Padroado, a que chamam os Francezes de Regalia (Regale), sempre foi considerado do dominio temporal, porque nos paizes, onde ha Religião do Estado, ao Supremo Poder cumpre a sua conservação, propagação, e manutenção do culto; e até mesmo onde os Soberanos percebem os fructos das Igrejas vacantes, e de outros beneficios curados, fazem-no em virtude de antigos direitos temporaes, como fundadores e Patronos natos d'essas Igrejas; o que se póde provar com muitos expoitores do direito Canonico.

O Padroado em Inglaterra abrange as duas jurisdicções, espiritual e temporal, porque o Rei he Chefe da Igreja anglicana; porém as Igrejas de Portugal e do Brazil, como catholicas, fazem parte da Igreja universal, cujo Chefe visivel he o Romano Pontifice; por tanto os Reis de Portugal só exerciam o direito espiritual por delegação, como se vê pelas seguintes palavras da citada Bulla de 4 de Janeiro — « E constituimos, e deputamos ao mesmo Rei João, ou ao que adiante fôr de Portugal, e dos Algarves, ou Rainha, ainda que seja *Menor*, por Perpetuo e irrevogavel Administrador, ou Administradora de cada uma das ditas tres Milicias e de seus Mestrados, dos seus direitos, e pertencas sobreditas, assim nas cousas espirituales . como temporaes, &c. » Esta delegação foi a que recusou a Assembléa do Brazil, quando negou o Beneplacito á Bulla impetrada pelo Sr. D. Pedro 1.^o de saudosa memoria, para exercer o Padroado, como o exerciam os Senhores Reis de Portugal, em nome da Ordem de Christo, porque, sendo o Brazil já um Estado independente, entrava no absoluto e plenissimo exercicio da sua soberania, que não admite delegações.

Ainda quando pelo direito canonico e portuguez hajam dois Padroados, um ecclesiastico e outro laical, isto he, um que apresenta e manda examinar, tocando ao Ordinario tão sómente a collação dos beneficios, e outro que só tem o direito de apresentar, e o Ordinario de approvar, examinar, e collar; todavia não se póde confundir a natureza d'esses dois Padroados com o Padroado Real, que abrange um e outro como inherentes á Corôa, e por consequencia ambos de jurisdicção temporal. N'este sentido seguimos hoje a doutrina da Igreja galicana, chamada dos quatro artigos. Se o Sr. Varnhagen duvida do que digo, póde achar melhor prova no Parecer da Commissão, que negou o *Placet* a Bulla impetrada pelo Sr. D. Pedro 1.^o, de que acima fallei.

LISTA DOS SENHORES SUBSCRIPTORES.

Illustrissimos Senhores :

Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti (Coronel)	1
Alexandre Rodrigues dos Anjos (E. P.)	1
Alexandre de Souza Pereira do Carmo (Dr.)	1
Amaro Carneiro Bezerra Cavalcanti	1
Angelo Francisco Carneiro (Commendador)	50
Anselmo José Pinto de Souza Junior (Alferes)	1
A. B. R. Sette	1
Antonio Baptista Gitirana (Dr.)	1
Antonio Borges da Fonseca	1
Antonio Cardoso de Queiroz Fonseca Junior (Capitão)	1
Antonio Carlos Frederico Seara (Alferes)	1
Antonio Cezar de Berredo	1
Antonio Coelho da Silva (Tenente)	1
Antonio Corrêa Seara (Ex. ^{mo} Commandante das Armas)	3
Antonio Domingos Pinto	1
Antonio Epaminondas de Mello	1
Antonio Ferreira da Annuniação (Capitão)	1
Antonio Francisco Bandeira Junior	1
Antonio Francisco de Moura	1
Antonio Francisco da Trindade (Padre)	1
Antonio Francisco Xavier de Vasconcellos	1
Antonio Gonçalves Ferreira	2
Antonio João da Ressurreição e Silva	1
Antonio Joaquim de Mello	1
Antonio Joaquim de Moraes e Silva (Dr.)	1
Antonio Joaquim de Siqueira (Des. Chefe de Policia)	1
Antonio José Alves Ferreira	1
Antonio José de Araujo	1

Antonio José da Cunha	1
Antonio José Gomes do Correio (E. P.)	1
Antonio José Pereira	1
Antonio José Ribeiro de Moraes (E. P.)	1
Antonio José Teixeira Bastos	1
Antonio Lins Caldas (Tenente Coronel)	1
Antonio Luciano da Costa (E. P.)	1
Antonio Luiz do Amaral Silva (E. P.)	1
Antonio Luiz Vieira	1
Antonio Marques d'Amorim	1
Antonio de Paula Souza Leão	1
Antonio Pedro de Figueiredo	1
Antonio Pedro de Souza (Padre)	1
Antonio Peregrino Maciel Monteiro (Ex. ^{mo} Conselheiro.)	2
Antonio Rangel de Torres Bandeira	2
Antonio da Silva Gusmão	1
Antonio da Silva Neves (Dr.)	2
Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond	1
Antonio Vicente do Nascimento Feitosa (Dr.)	1
Bento Bandeira de Mello	1
Bento José Lemenha Lins (Coronel do E. M. do E.)	1
Bernardo Cardoso Ayres	1
Bernardino Freire de Figueiredo A. C.	1
Bruno Antonio de Serpa Brandão	1
Candido Casimiro Guedes Alcanforado	1
C. G. Breckenfeld	1
Carlos Leocadio Vieira	1
Claudino Benicio Machado (Capitão)	1
Claudino do Rego Lima	1
Clemente José Ferreira da Costa (Dr.)	1
Clorindo Ferreira Catão	2
Delfino Gonçalves Pereira Lima	2
Domingos Affonso Neri Ferreira	1
Domingos Germano Affonso Regueira (Padre)	1
Domingos José Marques	1
Domingos das Neves Teixeira Bastos	1
Emilio Joaquim da Silva Maia (Dr.)	2

Estanislão Pereira de Oliveira (E. P.)	1
Evaristo Mendes da Cunha Azevedo (Alferes)	1
Filippe Carneiro de Olinda Campello (Dr.)	1
Felix Francisco de Souza Magalhães	1
Felix Peixoto de Brito e Mello (Dr.)	1
Fernando Antonio Fidié	1
Fernando Francisco de Aguiar Montarroyo (Major)	1
Fernando de Sá e Albuquerque	1
Fidelis Martins Bastos (Medico da Imp. Camara)	1
Firmino José de Oliveira (E. P.)	1
Firmino Pereira Monteiro (Dr.)	1
Florencio José Carneiro Monteiro (Major)	1
Francisco Affonso Ferreira (Dr.)	1
Francisco Antonio das Chagas	1
Francisco Antonio de Souza	1
Francisco Barbosa Nogueira Paes (Coronel)	1
Francisco de Barros Falcão Cavalcanti de Albuquerque	1
Francisco Bernardo Cavalcanti	1
Francisco Borges Mendes (Procurador)	2
Francisco Cavalcante de Mello	1
Francisco Ferreira Barreto (Rev. Pregador Imperial)	2
Francisco Geraldo Moreira Temporal (Alferes)	2
Francisco João Carneiro da Cunha (Dr.)	1
Francisco Joaquim Ribeiro de Brito	1
Francisco José Martins (Coronel do E. M. do E.)	5
Francisco José de Medeiros (Dr.)	1
Francisco José da Silva (Cirurgião)	1
Francisco Ludgero da Paz (Commendador)	1
Francisco de Paula Carneiro Leão (Alferes)	1
Francisco de Paula Ferreira da Anunciação	1
Francisco de Paula Queiroz Fonseca (Capitão)	1
Francisco Ribeiro Pires	1
Francisco da Rocha Paes Barreto (Ten. Coronel)	1
Francisco Rodrigues Sette (Dr.)	1
Francisco Sergio de Oliveira (Ex. ^m Brigadeiro)	1
Francisco Simões da Silva (E. P.)	1
Francisco de Souza Rego Monteiro (Alferes)	1

Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque (Adm. ^{or} do Sello)	1
Francisco Xavier Pereira de Brito	1
Francisco Xavier e Silva	1
Francisco Zuzarte Bahiense	1
Frederico de Almeida e Albuquerque	1
Frederico Augusto de Lemos (E. P.)	1
Galdino Themistocles Cabral da Fonseca (Escrivão)	1
Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drumond (Coronel)	1
Gaspar da Silva Loio	1
Gregorio Antunes de Oliveira	1
Hemeterio José Velloso da Silveira	1
Henrique Cavalcanti de Albuquerque	1
Ignacio Antonio Borges (J. de P. do Recife)	1
Ignacio Francisco Vieira Cavalcanti de Lacerda	1
Ignacio Manoel Viegas	1
Ignacio Neri da Fonseca (Dr.)	1
Ignacio dos Reis Campello (Capitão)	1
Ignacio dos Santos da Fonseca	2
Izidro Fran ^{co} de Paula Mesquita (Ex. ^{ma} V. Presid. da Prov. ^a)	2
Jacintho Affonso Botelho	1
Jenuino José Tavares (E. P.)	1
Jeronimo Pereira Villar	1
João Antonio da Costa e Silva	1
João Baptista Accioli Lins	1
João Baptista de Oliveira Guimarães	1
João Baptista Passos	1
João Bartholomeu Gonçalves da Silva	1
João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão (Dr.)	1
João Bernardino de Vasconcellos (Ajudante)	1
João Carneiro Machado Rios	1
João Cavalcanti de Mello e Albuquerque (E. P.)	1
João Evangelista de Sampaio	1
João Facundo da Silva Guimarães	1
João Germano de Paula (Alferes)	1
João Gualberto Cesar de Vasconcellos B. Cunha	1
João José Lopes Junior (Ajudante)	1
João Joaquim de Figueiredo	1

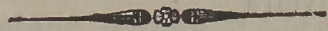
João Manoel Ribeiro do Couto (E. P.)	1
João Pacheco Alves (Tenente)	1
João Paulo Monteiro de Andrade.	1
João Theodoro da Cruz (Alferes)	1
João Vieira Lima (Cav. de Christo).	1
João Affonso Ferreira (E. P.)	1
João de Albuquerque e Mello.	1
João Antonio de Faria Barbosa.	1
João Antonio Gonçalves Lessa (Padre)	1
João Antonio da Silveira.	1
João Aquino da Fonseca (Dr.)	1
João Carneiro Machado Rios (J. de P.)	1
João Claudio Monteiro.	1
João Coelho Cintra.	1
João Elias de Moura (Major).	1
João Francisco Diniz.	1
João Francisco Vianna (Ex. ^{ma} Conselheiro)	1
João José da Costa.	2
João José de Moura.	1
João José de Paiva.	1
João José Pinto Guimarães.	1
João José dos Santos.	1
João Marinho Cavalcanti de Albuquerque (Major)	1
João de Oliveira e Souza.	1
João Pinto de Campos (Padre)	1
João de Pontes Marinho (Capitão)	1
João Rodrigues de Almeida.	1
João da Silva Pereira.	1
João Teixeira Peixoto de Abreu e Lima (Desembargador)	5
João Vilella de Castro Tavares (Dr.)	1
João Victor Ferreira Lopes (Tenente)	1
João Alexandre Ribeiro.	1
João dos Anjos Vieira do Amorim (Dr.)	1
João Antonio de Brito Bastos.	1
João Antonio Lopes.	1
João Antonio de Magalhães Bastos.	1
João Antonio Pereira Ibiapina (Dr.)	1

- José Antonio da Silva Junior. 1
José de Barros Falcão de Lacerda (Coronel do E. M. do E.) 3
José Bento da Costa. 1
José Bento da Cunha e Figueiredo (Dr.) 1
José Bernardo Galvão Alcanforado (Dr.) 2
José Candido de Barros (Ten. Coronel) 1
José Cardoso de Queiroz Fonseca. 1
José Carlos Texeira (Major) 1
José Claudino Leite. 1
José Clemente dos Santos Siqueira (Secretario do C. P.) 1
José Egidio Ferreira (Major.) 1
José Esteves Vianna. 1
José Filippe Neri da Silva. 1
José Francisco de Arruda Camara (Dr.) 1
José Francisco Gonçalves (E. P.) 1
José Francisco de Paula (Alferes) 1
José Francisco Pinto Guimarães (Dr.) 1
José Guedes Salgueiro (E. P.) 1
José Higinio de Miranda. 1
José Ignacio de Medeiros Rego Monteiro (Tenente) 1
José Jacintho dos Santos (E. P.) 1
José Jeronimo de Souza Limoeiro (E. P.) 1
José Joaquim Antunes (Alferes) 1
José Joaquim da Costa Leite. 1
José Joaquim da Silva Guimarães 1
José Lopes Rosa (E. P.) 1
José Luiz da Silva Guimarães. 1
José Marcellino Alves da Fonseca 1
José Maria Gonçalves Ramos. 1
José Martins da Cruz. 1
José Mendes de Freitas. 1
José Nicoláo Ragueira Costa (Dr.) 1
José Peres da Cruz. 1
José Pires Ferreira. 1
José Raymundo da Costa Menezes. 1
José Rabello Padilha (Capitão) 1
José Rodrigues do Passo. 1

José da Silva Guimarães (Major)	1
José Soares de Azevedo.	1
José Thomaz de Campos Quaresma	1
José Thomaz da Silva (E. P.)	1
Luiz Affonso de Albuquerque Maranhão	1
Luiz Antonio Sequera	1
Luiz Antonio de Siqueira	1
Luiz Antonio da Silva Guimarães (Rev. Vigario)	1
Luiz de França Rodrigues Ramos.	1
Luiz Francisco Paes Barreto (Major)	1
Luiz Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão	1
Luiz Leger Vauthier (Engenheiro da Provincia)	1
Luiz Paulino Vellez Guivara (Dr.)	1
Luiz de Pinho Borges (Capitão)	1
Luiz Rodrigues Sette (E. P.)	1
Manoel Alves Guerra.	1
Manoel de Almeida Lima.	1
Manoel Antonio Martins Pereira (Alferes)	1
Manoel Antonio da Silva Antunes.	1
Manoel Antonio Viegas (J. de P. de S. Antonio)	1
Manoel Baptista Sanches.	1
Manoel Bernardino Monteiro.	1
Manoel Bizerra do Valle (Major).	1
Manoel Caetano Soares (Dr.)	1
Manoel Caetano Soares Carneiro Monteiro.	1
Manoel Camello Pessoa (Subdelegado de S. José)	1
Manoel Elias de Moura.	1
Manoel Filippe da Fonseca Candi	1
Manoel Ferreira Deniz.	1
Manoel Florencio Alves de Moraes.	1
M. F. de Moura.	1
Manoel Gomes da Cunha Silva	1
Manoel Gonçalves Ferreira e Silva	1
Manoel Henriques Wanderley.	1
Manoel José Antunes	1
Manoel José da Costa (Ten. Coronel)	2
Manoel José Domingues Codeceiro	1

Manoel José de Oliveira Accioli (Rev. Vigario)	1
Manoel José da Silva Braga	1
Manoel José Soares de Avellar	1
Manoel José Vieira da Silva	2
Manoel Joaquim Ramos e Silva	1
Manoel Joaquim Silveira. §	1
Monoel Lopes Maciel (Tenente)	1
Manoel do Nascimento da Costa Monteiro	1
Manoel do Nascimento Fonseca	1
Manoel Pedro de Souza (Alferes)	1
Manoel Pereira de Moraes	1
Manoel Romão de Carvalho	1
Manoel da Silva Neves	1
Manoel de Souza Leão (Major)	1
Manoel Teixeira Peixoto (Dr.)	1
M. Carneiro Junior.	1
Miguel Felicio da Silva	1
Miguel José de Almeida Pernambuco	1
Miguel do Sacramento Lopes Gama (Rev. Conego da I. Capella)	2
Nuno Maria de Seixas (V. C. da H.)	1
Paulo José Alves da Silva	1
Pedro Alexandrino de Barros Cavalcanti (C. Geral do C. de P.)	1
Pedro Autran da Mata Albuquerque (Dr.)	1
Pedro Dornellas Pessoa (Dr.)	1
Pedro Gaudiano de Rates Silva	1
Pedro José Carneiro Monteiro	1
Rodolfo João Barata de Almeida	1
Santos Neves e Guimarães	1
Serafim Alves da Rocha Bastos	1
Silvano Thomaz de Souza Magalhães	1
Simplicio José de Mello (Professor)	1
Thomaz José da Silva Gusmão Junior.	1
Thomé da Silva Guimarães (Padre)	1
Torquato Henrique da Silva	1
Trajano Cezar Burlamaque (Coronel do E. M. do E.)	1
Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo	1
Visconde de Goiana (Ex. ^m)	1

SUPPLEMENTO.



Illustrissimos Senhores:

Adolpho Schmidt.	1
Affonso de Albuquerque Mello	1
Affonso Peres de Albuquerque Maranhão	1
Agnello Biserra de Menezes.	1
Alexandre Francisco de Seixas Machado	1
Anacleto Gonçalves de Faria	1
Antonio Agnello Ribeiro	1
Antonio Alves Barbosa	1.
Antonio Alves Vianna (Coronel).	5
Antonio Annes Jacome Pires Junior	1
Antonio de Araujo e Albuquerque	1
Antonio Benicio Saraiva Leão	1
Antonio Borges Uchôa.	1
Antonio Caetano de Almeida Bahia	1
Antonio Carlos de Pinho Borges (Tenente Coronel)	1
Antonio Coêlho de Mello	1
Antonio Ferreira Mendes Guimarães	1
Antonio Francisco Monteiro (Rev. Vigario).	1
Antonio Francisco Paes Barreto	1
Antonio Francisco Pereira de Carvalho	1
Antonio Gomes Chacon de Lião	1
Antonio Gomes Pessoa	1
Antonio Henriques Mafra	1
Antonio João da Costa e Sá	1
Antonio Joaquim Buarque Junior.	1
Antonio José de Oliveira	1

Antonio Manoel dos Santos Caminha	1
Antonio Marcellino Nunes Gonçalves	1
Antonio Maria de Miranda Oliveira	1
Antonio Pedro Tavares	1
Antonio Rufino da Silva Barboza	1
Antonio Vital de Oliveira	1
Arcenio. F. da Silva	1
Augusto Leal de Menezes	1
Balthazar d'Araujo e Aragão Bulcão	1
Bartholomeu Francisco de Souza	1
Bento Bittancourt Berenguer Cesar	1
Bento da Costa Villar	1
Bento José Alves Vianna	2
Bento José Fernandes Barros	1
Bento José Taveira	1
Bernardino Candido da Cunha Uchôa	1
Bernardo Augusto Sarmiento.	1
Bernardo José Vieira Coutinho	1
Braz Carrilho do Rego Barros	1
Caetano José da Silva Santiago	1
Caetano do Rego Toscano	1
Candido Emigdio Pereira Lobo	1
Canuto José da Silva e Lobo	1
Carlos Fernando Ribeiro	1
Carlos José Machado de Araujo	1
Carlos Martins de Almeida (Major)	1
Carlos de Souza Martins	1
Celestino Antonio de Moraes Gonzaga	1
Claudio Dubx	1
Diogo Antonio de Faria.	1
Dionizio José Alves dos Santos	1
Domingos Gomes Ferreira	1
Domingos Ribeiro Folha	1
E. Fenton	1
Espiridião Eloy de Barros Pimentel	1
Evaristo Fernandes dos Reis	1
F. Aug. Zietz	1

Faustino José dos Santos	1
Feliciano Gomes de Araujo	1
Filippe Alves de Oliveira	1
Fernando José de Almeida	1
Fernando Pereira de Castro Junior	1
Fortunato Cardoso de Gouveia	1
Francisco d'Albuquerque Maranhão Cavalcanti	1
Francisco Alexandre de Figueiredo	1
Francisco Alves da Silva	1
Francisco Antonio Coelho	1
Francisco Antonio do Espirito Santo	1
Francisco Antunes Ferreira	1
Francisco da Anunciação Pinto Guedes	1
Francisco de Araujo Correia e Albuquerque	1
Francisco d'Assiz Oliveira	1
Francisco Augusto de Oliveira	1
Francisco Cordeiro Cavalcanti (Major)	1
Francisco Felix Villar de Carvalho	1
Francisco Fernandes da Ressurreição	1
Francisco Fernandes Thomaz	1
Francisco Gonçalves da Costa Cabral	1
Francisco Hermenegildo de Carvalho	1
Francisco Honorio Bizerra de Menezes (Tenente Coronel)	1
Francisco Joaquim Pereira Lobo (Tenente Coronel)	2
Francisco Joaquim da Silva e Souza	1
Francisco Mamede de Almeida (Coronel)	1
Francisco Marques dos Santos	1
Francisco de Paula dos Guimarães Peixoto	1
Francisco de Paula Gonçalves da Silva	1
Francisco de Paula Norberto de Andrade	1
Francisco de Paula Rodrigues de Almeida	1
Francisco Sergio de Mattos	1
Francisco Severino Cavalcanti Lacerda	1
Francisco V. dos Santos	1
Francisco Xavier Cavalcanti de Albuquerque Junior	2
Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond Junior	1
Gasparino Moreira Castro	1

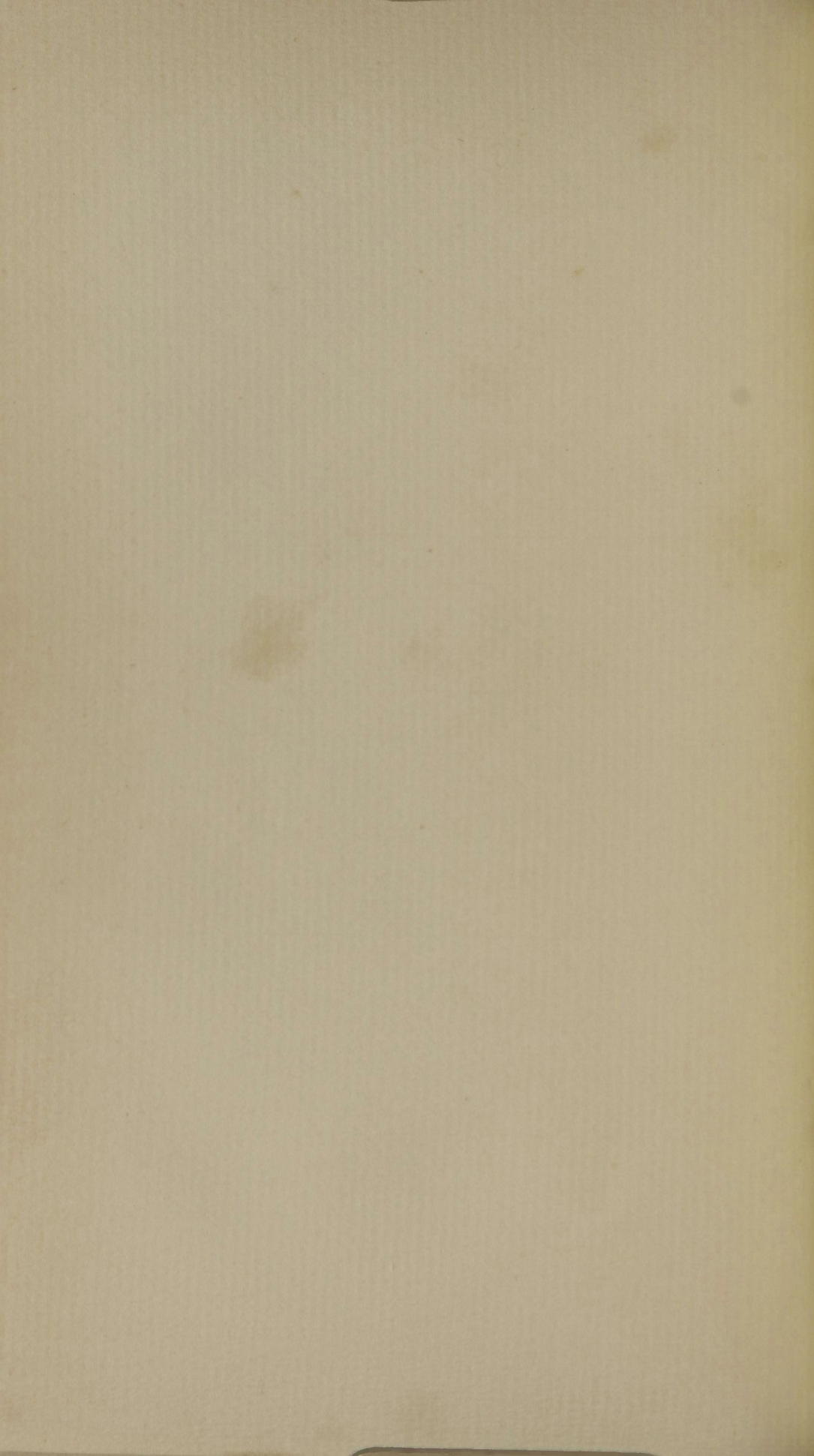
Genuino Florentino de Paula (Padre)	1
George Smtihett	1
Guilherme Rodrigues Xanda	1
Guilhermino Clemente Marques Bacalhão	1
Gustavo José do Rego	1
Henrique G. Stepple	1
Henrique Maria Pereira de Magalhães	1
Herculano de Araujo Salles	1
James Grant Taylor	1
J. H. H. Holm	1
J. Hezuood	1
J. L. Neto de Mendonça	1
J. Manioll	1
J. P. Moreira.	1
Jeronimo Cabral Raposo da Camara	1
João Aguido Biserra de Menezes.	1
João Alves Pragana	1
João Alves Vianna	2
João Baptista do Amaral e Mello (Capitão)	1
João Baptista Moreira Junior.	1
João Baptista Pereira Lobo (Commendador)	3
João de Caldas Ribeiro Campos	1
João Carneiro Rodrigues Campello	1
João de Carvalho Paes de Andrade.	1
João Clemente Pessoa de Mello	1
João da Costa Lima e Castro	1
João da Costa Villar	1
João Dias Coutinho de Araujo Pereira	1
João Evangelista da Costa e Silva	1
João Filippe dos Santos	1
João Francisco Duarte Junior	1
João de Freitas Barboza	1
João Licio Marques.	1
João Luiz Freire	1
João Lustosa da Cunha Paranaguá	1
João Maria de Albuquerque Oliveira	1
João de Pinho Borges	1

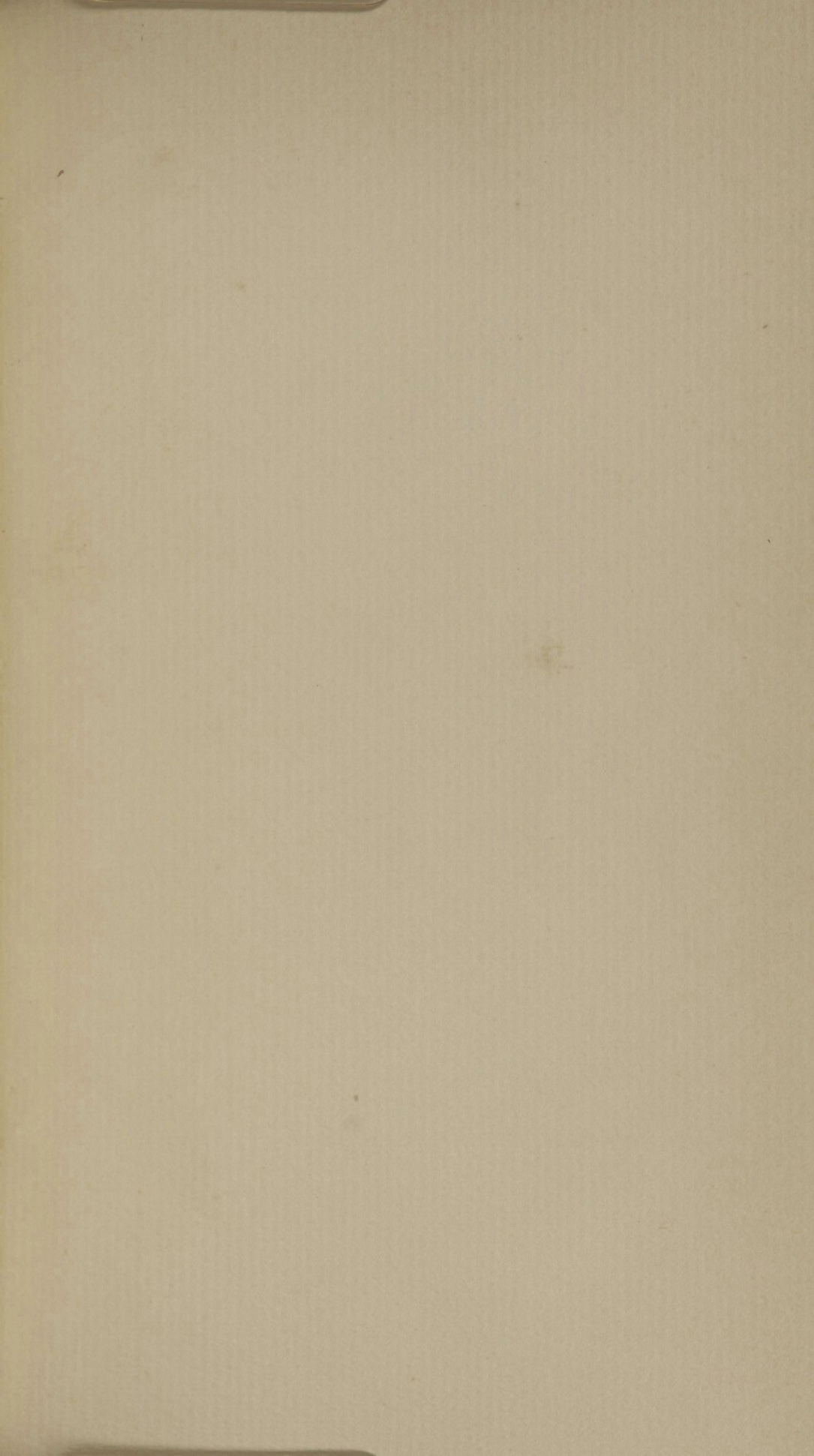
João Pinto de Lemos Junior	1
João Tavares de Mello Cavalcanti	1
João Valentim Villela	1
João Xavier Ribeiro de Andrade	1
Joaquim Antonio de Faria Abreu e Lima	1
Joaquim Antonio de S. Thiago Lessa	1
Joaquim Bernardo de Figueiredo	1
Joaquim Cardozo Ayres	1
Joaquim Correia da Silva	1
Joaquim Eduardo Pina	1
Joaquim Elviro de Moraes Carvalho.	1
Joaquim Francisco Cavalcanti Lins.	1
Joaquim Francisco de Miranda.	1
Joaquim Francisco Ribeiro Coutinho	1
Joaquim Jeronimo Fernandes da Cunha	1
Joaquim José de Miranda Junior.	1
Joaquim Maria Ribeiro de Andrade.	1
Joaquim Procopio de Figueiredo	1
Joaquim Vieira de Mello.	1
Joaquim Xavier da Maia.	1
José A. L. Guimarães	1
José Affonso Pereira da Silva.	1
José Alves de Souza Rangel.	1
José Angelo Marcio da Silva.	1
José Antonio de Carvalho	1
José Antonio Pinto.	1
José de Aquino Fonseca.	1
José Ascenço Costa Ferreira Junior.	1
José Botelho Araujo Carvalho.	1
José Camello do Rego Barros.	1
José Candido Dias.	1
José Carneiro Rodrigues Campello.	1
José Coelho de Oliveira.	1
José Fernando da Cruz.	1
José Francisco Ribeiro de Souza.	2
José Gabriel Pereira de Lira	1
José Ignacio Soares de Ataíde.	1

José Jeronimo Pimentel.	1
José Joaquim Camello de Andrade (Rev. Vig. Encom.)	1
José Joaquim Dias do Rego.	1
José Joaquim Ferreira Valle.	1
José Justiniano Castello Branco.	1
José Lazary.	1
José Luiz Ferreira da Silva.	1
José Luiz da Silva Barboza.	1
José Maria de Albuquerque Mello,	1
José Maria Cardoso.	1
José Maria da Costa Mattos.	1
José Maria da Cruz.	1
José Maria Moscoso Veiga Pessoa.	1
José Maria Palmeira.	1
José Machado Freire Pereira da Silva	1
José Mauricio d'Oliveira Maciel	1
José Mendes Carneiro Leão.	1
José Pacheco de Moraes Albuquerque Maranhão.	1
José Pereira de Andrade.	1
José Rodrigues dos Passos Junior.	1
José de Sá e Albuquerque Mello Gadêlha.	1
José Teixeira Bastos	1
José Theodoro de Sena.	2
Ismael da Cruz Gouveia.	1
Julião Gonçalves dos Santos.	1
Julião Tegetmeier.	1
Justiniano Antonio da Rocha	1
Leonardo Antunes Meira Henriques (Padre)	1
Leonardo M. de Lemos.	1
Leonel Estellita Fernandes Netto.	1
Lourenço Antonio de Castro Rego.	1
Luiz Alves de Carvalho.	1
Luiz Antonio de Araujo Portella.	1
Luiz Antonio Barboza de Brito	1
Luiz Antonio Favilla Junior.	1
Luiz Antonio Pereira Franco Filho.	1
Luiz Duarte Pereira (Dr.)	1

Luiz Ignacio de Andrade Lima (Padre.)	1
Luiz Lopes Castello Branco.	1
Luiz Pedro das Neves.	1
Manoel Caetano d'Almeida e Albuquerque.	1
Manoel Cardoso da Fonseca.	1
Manoel Carneiro de Souza Lacerda.	2
Manoel Gonçalves Vianna.	1
Manoel Firmino de Mello.	1
Manoel Francisco Marques	1
Manoel Gonçalves da Cruz.	1
Manoel Ifigenio da Silva.	1
Manoel Ignacio Carneiro Monteiro.	1
Manoel Joaquim Pereira Lobo	1
Manoel José Correia da Camara	1
Manoel José dos Guimarães Peixoto	1
Manoel José Serpa.	1
Manoel José da Silva Neiva	1
Manoel Maria d'Amaral .	1
Manoel Maria Rodrigues do Nascimento	1
Monoel Martins Ribeiro .	1
Manoel Netto Carneiro Leão (Capitão) .	1
Manoel d'Oliveira Cavalcanti d'Albuquerque	1
Manoel Pereira de Moraes (Capitão)	1
Manoel de Sá e Souza	1
Manoel Simoens	1
Manoel de Souza Garcia	1
Manoel Thomaz Rodrigues Campello	1
Marcellino José Vidal	1
Marcolino Ferreira Catão	1
Marcos Correia da Camara Tamarindo	1
Marcos Fernandes da Anunciação .	1
Martiniano Pereira Correia de Andrade (Rev. Vigario) .	1
Mathias José de Carvalho	1
Miguel Biserra Cavalcanti.	1
Miguel Lins da Silva	1
Nicoláo Lobo Vianna	1
Paulino Augusto da Silva Freire	1

Paulino da Costa Braga	1
Paulo Affonso de Faria	1
Pedro d'Alcantara Faria d'Abreu e Lima	1
Pedro Antonio da Costa Moreira	1
Pedro Izidoro Xavier de Mello	1
Pedro Joaquim José de Souza	1
Pedro José de Vasconcellos	1
Pedro Leal de Menezes	1
Pedro Marciano.	1
Pedro Miguel Domayné Vianna	1
Pedro Muniz Barreto d'Aragão	1
Policarpo José Dias da Cruz	1
Procopio Marques de Araujo Goes	1
Raymundo Antonio de Carvalho	1
Ricardo Pereira da Rocha Lima	1
Rodrigo Cavalcanti de Albuquerque Maranhão	1
Sebastião José da Fonseca e Silva.	1
Sebastião José da Silva Braga Junior	1
Simplicio Hemeterio Machado	1
Theodoro Gonçalves d'Oliveira.	1
Tiburcio Valeriano Baptista	3
Tito Antonio Furtado de Mendonça.	1
Thomaz Antonio de Villa Nova	1
Thomaz José dos Santos.	1
Thomaz José da Silva Gusmão.	1
Thomé Fernandes Madeira de Castro	1
Trajano Carneiro Rodrigues Campello	1
Venancio Henrique de Resende Mendonça	1
Vicente Alves de Souza Carvalho	1
Victoriano José Palhares	1
Zacarias Antonio de Brito Vasconcellos.	1
William Bauch.	1





8123

